



ESTRATÉGIAS DE IMPLEMENTAÇÃO E FORTALECIMENTO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO BRASIL

Mapeamento das experiências da Agricultura Urbana e Periurbana nos serviços de Saúde e Assistência Social

UFMG

GEPPAAS

Programa Nacional de
agricultura
URBANA

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
E ASSISTÊNCIA SOCIAL,
FAMÍLIA E COMBATE À FOME

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

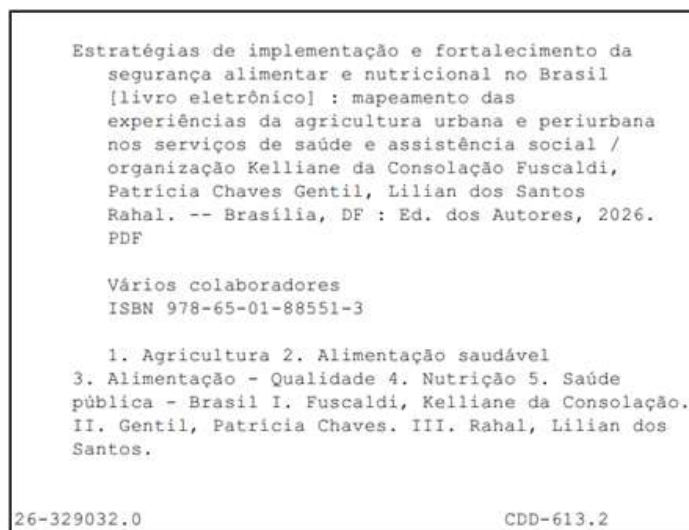


ESTRATÉGIAS DE IMPLEMENTAÇÃO E FORTALECIMENTO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO BRASIL

**Mapeamento das experiências da Agricultura Urbana e Periurbana
nos serviços de Saúde e Assistência Social**

© **Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome**

Esta é uma publicação técnica da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional



Ficha catalográfica

Gerente de Projetos em Comunicação: Clarita Rickli (SESAN/MDS)

Organizadores: Coordenação-Geral de Agricultura Urbana e Periurbana / Departamento de Alimentação Adequada e Saudável / Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CGAUP/DESAU/SESAN) e Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Ambiente Alimentar e Saúde (GEPPAAS/UFMG)

Coordenação e revisão do Editorial: Kelliane da Consolação Fuscaldi e Larissa Loures Mendes

Projeto Gráfico e Diagramação: Thiago Sousa (ASCOM/MDS)

Elaboração do texto: Nayhanne Gomes Cordeiro; Letícia Lopes Vieira; Bruna Vieira de Lima Costa; Larissa Loures Mendes

Janeiro de 2026

Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome
Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
Esplanada dos Ministérios, Bloco C, 4º andar, Sala 400
CEP: 70.054-906 - Brasília/DF
<http://www.mds.gov.br>

Central de Relacionamento do MDS: 121



**Representantes do Ministério do
Desenvolvimento e Assistência Social,
Família e Combate à Fome**

**Ministro do Desenvolvimento e Assistência
Social, Família e Combate à Fome**

José Wellington Barroso de Araújo Dias

Secretário-Executivo

Osmar Ribeiro de Almeida Júnior

**Secretária Nacional de Segurança
Alimentar e Nutricional**

Lilian dos Santos Rahal

**Diretora do Departamento de Alimentação
Adequada e Saudável**

Patrícia Chaves Gentil

**Coordenadora-Geral de Agricultura Urbana
e Periurbana**

Kelliane da Consolação Fuscaldi

Equipe de Apoio

Andreza Seixas

Caroline Camila Moreira

Diógenes Alencar Bolwerk

Jaqueline Lima Liskoski

Leônidas Pompeu Leão Velloso

Lígia Alves dos Santos

**Representantes do Grupo de Estudos,
Pesquisas e Práticas em Ambiente
Alimentar e Saúde da Universidade Federal
de Minas Gerais**

**Coordenadora do GEPPAAS e Professora
Departamento de Nutrição da Universidade
Federal de Minas Gerais**

Larissa Loures Mendes

**Pesquisadora do GEPPAAS e Professora do
Departamento de Nutrição da Universidade
Federal de Minas Gerais**

Milene Cristine Pessoa

**Pesquisadora do GEPPAAS e Professora do
Departamento de Nutrição da Universidade
Federal de Minas Gerais**

Bruna Vieira de Lima Costa

Pesquisadoras do GEPPAAS

Letícia Lopes Vieira

Nayhanne Gomes Cordeiro

Giovana Gaglianone Lemos

Brenda da Cunha Carvalho



Este documento só foi possível graças à participação ativa e ao engajamento de todas as pessoas que contribuíram com suas propostas para o Edital da Chamada Pública MDS/SESAN nº 01/2024. O Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) manifesta seu profundo reconhecimento pela relevância e abrangência deste processo, destacando a importância de identificar, valorizar e apoiar iniciativas de Agricultura Urbana e Periurbana. Essas ações são essenciais para fortalecer a segurança alimentar e nutricional, promover a sustentabilidade e fomentar a inclusão social e produtiva, contribuindo para um Brasil mais justo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PROGRAMA NACIONAL DE AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA	13
3	LINHA DO TEMPO: PRINCIPAIS MARCOS DA AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA (AUP) NO BRASIL	15
4	PROCESSO DE AVALIAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS	18
4.1	PRIMEIRA FASE: TRIAGEM E HOMOLOGAÇÃO	20
4.2	SEGUNDA FASE: AVALIAÇÃO DETALHADA	20
5	INSPIRAÇÕES EM AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA: AÇÕES APROVADAS	22
5.1	REGIÃO NORDESTE	23
5.1.1	<i>Horta comunitária agroecológica urbana no sertão baiano</i>	23
5.1.2	<i>Agroflorestas na promoção da agricultura urbana e periurbana: saúde se planta</i>	26
5.1.3	<i>Hortas sociais - Prefeitura de Fortaleza</i>	30
5.1.4	<i>Hortas para a liberdade</i>	33
5.1.5	<i>Práticas agroecológicas para a melhoria da segurança alimentar e nutricional e a contenção da perda de biodiversidade urbana: uma experiência em Cabedelo</i>	38
5.1.6	<i>Implantação de hortas pedagógicas em escolas públicas no estado de Sergipe</i>	41
5.1.7	<i>Potencialidades e desafios da plantação de uma agrofloresta comunitária como atividade promotora de saúde em uma unidade de saúde da família</i>	45
5.1.8	<i>Projeto Mãos Solidárias - Rede Hortas Populares Agroflorestais Agroecológicas</i>	47
5.2	REGIÃO SUDESTE	49
5.2.1	<i>Horta Vila Pinho e a política pública de agricultura urbana em Belo Horizonte</i> ...	49
5.2.2	<i>Agroecologia e segurança alimentar nos serviços de saúde de Belo Horizonte</i>	54
5.2.3	<i>Hortas comunitárias e escolares, uma estratégia de cidade sustentável</i>	57
5.2.4	<i>Horta urbana: investindo na agroecologia, promovendo a alimentação saudável</i>	65
5.2.5	<i>Horta Terapia</i>	68
5.2.6	<i>Horta do CRAS Itanhandu</i>	71
5.2.7	<i>Projeto Que Mato É Esse?</i>	73
5.2.8	<i>Preservando o Cultivar</i>	77
5.2.9	<i>Agroecologia na Ação da Cidadania</i>	78
5.2.10	<i>Agricultura urbana da favela: a Providência Agroecológica</i>	83
5.2.11	<i>Projeto Horta na Saúde: saúde, acesso, ambiência, consciência, sustentabilidade</i>	86
5.2.12	<i>Hortas Urbanas Sustentáveis (HUS): promovendo sustentabilidade e bem-estar em espaços ociosos</i>	90

5.2.13	<i>Um novo caminho para a produção agrícola através da diversificação produtiva.....</i>	93
5.2.14	<i>Cozinha Comunitária: segurança alimentar, inclusão produtiva e sustentabilidade.....</i>	95
5.2.15	<i>A horta como potencial de inclusão e aprendizagens.....</i>	97
5.2.16	<i>Jovens Sementes.....</i>	100
5.2.17	<i>Horta Florescer: troca de saberes e fortalecimento de vínculos.....</i>	105
5.2.18	<i>Horta das Corujas Mário Shinohara.....</i>	107
5.2.19	<i>Promoção de segurança, soberania e sustentabilidade alimentar em comunidades urbanas.....</i>	113
5.2.20	<i>Projeto Horta Comunitária do e no CRAS Nova Esperança.....</i>	117
5.2.21	<i>Nossa Horta Comunitária/Farmácia Viva Tancredão – oito anos de resiliência.....</i>	122
5.2.22	<i>Hortas agroecológicas e comunitárias – Movimento Tô Aqui: solidariedade, soberania alimentar e desenvolvimento comunitário em Piracicaba.....</i>	125
5.2.23	<i>Horta Pedagógica da Vovó GiGi.....</i>	128
5.2.24	<i>Horta da FMUSP.....</i>	130
5.3	REGIÃO SUL.....	133
5.3.1	<i>A Implementação do uso de plantas medicinais em uma unidade básica de saúde: relato de experiência.....</i>	133
5.3.2	<i>Atuação da Fazenda Urbana de Curitiba na difusão da agricultura urbana e periurbana junto a serviços de saúde e assistência social.....</i>	135
5.3.3	<i>Horta acessível CRAS São Braz.....</i>	139
5.3.4	<i>Hortas solidárias – promovendo saúde, inclusão, bem-estar social, geração de trabalho e renda.....</i>	142
5.3.5	<i>Projeto Compostroca: integração de compostagem e agricultura urbana em Curitiba.....</i>	147
5.3.6	<i>Gestão de Resíduos Orgânicos.....</i>	150
5.3.7	<i>Horta comunitária urbana, a experiência do Centro de Referência da Assistência Social-CRAS Ampliado Restinga.....</i>	152
5.3.8	<i>Hortas urbanas no contexto da curricularização da extensão: uma experiência dos estudantes de gestão do agronegócio do IFSC câmpus Lages.....</i>	156
5.3.9	<i>Oficina Cultivando Vínculos / Horta Madre Siembra / CRAS Continente II.....</i>	157
5.4	CENTRO OESTE.....	161
5.4.1	<i>Horta comunitária do Guará.....</i>	161
5.4.2	<i>Rede de Hortos Agroflorestais Medicinais Biodinâmicos (RHAMB) na Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES/DF).....</i>	167
6	AGRADECIMENTOS.....	174
7	REFERÊNCIAS.....	176

APRESENTAÇÃO

O Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) tem como missão promover a inclusão social, a segurança alimentar e nutricional, a assistência social e a garantia de renda para a população em situação de vulnerabilidade, atuando de forma articulada entre os entes federativos, a sociedade civil e parceiros institucionais. Recriado em 2023, o MDS reafirma o compromisso do Estado brasileiro com o enfrentamento da fome, da pobreza e das desigualdades, em consonância com os desafios contemporâneos do desenvolvimento sustentável.

Para organizar suas iniciativas, o MDS conta com oito Secretarias Nacionais, incluindo a Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, que, dentre suas atribuições, coordena e fortalece o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana (PNAUP), instituído pela Portaria nº 467/20181 e atualizado pelo Decreto nº 11.700/20232. O PNAUP é interministerial, envolvendo o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, e o Ministério do Trabalho e Emprego.

Diante da intensificação da urbanização, dos impactos das mudanças climáticas e da necessidade de fortalecer sistemas alimentares urbanos mais justos, resilientes e sustentáveis, a agricultura urbana e periurbana (AUP) se consolida como uma estratégia relevante de mitigação e adaptação climática, além de ampliar o acesso a alimentos adequados e saudáveis. Quando integrada às políticas públicas, essa prática contribui para a inclusão socioprodutiva, a promoção da saúde, o fortalecimento da proteção social e a construção de cidades mais verdes e inclusivas.

Nesse contexto, no âmbito do PNAUP, compete ao MDS realizar o mapeamento de experiências, a gestão de informações e a promoção da AUP nos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional, de forma integrada aos serviços de saúde e de assistência social. Essas ações visam fortalecer e articular iniciativas que apoiem a produção de alimentos em equipamentos públicos e em territórios urbanos e periurbanos.

A integração entre o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, o Sistema Único de Assistência Social e o Sistema Único de Saúde fortalece abordagens intersetoriais capazes de enfrentar, de forma integrada, a insegurança alimentar, a má nutrição e suas múltiplas determinações sociais, territoriais e ambientais, sendo fundamental para a efetividade das políticas públicas e para a garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada.

Nesse sentido, a AUP, quando incorporada aos serviços e aos equipamentos públicos, pode potencializar ações de promoção da alimentação adequada e saudável, segurança alimentar e nutricional, cuidado integral e proteção social, contribuindo para o fortalecimento de sistemas alimentares urbanos mais equitativos, resilientes e sustentáveis.



Esta publicação resulta do mapeamento nacional de experiências de AUP desenvolvidas nos serviços de saúde e assistência social, realizado pelo MDS em parceria com o Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Ambiente Alimentar e Saúde da Universidade Federal de Minas Gerais. O levantamento busca dar visibilidade às iniciativas existentes, estimular sua ampliação e qualificação, e subsidiar a produção de conteúdos técnicos que apoiem a implementação e o fortalecimento de estratégias de segurança alimentar e nutricional, alinhadas à agenda climática e à consolidação de sistemas alimentares urbanos sustentáveis no Brasil.

Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome



INTRODUÇÃO



A Constituição Federal de 1988 reconhece o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e à Saúde como direitos sociais e atribui ao Estado a responsabilidade de, por meio de políticas sociais e econômicas, reduzir o risco de doenças e agravos à saúde, garantindo acesso universal e igualitário às ações e serviços necessários¹, assim como a promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), essencial para a saúde pública e o desenvolvimento sustentável².

A SAN transcende o acesso aos alimentos, abarcando a oferta e o consumo de alimentos in natura³ e minimamente processados, que promovem a saúde e previnem doenças crônicas não transmissíveis⁴. O Guia Alimentar para a População Brasileira reforça a importância de evitar alimentos ultraprocessados e priorizar os alimentos frescos, alinhando-se a estratégias que asseguram a alimentação adequada e saudável⁵.

Nesse contexto, o Plano Brasil Sem Fome (BSF), lançado em 2023 pelo MDS, envolve 24 ministérios e visa assegurar o acesso a alimentos para famílias em situação de vulnerabilidade social⁶. Em 2023, 14,7 milhões de pessoas deixaram de passar fome, indicando o impacto positivo das políticas implementadas⁷, e em 2025, o Brasil saiu mais uma vez do Mapa da Fome.⁸

Além de outros programas e políticas, a agricultura urbana e periurbana (AUP) desempenha um papel essencial na garantia da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), ao produzir alimentos de forma sustentável, fortalecer a economia local e promover a conscientização ambiental. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) destaca a AUP como uma estratégia eficaz tanto para combater a fome quanto para aumentar a resiliência comunitária, especialmente em áreas metropolitanas⁹. A integração da AUP a sistemas públicos amplamente utilizados, como o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), potencializa o impacto positivo dessas práticas e amplia o alcance intersetorial das políticas públicas^{10,11}.

1 Brasil (2010).

2 Monteiro e outros (2010).

3 Alimentos in natura: Obtidos de plantas ou animais e adquiridos para consumo sem terem sofrido processamento.

4 Brasil (2014).

5 Monteiro e outros (2018).

6 Brasil (2024).

7 Brasil (2024).

10 ONU (2025).

9 Oliveira e Andrade (2021).

10 Brasil (2021).

11 FAO (2023).



A AUP contribui para a redução de impactos ambientais, fortalece a capacidade das comunidades de enfrentar crises, como desastres naturais, e melhora a SAN. Investir em infraestrutura e políticas de apoio à AUP, portanto, pode ajudar a criar sistemas alimentares mais robustos e resilientes, capazes de enfrentar crises futuras de forma mais eficaz¹². Além disso, implementar ações de AUP para além dos espaços já existentes, como nas escolas, é crucial para maximizar os benefícios dessas práticas em outros serviços, assim como ampliar o acesso a alimentos frescos e saudáveis, promover a sustentabilidade ambiental e conscientizar a população sobre a importância da produção sustentável de alimentos e suas vantagens ambientais e sociais. Quando o cidadão se aproxima da AUP, é possível integrar essas práticas no cotidiano das comunidades, tornando-as parte de suas rotinas e ambientes familiares, bem como incorporá-las em sistemas públicos amplamente utilizados e acessíveis, como o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS)¹³.

A colaboração entre diferentes setores do governo, organizações não-governamentais e a sociedade civil é essencial para o sucesso das políticas de SAN. Programas de educação alimentar e nutricional, como aqueles promovidos pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Educação, são fundamentais para conscientizar a população sobre a importância de uma alimentação saudável e equilibrada¹⁴.

Nesse sentido, identificar e promover ações de AUP nos serviços de saúde e assistência social, além de essencial, é uma oportunidade para fortalecer as políticas públicas no combate à fome e à insegurança alimentar. Essas iniciativas contribuem para a produção local de alimentos saudáveis e têm o potencial de melhorar a qualidade de vida das comunidades e promover a sustentabilidade. Ao reconhecer o impacto positivo dessas ações, é possível aprimorar e expandir as estratégias já existentes, tornando os sistemas alimentares mais resilientes e eficazes no enfrentamento dos desafios sociais e de saúde pública.

12 Bertolini e outros (2023).

13 FAO (2020).

14 OPAS (2020).



**PROGRAMA
NACIONAL DE
AGRICULTURA
URBANA E
PERIURBANA**



A agricultura urbana e periurbana (AUP) é uma prática essencial para as políticas públicas contemporâneas, unindo tradição e inovação em resposta às demandas das cidades modernas. No Brasil, o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana (PNAUP), criado pela Portaria nº 467/2018 e atualizado pelo Decreto nº 11.700/2023, reflete o compromisso de consolidar a AUP como instrumento de desenvolvimento sustentável e qualidade de vida.

A história da AUP remonta ao êxodo rural causado pela Revolução Industrial. No Brasil, a prática foi intensificada a partir dos anos 1970 como meio de subsistência e, nas décadas seguintes, ganhou destaque como estratégia de segurança alimentar e nutricional. Atualmente, o PNAUP promove a produção agroecológica de alimentos em áreas urbanas e periurbanas, estimulando hábitos alimentares saudáveis e aproveitando espaços ociosos.

O Decreto nº 11.700/2023 trouxe avanços significativos, definindo a AUP como atividades agrícolas e pequenas criações desenvolvidas em áreas urbanas ou periurbanas, contemplando produção, processamento, distribuição e comercialização de alimentos, plantas medicinais e outros insumos. O programa também destaca a gestão de resíduos orgânicos como elemento central.

Além disso, a legislação atual eleva a AUP ao conectá-la a políticas importantes, como a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Essa integração fortalece a sustentabilidade, a soberania alimentar e a construção de cidades resilientes. Como ferramenta central para sistemas alimentares mais justos, saudáveis e sustentáveis, a AUP exige esforços integrados dos entes federativos e da sociedade civil para ampliar sua visibilidade e continuidade. A adoção de ações locais e intersetoriais é crucial para consolidar a AUP como estratégia de combate à fome e promoção da qualidade de vida.



**LINHA DO TEMPO:
PRINCIPAIS MARCOS DA
AGRICULTURA URBANA
E PERIURBANA (AUP)
NO BRASIL**



2010

Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), instituída pelo Decreto nº 7.272, de 10 de agosto.

No governo federal, a AUP está vinculada à Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. O Art. 22º menciona a criação do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, que deve abordar temas como: fortalecimento da agricultura familiar e produção urbana e periurbana de alimentos; aquisição governamental de alimentos da agricultura familiar para abastecimento e formação de estoques; garantia de preços mínimos para produtos da agricultura familiar e da sociobiodiversidade.

2018

Criação do Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana: Publicação da Portaria nº 467, de 7 de fevereiro.

Objetivos principais: estimular a produção agroecológica nas cidades, promover hábitos saudáveis de alimentação e implantar a produção pedagógica em instituições de ensino.

2019

O Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana passa a incorporar as competências do Ministério da Cidadania (MC).

2023

Reformulação do Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana.

A agenda da agricultura urbana foi ampliada com a nova estrutura do Governo Federal, estabelecida pela Lei nº 14.600/2023, e pelos Decretos nº 11.392, nº 11.396, nº 11.349 e nº 11.359, do mesmo ano, que estabelece a organização básica da Presidência da República e de Ministérios do governo federal (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome; Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar; Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima; e Ministério do Trabalho e Emprego) definindo a estrutura de órgãos e suas competências. Essa reorganização exigiu um fortalecimento conjunto entre esses Ministérios para implementar ações e iniciativas relacionadas à agricultura urbana.

O Decreto nº 11.700, publicado em 13 de setembro de 2023, reestrutura oficialmente o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana e cria um Grupo de Trabalho para coordenar suas ações. O Decreto define ainda:

- Órgãos responsáveis pela execução do programa e os conceitos de Agricultura Urbana e Periurbana (AUP);
- Locais e beneficiários prioritários para implementação; e
- Princípios e competências dos entes envolvidos.

2024

Lei nº 14.935 – Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana.

Publicada em 26 de julho de 2024, a Lei nº 14.935 cria a Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana, conferindo maior notoriedade, legitimidade e efetividade à agenda. Esta legislação marca um passo importante para a institucionalização da agricultura urbana e periurbana no Brasil, fortalecendo sua integração nas políticas públicas e sociais. A Lei amplia a abrangência da prática, promovendo a segurança alimentar, a sustentabilidade e o desenvolvimento urbano integrado, ampliando a capilaridade e os impactos sociais da agricultura urbana no país.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS



Por meio do Edital da Chamada Pública MDS/SESAN nº 01/2024, foi realizado um mapeamento das experiências de agricultura urbana e periurbana nos serviços de saúde e assistência social. O processo foi conduzido por 10 avaliadores, com avaliações realizadas por pares para garantir a imparcialidade e a qualidade das análises. Foram recebidas experiências das regiões **Nordeste**, **Sudeste**, **Centro-Oeste** e **Sul**, e, ao final, 43 experiências foram aprovadas. O edital foi amplamente divulgado em sites eletrônicos e redes sociais. O processo ocorreu entre abril e junho de 2024, com a divulgação dos resultados em outubro de 2024.



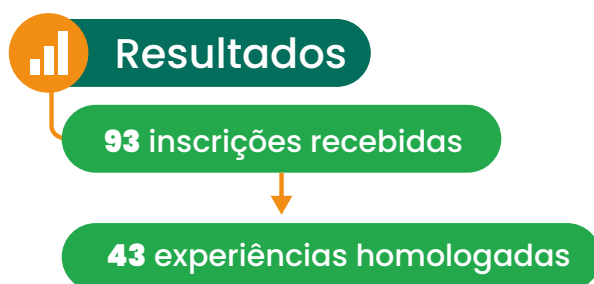
O mapeamento das experiências de agricultura urbana e periurbana nos serviços de saúde e assistência social teve como objetivo identificar, sistematizar e divulgar práticas bem-sucedidas, além de estimular a adoção de novas iniciativas em todo o território brasileiro. O processo de avaliação ocorreu em duas fases, durante o período de abril a junho de 2024.



4.1 PRIMEIRA FASE: TRIAGEM E HOMOLOGAÇÃO

Em julho de 2024, foi realizada uma análise preliminar, eliminando experiências que não atendiam aos requisitos do edital da Chamada Pública MDS/SESAN nº 01/2024. Entre os critérios utilizados estavam:

1. Conformidade com o eixo temático escolhido
2. Vinculação institucional
3. Aplicabilidade prática e relevância da experiência
4. Preenchimento completo do formulário de inscrição



4.2 SEGUNDA FASE: AVALIAÇÃO DETALHADA

Esta etapa foi classificatória e analisou os seguintes aspectos:

1. Adequação aos objetivos do edital: Experiências alinhadas à agricultura urbana e periurbana nos serviços de saúde e assistência social
2. Intersetorialidade: Abordagem colaborativa entre diferentes setores
3. Elementos culturais e regionais: Respeito às especificidades locais, de gênero e raça
4. Clareza na motivação: Identificação de necessidades locais e desafios enfrentados
5. Participação comunitária: Envolvimento dos sujeitos nas diferentes etapas do projeto



6. Monitoramento e avaliação: Uso de métodos claros para medir impacto e resultados

7. Capacidade de adaptação: Potencial de inspiração e aplicação em outros contextos

As experiências selecionadas servirão de modelo para outras iniciativas, reforçando a intersetorialidade e ampliando os impactos positivos das políticas públicas. Este mapeamento busca valorizar soluções locais e consolidar a agricultura urbana e periurbana como ferramenta de transformação social, sustentabilidade e saúde no Brasil.

Panorama das Experiências Selecionadas

16
na área da saúde

27
na área da assistência social

30

EIXO 1

Fortalecimento de práticas integradas de Agricultura Urbana e Periurbana para saúde e assistência social

8

EIXO 2

Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

5

EIXO 3

Sustentabilidade ambiental e gestão eficiente de resíduos na agricultura urbana e periurbana

Em seguida, serão apresentadas as experiências aprovadas após o processo de seleção descrito acima, divididas por regiões do Brasil.

As experiências serão apresentadas tal qual foram encaminhadas para a equipe do edital, sem qualquer alteração, conforme os padrões previamente estabelecidos no edital, mantendo sua originalidade¹⁵. Esses padrões contemplavam a descrição da experiência, os desafios para o desenvolvimento e a inovação, que poderão servir de inspiração para outras iniciativas.

¹⁵ A descrição das experiências foi feita pelos representantes das instituições entre abril e junho de 2024, e o texto original foi mantido para preservá-lo.

**INSPIRAÇÕES EM
AGRICULTURA
URBANA E
PERIURBANA:
AÇÕES APROVADAS**



5.1 REGIÃO NORDESTE

5.1.1 Horta comunitária agroecológica urbana no sertão baiano

Autores: Nilson Rocha Santos, Vincenzo Lumeta, Ana Paula de Sousa Dutra Pereira, Aparecida de Sousa Vieira, Maria Aparecida Santos Carrilho

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Presidente Jânio Quadros - Bahia

Nome da entidade ou órgão participante: Instituto Rogacionista Santo Anibal-Centro de Convivência Santo Anibal

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Instituto Rogacionista Santo Anibal-Centro de Convivência Santo Anibal, percebendo a necessidade de realizar um trabalho coletivo com as famílias dos educandos da Instituição e pensando em algo que viesse para ajudar na segurança alimentar, pensou na implantação de projetos Horta Comunitária Agroecológica Urbana no sertão baiano. O objetivo é proporcionar às famílias em situação de vulnerabilidade social o acesso a alimentos de qualidade, permitir que a família produza mais que o necessário para o consumo próprio, criando assim uma fonte de renda através da venda do excedente de produção, além de socialização, fortalecimentos de vínculos familiares e comunitários, conhecimento sobre olericultura, compostagem, plantas medicinais, nutrição, alimentação saudável, cuidados com o meio ambiente, saúde e higiene pessoal, por meios de cursos e palestras com profissionais das áreas, visando o desenvolvimento pessoal e promoção social.

O Centro de Convivência Santo Anibal tem como missão acolher crianças, adolescentes, jovens e adultos e possibilitar a formação de pessoas éticas, justas e solidárias, por meio da educação, ações socioeducativas e evangelização, contribuindo para um melhor exercício da cidadania. A Instituição atende no momento 270 usuários acima de cinco anos em situação de risco e vulnerabilidade social. Os assistidos são atendidos em regime de contraturno escolar, favorecendo a formação integral. A implantação do projeto foi planejada e bem pensada, para que tivesse um resultado positivo, pelo fato de ser em um espaço urbano e ser a primeira experiência sendo implantada na cidade.



A metodologia utilizada para execução foi a seguinte:

1. 1ª etapa: Encontro para falar do projeto e cadastramento dos interessados no trabalho coletivo
2. 2ª etapa: Capacitação teórica com diversos temas voltados ao projeto
3. 3ª etapa: Capacitação prática, realizando limpeza do espaço e montagem do viveiro
4. 4ª etapa: Montagem da irrigação
5. 5ª etapa: Preparação dos canteiros, adubação e plantio das sementes e mudas
6. 6ª etapa: Organização de grupos de produção, visando a manutenção e o trabalho diário

O projeto foi planejado pela equipe do Centro de Convivência, que pensou em todos os detalhes para que, após a implantação, pudesse dar continuidade mesmo sem recursos vindo de outros setores. Foi realizado o acompanhamento pela assistente social, que segue com planejamento de divisão de equipes para manter o trabalho diário. Uma vez por semana, acontece um mutirão; é o dia da colheita para o consumo das famílias envolvidas e a venda do excedente para adquirir recurso para manter o projeto funcionando.

O projeto recebeu o apoio de um Edital do Fundo de Solidariedade da CNBB, para o qual a Instituição enviou o projeto da horta, concorreu e foi contemplado com o valor de R\$ 17.653,76 reais. Esse foi o recurso usado para montar todo o projeto e colocá-lo para funcionar até as primeiras colheitas.

O projeto foi bem aceito pelas famílias, que receberam a notícia com muita empolgação. Muitas que estavam morando ali na cidade e que não tinham a oportunidade de ter um espaço para produzir o seu próprio alimento viram ali a oportunidade de ter uma atividade prazerosa e um momento de encontro e de convivência entre eles. Até o momento, a equipe que iniciou se mantém firme e já tem vários membros novos.

Durante a realização de todas as etapas do projeto, tivemos os envolvimento das famílias, jovens/adolescentes e a equipe da Instituição. Tudo foi realizado através de mutirão, envolvendo todos com o trabalho para que o projeto fosse concluído. O resultado foi bem positivo, pois toda a equipe permaneceu firme nas atividades, e o projeto continuou mesmo com a finalização das atividades desenvolvidas dentro das exigências do edital. As famílias continuam produzindo para alimentação de suas



famílias, e o excedente está sendo comercializado no próprio espaço onde o projeto é executado. As pessoas da cidade vão até a horta nos horários em que as famílias estão realizando suas atividades diárias e ali compram verduras e legumes direto da horta, tudo fresco e retirado na hora.

O Projeto tem como público-alvo todas as idades e trouxe um grande impacto para a vida das famílias (envolvidas diretamente) e da comunidade (envolvida indiretamente). A qualificação profissional dos envolvidos melhorou a alimentação familiar, organizou o grupo (algo cada vez mais difícil) e assegurou a sustentabilidade do projeto com recursos advindo das vendas. Além disso, enxergamos a longo prazo uma renda extra para essas famílias com a ampliação do projeto.

O projeto foi financiado através de um edital do Fundo Nacional de Solidariedade-CNBB. O valor financiado foi de R\$17.653,76 reais. Esse recurso foi utilizado para comprar o material para montar a estrutura do projeto, que tem o tamanho de 360 metros ao todo, com nove canteiros de 30 metros de comprimento, além do adubo, sementes, ferramentas e material para sistema de irrigação de gotejamento.

O projeto está em total funcionamento, e há desejo de ampliação para incluir novas famílias.

O projeto mostrou que é possível produzir olericultura de qualidade de forma agroecológica no meio urbano. Foi e está sendo uma experiência exitosa, pois sua realização trouxe uma melhoria na qualidade de vida das famílias envolvidas, na alimentação dos educandos da Instituição e na comunidade, que tem a oportunidade de adquirir o seu produto fresquinho.

DESAFIOS

O desafio foi só no início do projeto, para que eles compreendessem a importância do trabalho coletivo e do uso de defensivo natural, adubos e compostagem natural. Mas, com os momentos formativos, foram entendendo a acatando a ideia e hoje já preparam tudo de forma orgânica. Logo o projeto deslanchou com muita facilidade.

INOVAÇÃO

O projeto está recebendo uma inovação, um projeto de automação em teste por um aluno do Instituto Federal de Bahia (IFBA) do campo de Vitória da Conquista na Bahia, como projeto do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ele escolheu a nossa Instituição para colocá-lo em prática e está iniciando as instalações para automatizar todo o processo.





5.1.2 Agroflorestas na promoção da agricultura urbana e periurbana: saúde se planta

Autores: Ramon Sena de Jesus dos Santos, Maria do Livramento Alencar de Holanda, Georgy Xavier de Lima Souza, Margarida Marleuda Gonçalves, Anne Sullivan Lopes da Silva Reis, Grasiely Faccin Borges

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Iguatu, Ceará

Nome da entidade ou órgão participante: Escola de Saúde Pública de Iguatu-ESPI

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O presente relato de experiência consiste na implantação de Sistemas Agroflorestais como tecnologia leve de cuidado em saúde. Surge da necessidade de identificar novas perspectivas de promoção da saúde a partir de intervenções voltadas para criação de estratégias efetivas ao alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pela Organização das Nações Unidas-ONU, tais como ODS 02-Fome Zero e Agricultura Saudável; ODS 03-Saúde e Bem-Estar; ODS 13-Ação Contra a Mudança Global do Clima; e ODS15-Vida Terrestre.

As buscas por novas tecnologias de cuidado em saúde capazes de promover a integração de ações e serviços com objetivo de potencializar o cuidado ecossistêmico em rede e expressar a validação de aspectos condicionantes e determinantes da saúde, de modo particular o Meio Ambiente, somadas às necessidade de ressignificação da orientação e prescrição de atividade física no período de pandemia, constituíram aspectos motivadores para criação, desenvolvimento, fortalecimento, e continuidade de

atividades transversais, interdisciplinares e intersetoriais, na (im)plantação do primeiro sistema agroflorestal a compor a rede de atenção do Sistema Único de Saúde-SUS.

A experiência foi iniciada pelo Educador Físico residente no Programa de Residência Integrada em Saúde-RIS, na ênfase em Saúde Mental Coletiva, pela Escola de Saúde Pública do Ceará-ESPCE, atualmente Assessor Técnico integrante do Núcleo Municipal de Educação Permanente em Saúde da Escola de Saúde Pública de Iguatu-NUMEPS/ESPI. Ele apresentou a ideia original e iniciou a aplicação de princípios agroflorestais, como cobertura de solo, adensamento, biodiversidade, bioestratificação e sucessão ecológica.

As atividades foram prontamente acolhidas pela Coordenação da RIS no município, e posteriormente implementadas no processo de trabalho de equipe do NUMEPS, sendo discutidas estratégias de ampliação das intervenções voltadas às necessidades de saúde identificadas no território pertencentes à ESPI. O objetivo geral foi promover a Educação Agroecológica de crianças e adolescentes em sistemas alimentares resilientes, com vistas ao fortalecimento da Agricultura Urbana e Periurbana-AUP no bioma Caatinga, como estratégia de ampliação das ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, junto ao Sistema Único de Saúde-SUS.

A aproximação com o setor da Educação surge a partir de encontros voltados à identificação de atividades da rede de atenção à saúde relacionada a crianças e adolescentes, com vistas ao fortalecimento do Selo UNICEF. O planejamento das atividades foi realizado a partir de metodologias ativas, como a Árvore Explicativa de Situação Problema, Matriz SWOT e Espiral Construtivista. O público-alvo foi constituído por 208 estudantes com idade entre 11 e 17 anos, assistidos(as) pela rede municipal e estadual de educação, de ambos os sexos, no período de 2021 a 2024. O projeto apresentou a educação agroecológica como estratégia de corresponsabilização na preservação dos recursos naturais, de práticas sustentáveis e maneiras de intervenção nos espaços verdes.

A didática envolveu recursos audiovisuais, imersão na agrofloresta, práticas de manejo voltadas à produção de alimentos agroecológicos e avaliação coletiva. Para composição do princípio de biodiversidade da flora, houve articulação com a Secretaria de Agricultura no sentido de disponibilização de algumas espécies de árvores, tais como a paineira rosa, jacarandá, ipê roxo, ipê amarelo, ipê rosa e mogno africano.

Muitas árvores nativas como o pau-brasil, cedro rosa, guapuruvu, sibipiruna e embaúba e espécies frutíferas como acerola, manga, abacate, goiaba, groselha, amora, mamão, cana, sapoti, jaca, pitanga, abacaxi e romã, assim como o projeto de irrigação implementado na fase da placenta agroflorestal, foram adquiridos com recursos financeiros do profissional responsável pela implantação da agrofloresta.

Os conceitos teóricos acerca da agrofloresta enquanto sistema de produção de alimentos agroecológicos foram apresentados a estudantes e professores a partir da exposição de filmes e documentários e rodas de conversa realizadas na sede da ESPI.



As visitas à agrofloresta foram guiadas pelo profissional responsável pela implantação e manejo do sistema agroflorestral e duravam cerca de 120 minutos, correlacionando-se o conteúdo das disciplinas em sala de aula, as rodas de conversa na ESPI e a vivência de manejos na agrofloresta.

DESAFIOS

A inexistência de técnicos(as) voltados(as) à implantação de agroflorestas, a falta de recursos financeiros e acesso limitado a evidências em saúde relacionadas ao processo de imersão de crianças e adolescentes em espaços verdes significaram aspectos críticos para efetivação da experiência.

A atividade de preparação do solo, organização das linhas para plantio, criação e implementação do design agroflorestral e manejo sistemático do sistema com vistas à composição dos estratos ficaram sob o cuidado do profissional responsável pela implantação da agrofloresta. Não houve a possibilidade de constituição de equipe para realização destas atividades, apesar do estabelecimento de conversas entre a ESPI, a Secretaria de Agricultura, e a Secretaria do Meio Ambiente.

A participação em cursos de Agroecologia ofertados por instituições públicas como a Escola Nacional de Saúde Pública-ENSP e a Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz foram imprescindíveis para o êxito das atividades, destacando-se o curso intitulado Saúde em Territórios Tradicionais: Tecnologias Sociais em Agroecologia, realizado em dezembro de 2022, na cidade de Paraty, estado do Rio de Janeiro. Não houve investimentos do município à participação no curso, ficando o profissional responsável pela implantação da agrofloresta como o único a participar do processo de qualificação. O custeio de passagens, alimentação e estadia foi realizado com recursos próprios do profissional.

Ao considerar os principais desafios para o desenvolvimento da iniciativa, notou-se a necessidade de fundamentar a tomada de decisões e abordagens didático-metodológicas com base em evidências. Neste sentido, foi necessária a realização de revisão de literatura em base de dados científicos com vistas a identificar respostas psicológicas e fisiológicas de exposição a espaços verdes, compreendendo estes fatores como elementos intervenientes ao processo de educação agroecológica.

A pesquisa auxiliou o alcance das intervenções junto ao público acolhido na agrofloresta, identificando respostas afetivas, psicológicas e fisiológicas. Bem-estar psicológico subjetivo, redução dos níveis de stress e regulação de frequência cardíaca foram autorrelatados pelos(as) estudantes durante os momentos das intervenções, corroborando a literatura pesquisada.



INOVAÇÃO

A experiência apresentou-se como inovação tecnológica na criação de estratégias voltadas à educação agroecológica de crianças e adolescentes; incentivou a produção de alimentos saudáveis e sustentáveis a partir da AUP; e permitiu a criação da Portaria Municipal 1916, de 25 de outubro de 2023, que institui o Sistema Agroflorestal da Escola de Saúde Pública de Iguatu-SAFESPI como tecnologia leve de promoção, proteção e recuperação da saúde na rede municipal do Sistema Único de Saúde-SUS.

A iniciativa sinaliza o pioneirismo na implantação de sistemas agroflorestais enquanto ponto da rede de atenção no SUS, legitimando a importância da intersetorialidade com vistas ao alcance da integralidade do cuidado em saúde. As bases da educação agroecológica compartilhadas com os grupos assistidos nas intervenções ratificam que é possível articular saberes interdisciplinares em saúde, fomentando a criação de políticas intersetoriais.

A experiência vivenciada na agrofloresta implicou significativamente no processo de educação agroecológica do grupo de estudantes; promoveu o fortalecimento dos níveis de consciência da sustentabilidade; estabeleceu diálogos para criação e fortalecimento de estratégias voltadas às dinâmicas das necessidades de saúde apresentadas pela agenda climática internacional; e evidenciou princípios da saúde única (one health), ao apresentar os resultados expressivos do movimento, que reconhece a interseccionalidade entre saúde humana, das plantas, dos animais e do meio ambiente, coadunando com perspectivas da reforma sanitária brasileira, ainda em curso.

(Im)plantado por multiprofissional residente em 10 de setembro de 2021, o Sistema Agroflorestal da Escola de Saúde Pública de Iguatu-SAFESPI é a primeira agrofloresta a integrar-se como ponto da rede de atenção à saúde no SUS, sinalizando perspectivas importantes para o fortalecimento da Agricultura Urbana e Periurbana como estratégia de promoção da educação agroecológica, produção de alimentos saudáveis, regeneração de ecossistemas, resgate da fauna e da flora, soberania alimentar e nutricional, e qualidade de vida.

As atividades agroflorestais continuam a ser experienciadas e discutidas no setor da educação, ampliando perspectivas de parcerias com instituições de nível superior e grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, com vistas à implantação do Programa Exercícios Verdes no SUS (EV-SUS), estratégia intersetorial de cuidado em saúde voltado à promoção de exercícios verdes (green exercise) na rede municipal e estadual de educação.





5.1.3 Hortas sociais - Prefeitura de Fortaleza

Autores: Francisco José Ponte Ibiapina, Francisca Katiane Guilherme Bispo, Thais Mayara Costa Rodrigues

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Fortaleza, Ceará

Nome da entidade ou órgão participante: Prefeitura de Fortaleza - Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A princípio, as Hortas Sociais contemplavam um conjunto de ações do projeto “Fortaleza amiga do idoso”, idealizado na Coordenadoria Especial do Idoso para a promoção da qualidade de vida do idoso, convívio social, e conseqüentemente da agricultura urbana e segurança alimentar e nutricional do município.

A idealização iniciou em 2014 e teve seu primeiro ano de execução em 2016, quando o projeto já contava com três estufas. Em 2022, o projeto ganhou mais uma estufa, totalizando quatro hortas sociais e beneficiando cerca de 2000 famílias. Em 2024, foram entregues três novas estufas, e o projeto passou a ter sete hortas para atendimento à população.

Atualmente o projeto Hortas Sociais é uma iniciativa de enfrentamento à insegurança alimentar e de incentivo à agricultura urbana, através da realização de plantio e colheita. Desenvolvido pela Prefeitura de Fortaleza em cogestão com Organizações de Sociedade Civil (Instituto de Arte e Cidadania do Ceará e Instituto Parque Universitário), a ação conta com sete hortas (estufas) em seis bairros com um baixo IDH no município (Alameda das Palmeiras, Conjunto Ceará (duas), Conjunto Palmeiras, Granja Portugal, Jacarecanga e Sapiranga).

Toda produção das estufas é doada para a população cadastrada no projeto, cozinhas sociais e entidades que trabalham com o público vulnerável. Além das práticas de colheita e plantio, os participantes do projeto são convidados a participar de oficinas/palestras com temas voltados à saúde, agricultura urbana e periurbana, campanhas de conscientização, segurança alimentar e nutricional, entre outros. A realização das colheitas/plantio é mensal, já as atividades educativas (palestras/oficinas/roda de conversas) são desenvolvidas semanalmente em cada estufa.

No início, foram idealizadas na Coordenadoria Especial do Idoso, cuja principal meta era a participação do público idoso nas estufas. Depois foi reformulada e fez parte do escopo da Coordenadoria da Assistência Social, onde sua principal atividade era o fortalecimento de vínculos desse público através de grupos de convivência. Por fim, em 2023, o projeto passou a ser gerido pela Coordenadoria de Segurança Alimentar e Nutricional (COSAN) e foi reformulado novamente, com foco na Segurança Alimentar e Nutricional e na Agricultura Urbana e Periurbana, para atendimento a todo público vulnerável (não só mais ao público idoso). Em todos os setores, a execução do projeto foi realizada pela prefeitura de Fortaleza em cogestão com organização da sociedade civil.

No atual formato de gestão da Coordenadoria de Segurança Alimentar e Nutricional, a equipe abraçou este desafio, pois era algo diferente das ações que se executavam (p. ex., restaurante popular, PAA - modalidade leite, refeitórios sociais etc.). O projeto passou a ser chamado de Hortas Sociais – Prefeitura de Fortaleza e foi reformulado para atender o público em vulnerabilidade social que não tem acesso a esses alimentos, garantindo uma melhor qualidade alimentar, como também o fortalecimento e incentivo à agricultura urbana do município.

O projeto foi reformulado e totalmente reescrito, incluindo justificativa, objetivos, metodologia, custeio e contratação. Além disso, o projeto foi transformado em um edital para chamada pública das organizações da sociedade civil (OSC), da seguinte forma:

- Avaliação de propostas e aprovação (plano de trabalho) das OSCs candidatas;
- Acompanhamento do projeto executado pela OSCs para benefício da população (colheita, plantio e atividades);
- Reunião com líderes comunitários (reconhecimento do local);
- Realização de cadastros dos beneficiários;
- Realização de colheitas e plantios com os beneficiários (mensal);
- Realização de atividades educativas (semanal);
- Relatórios de metas do plano de trabalho.



O impacto da experiência é extremamente positivo. Os participantes dos projetos tecem elogios, tanto em relação à parte prática (plantio/colheita), quanto às atividades teóricas realizadas na estufa (oficinas/roda de conversas/palestras). Muitos replicam pequenas plantações em seus quintais, principalmente o público idoso. Além disso, o projeto Hortas Sociais tem repercussão na mídia local e nacional, sendo um projeto de destaque e referência no município.

A estrutura das estufas será custeada pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal da Infraestrutura. Inicialmente, o projeto contou com uma parceria público-privada, viabilizada por incentivos fiscais. No entanto, atualmente o projeto é mantido financeiramente apenas pela Prefeitura de Fortaleza, através da Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social. Iniciado em 2016, o projeto foi ampliado em 2022 e 2024, com planos de expansão contínua. As principais mudanças incluem a doação para cozinhas sociais e entidades sem fins lucrativos (estratégia implementada durante a pandemia e mantida), a ampliação do público beneficiado (incluindo qualquer pessoa em situação de vulnerabilidade social, não apenas idosos) e um foco maior na agricultura urbana e na segurança alimentar.

DESAFIOS

Um grande desafio do projeto foi durante a pandemia da covid-19, pois naquele ano os participantes do projeto eram apenas idosos. Devido ao isolamento social, a estratégia utilizada foi continuar com o plantio e realizar doações de toda a colheita para instituições que atendiam grupos vulneráveis. Assim, o projeto continuou sendo realizado sem o público presente nas hortas, apenas com os colaboradores que eram responsáveis pelo desenvolvimento do projeto.

As atividades presenciais de plantio, colheita e convivência entre os participantes dos projetos foram interrompidas em março de 2020 e retomadas presencialmente em dezembro de 2021. Esse retorno presencial do público atendido foi gradual, respeitando as medidas de segurança e os protocolos da covid-19. É importante lembrar que esse público era de idosos; por isso, era plenamente aceitável que retornassem aos poucos.

INOVAÇÃO

O sistema das Hortas Sociais de Fortaleza é um sistema semi-hidropônico. Ao invés de utilizar o sistema de tubulações, utiliza vasos onde o substrato é a fibra de coco triturada e moída. Essas fibras retêm a umidade e conservam o ambiente propício para o crescimento das hortaliças, reduzindo assim o desperdício de água e evitando que pragas e insetos danifiquem a produção.



Outro ponto importante é o fato de que o público, principalmente os idosos, replica essa ação em seus quintais, compartilha receitas dos alimentos produzidos na horta e participa frequentemente das atividades. É perceptível o quanto esse projeto faz diferença no dia a dia dos participantes.



5.1.4 Hortas para a liberdade

Autores: Lucas Bras Barbosa, João Sitônio Rosas Neto, Reginaldo da Silva Araújo.

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: João Pessoa/Paraíba

Nome da entidade ou órgão participante: Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A proposta é motivada pelo problema crônico enfrentado a nível nacional no sistema penitenciário brasileiro, com seus altos índices de encarceramento e reincidência dos seus egressos. Dessa forma, visa proporcionar práticas integralizadoras que consequentemente colaborem com a redução desses índices. O público-alvo do programa, por se tratar de privados de liberdade, está em uma parcela da sociedade com alto grau de vulnerabilidade, sendo em sua maioria jovens, pretos, de baixa renda, com escolaridade baixa e oriundos de comunidades periféricas.

O programa “Hortas para a Liberdade” é uma iniciativa pioneira em educação profissionalizante e segurança alimentar para pessoas privadas de liberdade no estado da Paraíba. A atividade teve início em 2016 na Cadeia Pública da cidade de Bananeiras,



na Paraíba, quando foi escrita por Lucas Bras Barbosa e cadastrada por um docente da UFPB no Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para concorrer no edital do PROBEX-UFPB de 2017. Até então, foi renovada todos os anos neste edital, contando com a participação da comunidade acadêmica da UFPB através dos cursos de Agroecologia, Agroindústria e Agronomia.

No ano de 2019, ainda como projeto de extensão, a proposta foi apresentada à Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba (SEAP-PB) e passou a integrar o Plano de Governo do Estado da Paraíba para a administração penitenciária, tornando-se posteriormente uma ação desta secretaria através da Gerência Executiva de Ressocialização (GER), a qual vem difundindo esta prática educativa no sistema penitenciário paraibano.

Durante os seus oito anos, a experiência recebeu a colaboração de diversos segmentos da sociedade, sendo eles: docentes e discentes da UFPB, juízes, promotores, policiais penais e militares da Paraíba e prefeituras. Todos contribuíram, direta ou indiretamente, para que a iniciativa obtivesse resultados significantes em sete unidades prisionais nas seguintes cidades da Paraíba: Bananeiras, Solânea, Areia, Remígio, João Pessoa e Sapé.

Nos anos de 2016 e 2017, a ação aconteceu na Cadeia Pública de Bananeiras, envolvendo estudantes e docentes do curso de Agroecologia, onde foi instalada a primeira horta em um terreno pertencente à própria unidade e uma segunda na forma vertical, com garrafas plásticas reutilizadas no pátio da cadeia. Entre 2019 e 2021, a ação alcançou de forma simultânea, além da unidade referida anteriormente, a Cadeia Pública de Solânea, envolvendo estudantes e docentes das graduações em Agroecologia e Agroindústria. Ela abordou a produção de hortaliças e pimentas a partir de vasos construídos, utilizando pneus e uma horta vertical com garrafas plásticas em área interna do estabelecimento prisional, além de uma Agroindústria, com capacidade para três pessoas (com selo de inspeção da vigilância sanitária municipal), tendo por finalidade abordar o ensino da manipulação de alimentos a partir do beneficiamento de conservas de pimentas pelos próprios reeducandos.

Entre 2020 e 2021, com o envolvimento de alunos e professores do curso de Agronomia, somando-se as demais unidades penitenciárias, a Cadeia Pública de Areia passou a integrar o programa, em cujo terreno foi instalada uma horta. Entre 2021 e 2023, simultaneamente ao desenvolvimento das atividades mencionadas, com o apoio do corpo discente e docente dos cursos de Agroecologia, Agronomia e Agroindústria, a ação passou a integrar a Cadeia Pública de Remígio, com a produção de hortaliças e conservas de pimentas. Na referida unidade, foi construída uma segunda Agroindústria (inspecionada pela vigilância sanitária municipal) com maior capacidade que a primeira, comportando até dez pessoas.

Entre 2023 e 2024, as atividades do programa alcançaram concomitante às demais unidades citadas, a Penitenciária de Regime Especial Desembargador Francisco Espínola (João Pessoa-PB), Penitenciária de Segurança Média Desembargador Sílvio Porto (João



Pessoa-PB), Penitenciária Padrão de Santa Rita (Santa Rita-PB) e a Penitenciária Regional de Sapé (Sapé-PB). Nas três primeiras penitenciárias citadas, foram estabelecidos cultivos de hortaliças em áreas internas pertencentes aos estabelecimentos penais, onde são focadas a produção de gêneros hortícolas (principalmente folhosas e temperos) e plantas medicinais utilizadas para chás.

Na Penitenciária Regional de Sapé, o modelo de agricultura escolhido é uma horta hidropônica em formato vertical, capaz de cultivar 792 plantas/molhos por ciclo em um espaço disponível de apenas 30m². Foi planejada para contornar a indisponibilidade de área para cultivo de forma tradicional (via solo), que é um empecilho em muitos estabelecimentos prisionais; seu foco está em produzir folhosas e temperos de ciclo curto.

O início do programa foi desafiador. A proposta necessitou convencer as instituições envolvidas e parceiras para que a ação pudesse ser implantada na forma de projeto piloto. Isso demandou reuniões de apresentação institucionais e documentos de regulamentação da proposta entre a UFPB, Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), Ministério Público da Paraíba (MPPB) e SEAP-PB. Desde o início, os objetivos norteadores foram: o desenvolvimento de ações que proporcionam a capacitação dos reeducandos na produção de hortaliças orgânicas; a promoção de práticas de educação ambiental através da reutilização de materiais reciclados na transformação da estética da paisagem do ambiente prisional; a melhora da dieta nas dependências das unidades prisionais, contribuindo para a segurança alimentar e nutricional da população carcerária; a educação alimentar; e a capacitação profissional como contribuição para a reinserção social dos egressos do sistema penitenciário.

A educação profissional oferecida no programa através das hortas socioeducativas é uma ferramenta de ressocialização que tem proporcionado, através da agricultura urbana de base agroecológica, uma forma viável de melhorar a realidade do sistema penitenciário, ao trazer para o ambiente carcerário a possibilidade da educação profissionalizante atrelada ao trabalho e terapia ocupacional e a melhora da alimentação e estética do cárcere.

Durante o período em que estão ligados ao programa, o grupo-alvo (reeducandos privados de liberdade) recebem capacitação e acompanhamento na condução dos cultivos e no beneficiamento de alimentos, onde recebem capacitação técnica em manejo de solo, adubação, tratamentos culturais, produção de mudas, controle integrado de pragas, irrigação, compostagem, cultivo hidropônico de hortaliças e boas práticas na manipulação de alimentos. Também são beneficiados com a remição da pena, sendo reduzido um dia da pena para cada três dias trabalhados.

Os parceiros acadêmicos (estudantes e professores da UFPB) contribuem com a capacitação profissional, assistência técnica e insumos agrícolas como sementes, adubos e ferramentas manuais, cedidas pela instituição. Já os parceiros do judiciário (juizes e promotores) têm dado viabilidade legal a partir do reconhecimento e da contabilização dos trabalhadores para a remição de pena aos reeducandos ligados



diretamente ao programa e dando viabilidade financeira, a exemplo da construção das duas agroindústrias (Solânea-PB e Remígio-PB) e da horta hidropônica vertical (Sapé-PB), que foram financiadas a partir de verbas das prestações pecuniárias, por projetos orçamentários específicos aprovados em cada comarca judicial. As prefeituras têm dado suporte de infraestrutura através da doação de materiais de consumo, materiais de construção, transportes e ferramentas. Já os policiais penais e militares dão suporte de segurança necessário para que a atividade se mantenha cotidianamente.

A atividade tem demonstrado que a capacitação profissional no âmbito deste modelo de agricultura urbana é bem recebida pelo grupo-alvo e que a atividade laboral gerada a partir dela se mostra possível dentro dos parâmetros observados. É perceptível o interesse da administração penitenciária do estado da Paraíba e das demais organizações públicas e da sociedade civil em relação aos resultados alcançados com o programa Hortas para a Liberdade. Esse interesse se justifica pelo reconhecimento dos benefícios que o programa tem proporcionado ao longo de seus oito anos de existência. Deste modo, a proposta pode ser vista como uma boa oportunidade para o desenvolvimento social nos ambientes carcerários, percebendo-se para o contexto a necessidade de continuidade e expansão da atividade com intuito de contribuir com a reintegração dos egressos do sistema prisional brasileiro, especialmente o da Paraíba.

DESAFIOS

O principal desafio está atrelado aos problemas de logística e de infraestrutura, observados tanto em âmbito nacional quanto local, tendo em vista um sistema prisional ainda marcado por superlotação e problemas estruturais diversos, ocasionando dificuldades para o cumprimento de uma pena socialmente justa, onde o acesso à saúde, educação básica, alimentação adequada e qualificação profissional, ainda são pouco eficazes. Diante dessa realidade, estas são adaptadas às formas de se chegar aos objetivos principais da ação. A horta hidropônica vertical na Penitenciária Regional de Sapé é o exemplo mais recente disso. Ela surge como solução para essa falta de espaço adequado ao funcionamento de uma horta convencional (via solo), uma vez que os espaços com solo são reduzidos ou inexistentes na maioria dos estabelecimentos.

Desafio semelhante o programa também contornou na Cadeia Pública de Solânea, com a construção de hortas em vasos e da primeira agroindústria para o beneficiamento dos gêneros produzidos na horta da unidade, agregando valor econômico à atividade a partir da comercialização de conservas de pimenta e ampliação do ensino profissionalizante com as técnicas de manipulação de alimentos.

As experiências com comercialização de conservas de pimentas produzidas na Cadeia Pública de Solânea-PB e posteriormente na Cadeia Pública de Remígio-PB foram alguns dos marcos do programa. A partir da lei estadual nº 12.955, de 06 de dezembro de 2023, que instituiu o Fundo Rotativo nos estabelecimentos



provisórios e de execução penal do Sistema Penitenciário da Paraíba, criou-se a possibilidade da formalização do desenvolvimento de atividades que produzem receita no Sistema Prisional, o que vem permitindo a comercialização de produtos manufaturados, industrializados e agropecuários, oriundos da ressocialização nos estabelecimentos prisionais.

Nessa perspectiva, a proposta visa também alcançar a prestação de serviços que impliquem a arrecadação de receitas, conforme o dispositivo legal citado, com a renda sendo revertida para as famílias dos reeducandos e para manutenção da produção.

INOVAÇÃO

Para além da própria atividade de produção de hortaliças em unidades prisionais da Paraíba, a produção em sistema de hidroponia vertical na Penitenciária Regional de Sapé é especificamente o marco atual do programa, pois esse sistema de cultivo piloto tem provado sua viabilidade em espaço reduzido (30 m²), atendendo à população da referida unidade, que oscila numa média de 130 pessoas, com uma capacidade produtiva de 792 plantas/mês. Isso traz a possibilidade de que seja implantado de forma viável a atender a população carcerária em diversos estabelecimentos prisionais com restrições de espaço ao cultivo de hortaliças, possibilitando o aumento no consumo de hortaliças frescas aos privados de liberdade, gêneros alimentícios estes que contam com uma logística de abastecimento ineficaz em decorrência da sua perecibilidade, além do ensino profissionalizante inovador (hidroponia) atrelado à atividade.

A produção das hortaliças hidropônicas como: alface, cebolinha, repolho, brócolis, coentro, couve e rúcula, tem como destino a cozinha da Penitenciária, onde são usadas no enriquecimento da dieta da unidade com colheitas semanais. Dessa forma, a efetivação do ensino e produção em horticultura como política pública para unidades prisionais da Paraíba tem fortalecido os processos de ressocialização, colaborando para a reinserção dos reeducandos à sociedade com a possibilidade de um futuro mais promissor.



5.1.5 Práticas agroecológicas para a melhoria da segurança alimentar e nutricional e a contenção da perda de biodiversidade urbana: uma experiência em Cabedelo-PB.

Autores: Alexandra Rafaela da Silva Freire, Adailton Silva Santos, Vitor de Melo Silva Souza, Silvana Alves dos Santos, Marcelo Loer Bellini Monjardim Barboza, Renio Driessen de Araújo Torres

Eixo 3: Sustentabilidade ambiental e gestão eficiente de resíduos na agricultura urbana e periurbana

Local/Município: Cabedelo/PB

Nome da entidade ou órgão participante: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus Cabedelo - IFPB

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A agricultura é um dos setores econômicos mais sensíveis à mudança do clima. As alterações climáticas e a ausência de políticas públicas podem diminuir a produção, o acesso e a qualidade nutricional, além de gerar instabilidades nos preços dos alimentos, o que pode afetar a segurança alimentar e nutricional (SAN), especialmente em populações socialmente vulneráveis. O objetivo do trabalho foi implantar uma horta comunitária e disseminar práticas agroecológicas na Comunidade Jardim Jericó, localizada às margens da linha férrea, em Cabedelo-PB. O projeto foi desenvolvido pelo Núcleo de Extensão em Meliponicultura e Permacultura/IFPB, em parceria com a EMPASA/Governo da Paraíba, o Meliponário Cabedelo, a UFPB, o Coletivo Mangaba e Repense Ecomóveis. A proposta foi idealizada em 2020 por Adailton, aluno do IFPB que mora no Jardim Jericó, a partir da identificação do baixo acesso aos alimentos frescos e saudáveis em sua comunidade e de problemas de saúde ambiental relacionados aos resíduos sólidos jogados nas áreas que margeiam a linha férrea; resíduos que favorecem a proliferação de animais vetores de doenças, como ratos, mosquitos e baratas. O problema foi compartilhado com os parceiros sociais e sistematizado em forma de projeto de extensão. Desde 2021, vem sendo contemplado com recursos financeiros para a aquisição de material de consumo, além de bolsas para estudantes, por meio de editais do Programa de Apoio e Fortalecimento da Agricultura Familiar (PROAF), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do IFPB. Os instrumentos legais norteadores do projeto foram: a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, a Política Nacional de Educação Ambiental, a Política Nacional de Resíduos Sólidos, o Plano Nacional de Adaptação à Mudança do Clima e a Agenda 2030. O planejamento, a implementação e avaliação das ações foram articulados entre os parceiros sociais e abrangeu assistência técnica e colaborações entre o setor público e a sociedade civil. A mobilização comunitária permitiu a retirada de resíduos sólidos e as ervas daninhas do terreno. O solo dos primeiros canteiros (18,10 m x 6 m) foi enriquecido com o composto orgânico doado pelo projeto Compostagem da UFPB.



A parceria com a EMPASA proporcionou oficinas educativas para a sensibilização ambiental e o treinamento técnico da comunidade para a separação e a reciclagem de resíduos orgânicos por meio da compostagem – o processo de decomposição de matéria orgânica para a produção de adubo – de modo a valorizar os resíduos orgânicos. Durante as oficinas com a comunidade e alunos e professores do IFPB, a parceira social abordou a importância e as técnicas de compostagem, uma prática ambientalmente adequada, conforme estabelecido pela Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei 12.305/2010). Além de seus benefícios ambientais, ela reduz significativamente o volume de resíduos encaminhados para o aterro sanitário, diminuindo os custos públicos com o tratamento de resíduos sólidos.

O produto vem sendo usado na horta comunitária e para a produção de mudas de árvores. A semeadura e o cultivo de alimentos são conduzidos pelas pessoas da comunidade, com a ajuda de alunos do IFPB. Durante as atividades do projeto, os participantes dialogam sobre a importância de produzir, plantar e consumir alimentos sem o uso de agrotóxicos. Os alimentos produzidos beneficiam cerca de 11 famílias e incluem elementos regionais da cultura alimentar nordestina, como: jerimum, macaxeira, batata doce, várias espécies de frutas, hortaliças e plantas medicinais. Foram doadas cerca de 450 mudas de árvores nativas ou frutíferas aos moradores do bairro Jardim Camboinha.

A implantação do meliponário para o cultivo de abelhas nativas sem ferrão foi uma das experiências mais desafiantes, pois envolveu o planejamento da estrutura, a aquisição de colmeias e de materiais para a montagem do meliponário. Para isso, foi necessária a contratação de serviços terceirizados, por meio dos recursos financeiros do PROAF/ IFPB, além do estabelecimento de uma parceria social com o agricultor familiar especializado em meliponicultura, que acompanhou todo o processo e fez assessoria e treinamento dos membros da comunidade para o manejo das abelhas. A implantação de meliponários em áreas urbanas e periurbanas é uma estratégia de suma importância para a conservação da biodiversidade urbana e dos serviços ecossistêmicos, pois as abelhas nativas sem ferrão são essenciais para a polinização de espécies vegetais encontradas na horta e em áreas de remanescentes de Mata Atlântica existentes no território, como o Parque Natural Municipal de Cabedelo e a Floresta Nacional da Restinga de Cabedelo/ ICMBio.

As experiências são compartilhadas com escolas e instituições públicas de educação que visitam o projeto e por meio de oficinas ministradas pelos extensionistas durante os eventos científicos e de extensão realizados pelo IFPB. Busca-se envolver sempre escolas próximas ao Jardim Jericó, onde estudam as crianças moradoras da comunidade, para que no futuro elas possam se inspirar no projeto como um meio viável de produção agrícola familiar. A Escola Estadual São Judas Tadeu sempre é envolvida em práticas ambientais com os alunos do IFPB. Além disso, a realização de visitas com turmas do Técnico em Meio Ambiente (IFPB), Licenciatura em Biologia (IFPB) e Gastronomia (UFPB) ao projeto são estratégias que podem estimular a adoção de projetos de Gastronomia sustentável e hortas escolares em outras comunidades. Para atingir maior alcance, as ações são divulgadas pela rede social @sustenta_projeto_social (Instagram) do projeto.



O projeto trouxe novos meios de divulgação que fortalecem as práticas sustentáveis da agricultura familiar em uma comunidade carente de políticas públicas para a inclusão social e conservação ambiental. Dessa forma, o projeto tem contribuído para a diversificação alimentar e a manutenção da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos em área urbana de Cabedelo-PB, em sincronia com os Objetivos do Desenvolvimento Social da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Palavras-chave: sustentabilidade urbana, serviços ecossistêmicos, gestão de resíduos sólidos.

DESAFIOS

Os maiores desafios são a falta de verba (em períodos quando os editais do IFPB não estão vigentes), a participação inconstante da comunidade no projeto e a instalação do meliponário. A participação do agricultor Renio Torres, do Meliponário Cabedelo, e o contato próximo até os dias atuais vêm sendo fundamentais para a manutenção das colmeias no projeto. A realização de oficinas de ninhos iscas, de produção de mudas e de composteira doméstica em eventos do IFPB e em projetos de extensão pela Pró-reitoria de Extensão vêm mantendo os alunos e a comunidade atualizados e entusiasmados sobre os temas, o que mostra a importância da educação popular.

INOVAÇÃO

O projeto trouxe novos meios de divulgação em meio urbano na área periférica de Cabedelo, habitada por populações vulneráveis que vivem em meio à violência urbana. Visitas e a participação de turmas do Técnico em Meio Ambiente (IFPB), Licenciatura em Biologia (IFPB) e Gastronomia (UFPB) no projeto são estratégias que podem estimular a adoção de projetos de Gastronomia sustentável e hortas escolares em outras comunidades.

Fortalece as práticas sustentáveis da agricultura familiar em uma comunidade carente de políticas públicas para a inclusão social e conservação ambiental. Apesar dos desafios, o projeto tem contribuído para a diversificação alimentar, a manutenção da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos em área urbana e poderia ser ampliado para outras áreas do Brasil.





5.1.6 Implantação de hortas pedagógicas em escolas públicas no estado de Sergipe

Autores: Irinéia Rosa do Nascimento; Fabiana Felix Góndola; Valéria Melo Mendonça; Elizete Ferreira dos Santos Santana; Erika Patrícia dos Santos Souza Gusmão

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Poço Redondo/SE

Nome da entidade ou órgão participante: Instituto Federal de Sergipe - campus Poço Redondo

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto “Implantação de Hortas Pedagógicas em Escolas Públicas no Estado de Sergipe” resultou da parceria entre o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome e o Instituto Federal de Sergipe – Poço Redondo, através do Termo de Execução Descentralizada nº 2022NC000027. O projeto foi concebido a partir da experiência e atuação profissional dos membros da equipe técnica do Núcleo de Estudos Agroecológicos do Instituto Federal de Sergipe (NEA/IFS), que possui expertise em temas como Agroecologia, Produção Agropecuária Sustentável, Agricultura Familiar, e Extensão Rural. A iniciativa visa promover a sustentabilidade e o desenvolvimento endógeno nas comunidades sergipanas, tendo como foco a educação alimentar e o fortalecimento das culturas alimentares regionais.

A execução do projeto envolveu a implementação de hortas pedagógicas nas escolas públicas de Sergipe, com foco em escolas nos municípios de Poço Redondo e Aracaju. O objetivo central foi contribuir para a redução do déficit nutricional dos estudantes de escolas públicas, em especial nas comunidades de maior vulnerabilidade socioeconômica. As hortas de base agroecológica permitiram o aprendizado



prático sobre o cultivo de alimentos saudáveis e a promoção de hábitos alimentares mais sustentáveis.

Os trabalhos foram conduzidos em quatro escolas da rede pública, sendo três localizadas na zona rural do município Poço Redondo e uma na área periférica de Aracaju. As escolas foram selecionadas com base em critérios como a disponibilidade de espaço (áreas de 100 m² para implantação das hortas) e a localização e o perfil socioeconômico da comunidade escolar. As escolas beneficiadas foram: (a) Escola Municipal Zumbi dos Palmares (Projeto de Assentamento Jacaré Curitiba/Poço Redondo); (b) Colégio Municipal Dom José Brandão de Castro (Queimada Grande/Poço Redondo); (c) Centro Estadual de Educação Profissional Dom José Brandão de Castro (Queimada Grande/Poço Redondo); e (d) Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa (Bairro Bugio/Aracaju).

O projeto seguiu um plano de trabalho composto por cinco metas principais, com a participação de quatro bolsistas que receberam orientação técnica da equipe do NEA/IFS. A Meta 1 envolveu a capacitação dos membros das comunidades escolares através de oficinas, minicursos e palestras sobre Agroecologia, Hortas Pedagógicas, Segurança Alimentar e Compostagem. As atividades formativas não apenas abordaram aspectos técnicos do cultivo, mas também sensibilizaram os participantes sobre a importância das hortas agroecológicas no contexto educacional e de segurança alimentar. As atividades foram adaptadas conforme as características de cada escola, como no caso do Colégio Municipal Dom José Brandão de Castro, que atende crianças e pré-adolescentes, com oficinas de compostagem focadas no reaproveitamento de resíduos domésticos.

A Meta 2 consistiu na implantação das hortas, com a construção dos canteiros e plantio de hortaliças, que seguiram os princípios agroecológicos, incluindo adubação orgânica e manejo sustentável do solo. Para facilitar o manejo, cada escola recebeu um “kit horta” contendo ferramentas e materiais necessários, como enxadas, sementes, sistemas de irrigação, entre outros. O trabalho de implantação contou com a colaboração ativa dos membros das comunidades escolares, como no Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, em que alunos voluntários e monitores ajudaram no preparo do solo e plantio.

Na Meta 3, o projeto seguiu com o acompanhamento contínuo do desenvolvimento das hortas. As hortaliças produzidas foram destinadas à merenda escolar, incluindo variedades como alface, couve, rúcula, cenoura, beterraba, milho e plantas medicinais. A equipe técnica do projeto realizou reuniões quinzenais para orientar os bolsistas, e a coordenação pedagógica também trabalhou para integrar a horta no processo educacional, incentivando o uso do espaço como uma ferramenta interdisciplinar.

A Meta 4 envolveu a execução e prestação de contas das despesas operacionais e administrativas, sendo gerenciada pela Fundação de Educação, Tecnologia e Cultura da Paraíba (Funetec-PB), que apoiou a parte financeira do projeto. Por fim, a Meta 5



culminou na realização do evento “Hortas Escolares e suas Contribuições na Formação Discente e I Seminário da Agricultura Urbana e Periurbana no Alto Sertão Sergipano”, realizado em abril de 2024, quando foram apresentados os resultados do projeto e discutidas as perspectivas para a agricultura urbana no estado.

Embora o projeto tenha apresentado desafios, como a escassez de água nas escolas de Poço Redondo, que afetou o desenvolvimento das hortas devido ao clima semiárido, ele também gerou impactos positivos. As crianças, especialmente nas escolas rurais, tiveram a oportunidade de vivenciar a prática agrícola, entender o ciclo de cultivo e colher os frutos para a alimentação escolar. A horta não apenas serviu para complementar a merenda, mas também proporcionou uma rica experiência educacional, trazendo consciência ambiental, e contribuindo para a socialização e desenvolvimento dos estudantes.

Além disso, relatos de professores e diretores indicam que o manejo das hortas ajudou a melhorar o comportamento e a integração dos alunos, mostrando o potencial das hortas como uma ferramenta pedagógica para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

O projeto foi financiado pelo Termo de Execução Descentralizada (TED) nº 2022NC000027, com recursos no valor de R\$ 130.000,00, que foram utilizados para o pagamento das bolsas, aquisição de materiais e insumos, e despesas administrativas. Embora o término do projeto tenha comprometido a continuidade das atividades, as escolas expressaram interesse em retomar e expandir o projeto, com o apoio das próprias comunidades e gestores escolares.

DESAFIOS

Do ponto de vista pedagógico, um dos desafios do projeto Hortas Pedagógicas foi a adequação das atividades da horta à disponibilidade de horários dos membros da comunidade escolar, tendo em vista, a alta carga horária dos professores e a sobrecarga dos funcionários nas funções administrativas da escola. Como solução, foi proposta a inclusão de algumas atividades da horta na programação dos sábados letivos das escolas. Essa estratégia foi bem-sucedida, especialmente no Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, onde as atividades foram permeadas por apresentações culturais promovidas pelo bolsista. O convite para participação era emitido previamente e estendido para toda a comunidade escolar.

Do ponto de vista técnico, o maior desafio foi a implementação das hortas nas escolas de Poço Redondo, perante as condições do solo e clima presentes no local. Essas ocorrências exigiram uma maior dedicação dos bolsistas e da equipe técnica. Para tanto, o espaço da horta agroecológica do campus Poço Redondo foi revitalizado para realização de práticas experimentais e apoio ao



trabalho dos bolsistas, quando das dúvidas sobre as práticas mais indicadas para a região. Neste espaço foram feitos os testes de germinação de sementes, testes de irrigação, elaboração de caldas e biofertilizantes, entre outras práticas de base agroecológica.

INOVAÇÃO

Um dos fatores para obtenção de sucesso no desenvolvimento e crescimento das hortas é a sua constante manutenção. Em geral, as hortas requerem cuidados diários, especialmente no tocante a irrigação. Quando implantadas em escolas, tem-se o problema da falta de mão-de-obra disponível para os cuidados exigidos aos finais de semana e nos períodos de recesso e de férias escolares. Tentando equacionar esse problema, foi implementado no espaço da horta experimental do IFS, campus Poço Redondo, um projeto de irrigação automatizada em parceria com o IFS, campus Lagarto. Através de uma abordagem prática e educativa, a iniciativa envolveu a instalação de equipamentos de irrigação automatizada na área demonstrativa, servindo como modelo para treinamentos.

O projeto visou implementar e disseminar tecnologias de irrigação automatizada de fácil acesso, voltadas para as escolas e para as comunidades rurais, promovendo a eficiência no uso da água e a sustentabilidade na agricultura. A implementação do projeto pode ser vista como um auxílio para os agricultores familiares, ao ponto que facilita o manejo das hortas e economiza energia vital do agricultor e da agricultura. Considerando as vantagens, a irrigação automatizada pode ser utilizada na agricultura urbana e periurbana, contribuindo para a manutenção de hortas implantadas em diferentes espaços.



5.1.7 Potencialidades e desafios da plantação de uma agrofloresta comunitária como atividade promotora de saúde em uma unidade de saúde da família

Autores: Marcel Luis de Moraes Oliveira e Marcos Costa Santos

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Bahia/Juazeiro

Nome da entidade ou órgão participante: Unidade de Saúde da Família Argemiro - Secretaria Municipal de Saúde de Juazeiro-BA

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A humanidade se beneficia do contato com áreas verdes. A literatura evidencia que a existência destes espaços pode produzir conforto térmico em regiões de maior calor, atenuar níveis de poluição, reduzir estresse, depressão e ansiedade, aumentar níveis de saúde, produzir alimentos saudáveis, orgânicos e nutritivos e ervas medicinais, além de constituir ambientes de convívio para as pessoas que ocupam uma unidade de saúde da família (USF) ao longo do dia. Partindo desta compreensão, almejou-se plantar coletivamente uma agrofloresta comunitária que pudesse contribuir para a promoção da saúde, a melhora da qualidade de vida e a obtenção de alimentos fitoterápicos na USF Argemiro. Esta USF, localizada no bairro homônimo em Juazeiro-BA, é composta por três equipes de saúde e acolhe diversos pacientes diariamente em um prédio sem estrutura adequada. Muitas vezes os pacientes precisam esperar em ambientes sem sombra ou qualquer conforto. Aliado a isto, parcela da população adscrita encontra-se em situação de vulnerabilidade social e insegurança alimentar, não dispondo de alimentos nutritivos e saudáveis para o consumo, levando ao aumento nos índices de desnutrição e doenças crônicas não transmissíveis na área. Este texto trata-se do relato de experiência, inspirada a partir das condições observadas pelo médico residente à época, do processo de produção de uma agrofloresta comunitária entre julho de 2022 e dezembro de 2022 em uma USF no interior do Nordeste brasileiro. A agrofloresta foi plantada, ao longo de oito encontros, pelas equipes de saúde e pelos usuários de serviço, priorizando espécies nativas da Caatinga, árvores frutíferas e plantas com potencial medicinal. O projeto foi financiado pela própria equipe e por doações dos usuários, empresas locais e estudantes do curso de medicina da cidade. Trabalhadores e pacientes que frequentaram o espaço ou que se envolveram no projeto relataram sensação de bem-estar. Os encontros para manejo da agrofloresta foram bem avaliados, e o local passou a ser usado para reuniões de equipe, atendimentos, grupos de saúde e confraternizações.



DESAFIOS

Ao longo da intervenção, foram identificados desafios relacionados ao tipo de solo, falta de suporte técnico e grande demanda assistencial da própria USF, que dificultaram a realização de encontros. No momento a agrofloresta encontra-se sem os cuidados adequados, embora a organização das equipes e da comunidade possa restaurar seu bom andamento. A produção de uma agrofloresta demanda vários atores e organização, uma vez que desafios surgirão, embora possam ser superados de maneira coletiva.

INOVAÇÃO

Em tempos de emergência climática, esta é uma ação de agricultura urbana replicável em diversas USFs, de baixo custo material e com diversos benefícios à população, às equipes de saúde e ao meio ambiente em geral, indo ao encontro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, da Estratégia Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional nas Cidades e da Política Nacional de Humanização.



5.1.8 Projeto Mãos Solidárias – Rede Hortas Populares Agroflorestais Agroecológicas

Autores: Paulo Rogério Adamatti Mansan Camponês, assentado da reforma agrária, Doutor em Agroecologia – UFRPE; Gessica vitória lima dos Santos – Técnica em Agroecologia; Paulette Cavalcanti de Albuquerque – Dra. Professora Fiocruz – UPE; André Luiz Soares de Oliveira – Técnico em Agropecuária – IFPE; Jorge Luiz Schirmer de Mattos – Dr. Professor UFRPE; Fabiola Amaro Santos – Técnica em Agroecologia

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Nordeste: Pernambuco (Recife, Olinda, Camaragibe, Jaboatão, Moreno, Paulista, Caruaru, Cabo de Santo Agostinho) Rio Grande do Norte (Natal); Maranhão (São Luís), Paraíba (Campina Grande e João Pessoa), Alagoas (Maceió), Sergipe (Aracaju), Bahia (Feira de Santana)

Nome da entidade ou órgão participante: Mãos Solidárias, UFRPE, Fiocruz, Associação Juventude Camponesa Nordestina

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O “Projeto Mãos Solidárias” é uma parceria entre a Fiocruz PE, a UFRPE, a Campanha Mãos Solidárias e a Associação da Juventude Camponesa Nordestina – Terra Livre, entre outros movimentos sociais, que teve início no começo da pandemia. Através de uma emenda parlamentar do deputado Túlio Gadelha, construímos na Fiocruz um programa de formação em hortas agroecológicas em contexto urbano e periurbano com foco em saúde e agrofloresta, possibilitando processos pedagógicos, especialmente para membros das comunidades da região metropolitana do Recife e convidados de mais seis estados. Criamos 21 hortas, com o intuito de melhorarem a produção de alimentos saudáveis. Assim, construímos o “Projeto Mãos Solidárias – Rede Hortas Populares Agroflorestais”. A participação envolve aproximadamente 90 pessoas, sendo que 80% são mulheres negras da periferia, e aproximadamente 40% são jovens. Todo o projeto teve início com a criação do Agentes Populares de Saúde em 2020, uma parceria entre o Mãos Solidárias e a Fiocruz, após a inserção em dezenas de territórios do Nordeste. Para enfrentar a fome, tivemos várias iniciativas, a Rede bancos populares de alimento, dezenas de cozinhas populares solidárias. Junto a isso, vieram as hortas populares agroflorestais agroecológicas, uma rede forjada em Pernambuco que, logo no ano de 2021, se espalhou através da campanha Mãos Solidárias para todo o Nordeste.

Hoje tem um grande impacto com a existência de 21 hortas. Envolveu e envolve vários setores, órgão públicos, a UFRPE, que dá assistência técnica voluntária através dos alunos do doutorado em Agroecologia do PPGADT – UFRPE, a igreja católica, que cede alguns terrenos para horta e vários técnicos em agroecologia formados no SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa. A iniciativa partiu do coletivo do Mãos Solidárias.



Para desenvolvê-lo, precisamos de recursos financeiros para estruturação da rede NE. Assim, fizemos algumas reuniões do Nordeste, e conseguimos algum dinheiro para as hortas através dos governos de Pernambuco e Rio Grande do Norte e através de emendas parlamentares, (Deputado Túlio Gadelha – REDE PE, deputado João Daniel – PT SE), para comprar equipamento, insumos e sementes. A assistência técnica era toda voluntária. Três cursos deram unidade à rede NE, abordando agricultura urbana e periurbana agroflorestal agroecológica.

Os benefícios são inúmeros, mas, em especial, ajudaram na doação de alimentos para as cozinhas populares e para os bancos populares de alimentos. Destacamos que a criação de conhecimento compartilhado por meio da educação popular em saúde nas hortas também promove a disseminação de conhecimentos e práticas sustentáveis. Em resumo, o trabalho de formação em educação popular em saúde em hortas agroecológicas populares solidárias aborda desafios específicos enfrentados por essas comunidades urbanas e periurbanas, oferecendo soluções práticas para a melhoria da qualidade de vida, saúde, segurança alimentar e sustentabilidade ambiental. Além disso, ele capacita as comunidades a serem agentes ativos na promoção do bem-estar coletivo e na construção de um futuro mais saudável e sustentável.

DESAFIOS

Desafios para o desenvolvimento: o principal conhecimento foi da agroecologia e construção de hortas agroecológicas, ou seja, sem veneno e químicos. Para superar os desafios, são necessárias a participação de todos e muita conversa com todos. A experiência iniciou e consolidou duas dezenas de hortas, a a qualidade de vida das pessoas foi afetada através de uma alimentação mais saudável e do jeito de fazer através da educação popular.

INOVAÇÃO

Foram implantados sistemas agroflorestais dentro da floresta e a produção de alimentos e plantas medicinais dentro dos territórios.



5.2 REGIÃO SUDESTE

5.2.1 Horta Vila Pinho e a política pública de agricultura urbana em Belo Horizonte

Autores: Diana Nascimento Rodrigues e Maria Raquel de Jesus Vasconcelos

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Belo Horizonte/MG

Nome da entidade ou órgão participante: Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de Belo Horizonte - COMUSAN-BH.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Associação Santana do bairro Vila Pinho, localizado na regional Barreiro de Belo Horizonte - BH, iniciou em 1999 o diálogo com a comunidade sobre a situação de uma área pública utilizada como local de descarte ilegal de lixo, buscando estratégias de reduzir tanto a poluição no local quanto a incidência de violência na área ociosa. Assim, surgiu a possibilidade de utilizar o espaço para plantio de culturas anuais e criação de animais de pequeno porte. Com apoio de cinco agricultores, iniciaram o plantio no local no ano 2000. Com apoio do delegado da Polícia Civil Regional do Barreiro e da Prefeitura de Belo Horizonte - PBH, a associação reuniu aproximadamente 100 mães, seis pais e seus filhos para construção de uma horta coletiva em 2003, no intuito de produzir comida de verdade, reduzir a insegurança alimentar e nutricional na região, reduzir o descarte de lixo, a ocupação ilegal e a violência no local, com a possibilidade de as crianças interagirem com o plantio e a produção, reduzindo o contato com o tráfico de droga, considerando sua relação com a alta taxa de mortalidade no território. O planejamento inicial foi de a produção ser coletiva para o autoconsumo e doação para a comunidade vulnerável do entorno da horta, possibilitando à grande maioria das mães levarem sustento para suas casas.

Com apoio da Polícia Civil, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais - EMATER em Convênio com a da PBH, a horta recebeu financiamento do Banco do Brasil para construção da infraestrutura, iniciando com aterro da área, a perfuração do poço artesiano, a construção da cozinha, do escritório, dos banheiros e galinheiro em 2003, e o início das plantações coletivas em 2004.



adequada às famílias vulneráveis do território. Acesso esse que permitiu uma melhor variedade na alimentação das famílias, como relatado pela agricultora Raquel quando questionada sobre o assunto:

“Eu não conhecia alho poró, azedinha, rúcula, (...) Sabia da alface, mas não tinha dinheiro para comprar; ou eu comprava alface ou comprava pão! Então eu colhia folha de batata doce, picão e serralha que nascia no lixão que era aqui antes da horta, era o que eu fazia para os meninos comerem. E quem não fazia isso, buscava a doação dos restos dos sacolões. Então a horta ajudou todo mundo!”

A possibilidade de as mães levarem os filhos para a horta retirava as crianças da rua, reduzindo a chance de se envolverem com o crime. Com a redução dos gastos com a alimentação, era possível aos pais ajudarem os filhos em sua formação, tanto na formulação do caráter como profissional, gerando cidadãos que compreendem as normas sociais. Hoje as crianças que tiveram esse convívio social na horta são adultos conscientes, infelizmente diferentes de outras crianças do entorno, que perderam suas vidas no tráfico de drogas. A horta, por ter apoio da Polícia Civil em seu início, era um espaço seguro na periferia, já que reduziu os crimes cometidos em seu entorno.

Considerando os crimes ambientais e a crise climática enfrentada atualmente, áreas verdes como a Horta Vila Pinho são importantes para a mitigação ambiental na cidade, pois possibilitam o microclima, ajudando a regular a temperatura e a umidade do ar, além de reduzir os efeitos da poluição e do ruído.

A longo prazo, a melhoria da alimentação das famílias das agricultoras e dos consumidores é significativa, considerando também que desde sua formação a horta faz doações para pessoas vulneráveis, como pessoas em situação de rua, gerando uma melhoria na qualidade da saúde dos envolvidos. Na horta, muitos agricultores relatam melhoria em quadros de saúde mental, como depressão, sucesso no tratamento de doenças, como câncer de estômago e leucemia, na reabilitação de vícios, como alcoolismo, e mesmo no acolhimento dos consumidores, como apoio psicológico aos clientes.

O aumento na renda dos agricultores é algo considerável, visto que com as vendas da horta muitos conseguiram terminar a construção de suas casas, adquirir bens, como carro, complementar a aposentadoria ou mesmo fazer a contribuição previdenciária via pagamento de DAS de Microempreendedor Individual. A independência financeira das mulheres é algo notável na experiência da horta, sendo visível o empoderamento e força coletiva das mulheres acompanhadas.

A horta ainda abastece outras políticas públicas, com alcance aos alunos de duas escolas municipais do entorno que compram hortaliças da horta para alimentação escolar via Caixa Escolar. Os agricultores também participam da Feira da Agricultura Urbana organizada pela SUSAN.



No início da experiência a PBH conseguiu uma parceria com o Banco do Brasil, e com apoio financeiro realizou a construção da infraestrutura da horta.

Continuidade: A Horta Vila Pinho é uma das hortas mais antigas de Belo Horizonte, e segue produzindo ativamente há mais de 20 anos.

Após o recadastramento em 2007 o grupo construiu o regimento interno, firmando o compromisso coletivo de manutenção da horta. Embora os canteiros tenham passado para a produção individual, manter a horta é um dever coletivo fortemente compreendido pelo grupo. Parte do compromisso é identificado na participação na reunião mensal da horta, sendo feita atualmente no último sábado do mês. Os agricultores que faltam a duas reuniões seguidas sem justificativa recebem uma advertência verbal. Na terceira falta seguida, recebem uma advertência escrita, e caso tenham uma quarta falta, são desvinculados da horta. Para manutenção do espaço, é feita uma reserva financeira mensal (a “Caixinha da horta”), para a qual cada agricultor paga R\$ 20,00 reais. Com quatro mensalidades em atraso sem justificativa plausível, o agricultor recebe uma advertência escrita, e na sexta mensalidade em atraso ele é desvinculado da horta. A participação e construção coletiva do grupo é o que mantém o compromisso na horta; essa organização é fundamental para a continuidade da experiência.

DESAFIOS

A baixa mão de obra no período de 2007 foi um grande desafio para a continuidade da horta, sendo que a mudança de plantio coletivo para individual foi a solução mais viável até o momento. Considerando que todos os agricultores e agricultoras da horta são idosos, o falecimento e adoecimento de alguns agricultores ao longo dos anos têm sido um grande desafio pelo fator emocional, o vínculo criado entre eles e a manutenção dos seus lotes. Assim, a solução encontrada foi que suas famílias poderiam continuar com o uso do lote. Na falta do interesse da família, a vaga é aberta para a comunidade e preenchida por ordem de inscrição. Outra dificuldade encontrada ao longo da experiência foi a contaminação recorrente do poço artesiano. Infelizmente, apareciam animais (cachorros) mortos no poço, o que causava alto risco de contaminação para a produção. A SUSAN, considerando o risco que isso traria para a saúde coletiva, providenciou a instalação de uma caixa d'água de 15 mil litros e um sistema de irrigação, aterrou o poço, e se responsabilizou pelas despesas do abastecimento de água e eletricidade da horta.

Atualmente, o maior desafio da horta é a futura construção de uma ponte no terreno da horta pela PBH para ligação de dois bairros divididos pelo córrego localizado na parte posterior da horta. Tal situação traz muitas incertezas, como possível instabilidade financeira aos agricultores, redução da preservação da biodiversidade urbana e insegurança alimentar e nutricional dos consumidores e agricultores, além de prejudicar a confiabilidade da Política



de Agricultura Urbana em BH, instituída pela Lei nº 10.255, de 13 de setembro de 2011. Considerando esse risco, a Horta Vila Pinho tem buscado apoio por meio de parceiros como o COMUSAN-BH e AUÊ-UFMG para conscientização dos gestores e políticos da importância da horta na cidade.

INOVAÇÃO

A aplicação de metodologias agroecológicas foi crucial para a manutenção da horta, considerando estratégias naturais e não dependentes de insumos químicos. Ela possibilitou uma soberania nos tratamentos, cultivo e na alimentação dos envolvidos. O subsídio de insumos básicos como esterco, mudas e podas por parte do governo contribuiu para o início da horta e favorece até hoje sua manutenção. A irrigação própria no início da horta trouxe uma independência aos agricultores. Mesmo que em um segundo momento passam a ter o abastecimento financiado pelo governo, o direito à água de qualidade para a produção se mantém garantido.

Algo inovador da Horta é a participação nas políticas públicas da cidade, sendo a primeira horta urbana de BH a ter um agricultor urbano com Cadastro de Agricultor Familiar - CAF no Programa de Aquisição de Alimentos - PAA, fornecendo para os Restaurantes Populares da cidade e para a alimentação escolar municipal. Deste modo, a horta impacta fortemente a qualidade de vida e saúde da população, das famílias vinculadas, do entorno e do município de Belo Horizonte. Para além, recentemente a horta tem desenvolvido o interesse em criar peixes, considerando a piscicultura com a adubação dos viveiros de forma orgânica (do esterco das galinhas já criadas no local), mantendo um ecossistema saudável com alimento adequado para os peixes e seus consumidores.



5.2.2 Agroecologia e segurança alimentar nos serviços de saúde de Belo Horizonte

Autores: Allana Ramony Batista Fernandes, Mirian dos Santos Fernandes

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Belo Horizonte/MG

Nome da entidade ou órgão participante: SUSAN – Subsecretaria de Segurança Alimentar

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência de implementação de Unidades Produtivas Institucionais pela Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional – SUSAN, a qual compõe a estrutura da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania – SMASAC, foi marcada por um processo colaborativo e planejado. A iniciativa partiu de uma análise das necessidades locais em termos de segurança alimentar e nutricional, bem como de geração de renda e desenvolvimento sustentável. Esse esforço visa especialmente a transformação de áreas improdutivas alinhadas segundo os princípios da agroecologia, abrangendo uma ampla variedade de cultivos e práticas de manejo. Dentre eles, destacam-se hortaliças, frutíferas, agroflorestas, espécies anuais, medicinais, aromáticas, condimentares, plantas alimentícias não convencionais, flores e compostagem.

A organização para realizá-la envolveu a mobilização de diferentes setores da comunidade, incluindo servidores públicos, organizações da sociedade civil e voluntários locais, buscando uma construção participativa e baseada nos princípios da agroecologia. Existem dois tipos de Unidades Produtivas institucionais, as públicas e as privadas; na Unidade Produtiva Institucional pública a gestão é realizada por servidores públicos, e a produção pode ser compartilhada com os usuários da instituição. Exemplos incluem cultivos em escolas, centros de saúde, CRAS, centros culturais, penitenciárias e demais equipamentos públicos. Já a Unidade Produtiva Institucional privada sem fins econômicos é gerenciada e produzida por Organizações da Sociedade Civil, entidades socioassistenciais e beneficentes, institutos, fundações, associações e organizações sem fins econômicos da sociedade civil. Essa abordagem permite uma gestão participativa e comunitária, visando não apenas à produção de alimentos, mas também ao fortalecimento dos laços sociais e à promoção do bem-estar comunitário. A SUSAN, por meio da Gerência de Fomento à Agricultura Familiar e Urbana (GEFAU), acompanha o desenvolvimento das Unidades Produtivas no período mínimo de três anos, buscando fomentar sua autonomia e sustentabilidade. Esse acompanhamento inclui assessoramento, capacitação técnica e doações de insumos, visando fortalecer os grupos envolvidos e garantir a continuidade das atividades.

Os Centros de Saúde e os CRAS possuem potencial para promoção da Segurança Alimentar e Nutricional, através da implantação de hortas em seus espaços ociosos,



visto que são instituições que integram em seus atendimentos pessoas do entorno da comunidade e principalmente aquelas que estão em vulnerabilidade social. Sendo assim, a participação desses equipamentos em políticas públicas é de fundamental importância, pois têm potencial para chegar a mais pessoas. Atualmente são 36 Unidades Produtivas Institucionais, das quais nove encontram-se dentro de Centros de Saúde ou CRAS. O processo de implantação dessas unidades é feito inicialmente através de um cadastramento, onde o equipamento interessado, por meio do preenchimento de informações manifesta seu interesse. Neste formulário são coletadas informações como endereço, tamanho da área, número de pessoas envolvidas, entre outros. Em seguida, o técnico responsável realiza uma vistoria e, no caso de a área ser considerada apta, orienta todas as ações necessárias para o início da implantação, como número de canteiros, técnicas de plantio, manutenção de hortas, manejo e conservação do solo, entre outras técnicas necessárias para o plantio inicial.

Após o primeiro plantio, há um acompanhamento técnico do desenvolvimento das plantas, bem como da interação do coletivo, até que a unidade consiga planejar os próximos cultivos sozinhos. Porém, vale salientar que a GEFAU, por meio da SUSAN, fornece insumos essenciais como mudas, cobertura de solo e adubo orgânico, de forma regular, visando garantir a continuidade e efetividade do processo. Nesse contexto, é possível deduzir que uma gama de pessoas é beneficiada direta ou indiretamente. Pode-se citar que o benefício direto é propriamente o alimento produzido de forma limpa, saudável e segura, pois não usa nenhum tipo de agrotóxico na sua produção. Esses alimentos são colhidos e consumidos na própria instituição ou levados para seus familiares. Além disso, vários beneficiários relatam que os cuidados com a horta ajudam na saúde mental, funcionando muitas vezes como terapia e ainda contribuindo para melhor interação social no trabalho e na sociedade. Os principais desafios enfrentados incluem a falta de recursos financeiros, a necessidade de capacitação técnica e a adaptação de espaços anteriormente degradados. Para superá-los, foram necessárias articulações eficazes com diferentes atores locais, incluindo parcerias com instituições públicas e privadas, além do engajamento da comunidade.

Das lições aprendidas, destacam-se a importância do apoio institucional, do trabalho colaborativo e da valorização dos conhecimentos locais. A inovação nesta experiência está na integração de diferentes atores sociais, na promoção da agricultura urbana como uma alternativa sustentável, na promoção de segurança alimentar e na revitalização de áreas para fins produtivos. Essa abordagem contribui significativamente para o desenvolvimento local e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas.

DESAFIOS

O desafio da perda de continuidade do processo de produção de hortaliças, devido à necessidade de formação na área ou de conhecimento das técnicas de cultivo, foi contornado com oficinas temáticas oferecidas pela Prefeitura de Belo Horizonte. Todos os beneficiários da política pública são convidados a



participar de eventos de formação técnica de forma a aprender e compartilhar conhecimentos e experiências.

INOVAÇÃO

As inovações incorporadas foram de caráter formativo. À medida que a formação se torna continuada, as experiências de plantio e a consolidação do coletivo se tornam mais consistentes. Essa estratégia contribui para que a política pública não seja descontinuada com possíveis mudanças de coordenação nos Centros de Saúde e nos Centro de Referência e Assistência Social. Essa continuidade pode garantir que as pessoas que acessam esses equipamentos sejam beneficiadas por mais tempo com alimentos saudáveis e diversos. Isso impacta positivamente a saúde física, pois os alimentos produzidos são livres de veneno, mental, pois a participação do dia a dia no cuidado com a horta contribui para a saúde mental, e a colaboração na renda das pessoas, pois não precisam comprar tais alimentos.



5.2.3 Hortas comunitárias e escolares, uma estratégia de cidade sustentável

Autores: *Carolina Alves Miranda; Diana Nascimento Rodrigues; Renata Cristina Campos*

Eixo 1: *Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social*

Local/Município: *Belo Horizonte/Minas Gerais*

Nome da entidade ou órgão participante: *Centro de Saúde Milionários*

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A ideia do Projeto da Horta Comunitária e Escolar surgiu em 2017 na reunião da Comissão Local de Saúde do Centro de Saúde Milionários, quando moradores, profissionais e gestores locais foram sensibilizados pela nutricionista do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF/AB) sobre os prejuízos socioambientais gerados com o sistema alimentar atual, no qual há o predomínio da monocultura, do uso de agrotóxicos e de transgênicos. Também foram alertados sobre os benefícios à saúde e à comunidade advindos da produção coletiva e do acesso a alimentos agroecológicos livre de contaminantes e plantas medicinais.

Os aspectos discutidos levaram o grupo a se articular na composição do Conselho da Horta, que contou com representantes do Conselho Local de Saúde do Centro de Saúde Milionários, da Associação Comunitária dos Moradores do Bairro Milionários e Adjacências (ASCOMBAMA) e da Escola Estadual Celso Machado (EECM). A ideia era iniciar na EECM e expandir as ações de agricultura urbana e periurbana para outras instituições e espaços (domicílios, praças, parques etc.). Na busca de parceiros institucionais para a concretização do projeto, foi feito contato com a Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional (SUSAN) e com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER/ MG), que agrega ao projeto o apoio técnico de profissionais, além de fornecer recursos e insumos como mudas, sementes, ferramentas, terra vegetal, esterco etc.

Foram programadas sensibilizações nos grupos realizados no território para divulgar a proposta do Projeto. Em seguida, foi realizada uma reunião para cadastramento dos interessados e uma visita ao terreno da escola. Posteriormente, iniciou-se seu preparo para desenvolvimento da Horta.

Foram buscadas parcerias não institucionais e recursos (materiais e de serviços) de forma cooperativa e solidária, que seriam necessários para a preparação do terreno e o uso adequado do solo. O grupo, então, iniciou o plantio das mudas e sementes e uma rede de partilha solidária das hortaliças entre os colaboradores e seus familiares. Professores, funcionários e alunos da escola onde acontece o projeto também se envolveram em reuniões e atividades na horta. Em 2021 os colaboradores iniciaram a oferta das hortaliças no Programa de Feiras da Agricultura Urbana da Prefeitura



de Belo Horizonte (PBH), acompanhado pela Gerência de Apoio ao Abastecimento e Comercialização (GABAC).

No início da implantação do Projeto, foi realizado o cadastramento da Horta para acompanhamento pela SUSAN, que ofereceu, por meio de um aplicativo, recursos, insumos e apoio técnico profissional como mudas, sementes, esterco, capacitação etc. Também foi realizado o cadastramento da Horta na Regional Barreiro. Em 2021 os agricultores colaboradores da Horta se inscreveram no Edital da Feira de Agricultura Urbana de BH e foram aprovados e acompanhados pela GABAC. Uma das ações da GABAC era o recebimento de um relatório (romaneio) com informações sobre o que estava sendo vendido, se era proveniente da horta domiciliar do colaborador, da Associação Comunitária ou da Escola Estadual Celso Machado, informações sobre o preço, a quantidade ofertada. Além disso, realizavam visitas para saber se estavam sendo seguidas as normativas na produção dos produtos de acordo com o estabelecido no Edital: produtos agroecológicos, sem agrotóxicos ou transgênicos.

A produção da horta comunitária e escolar aconteceu de forma compartilhada entre escola, colaboradores, doações e /ou para a feira de agricultura urbana, sendo que a renda adquirida foi gerida pelo grupo e teve o objetivo de ser usada para a manutenção da horta, conforme decisão coletiva. Os colaboradores que contribuem para os cuidados da horta podem colher os alimentos para a sua família.

As hortaliças que não eram vendidas na feira eram aproveitadas para o almoço solidário na cozinha da ASCOMBAMA, onde foram servidas refeições de forma gratuita e colaborativa para alguns moradores de maior vulnerabilidade social e econômica. Este almoço foi possível graças a contribuição de cada colaborador, que oferecia uma doação de alimento para o cardápio ou ajudava nas atividades necessárias antes, durante ou após a produção das refeições, além de estabelecimentos comerciais, como sacolões, supermercados e padarias da região, que fizeram doações de alimentos, tanto para a formação de cestas básicas para apoio social, quanto de alimentos que não estavam apresentáveis para a venda, mas que estavam em condições de serem consumidos no almoço da Associação. Quando não estavam adequados, eram selecionados, chegando a ser destinados para a compostagem das hortas. Um dos projetos da Associação Comunitária é concretizar uma cozinha comunitária colaborativa (público, privada e comunitária) no território do Bairro Milionários.

Outra ação desenvolvida por alguns colaboradores que participavam do projeto da horta e no grupo Viver com + Saúde da nutricionista e do Educador Físico do Centro de Saúde Milionários era de partilhar algumas hortaliças da Horta, contribuindo para as Oficinas Culinárias realizadas no grupo, como o preparo de sucos naturais, temperos e até sorteios das hortaliças para os participantes, incentivando hábitos alimentares saudáveis, sustentáveis e a participação no projeto da horta.



Outra instituição que tem oferecido apoio para o Projeto é a Instituição Social Lar Fabiano de Cristo (LFC), cedendo o espaço físico para realizar as reuniões do grupo de nutrição e atividade física Viver com + Saúde e para as oficinas culinárias na cozinha da Instituição LFC. Além disso, as crianças assistidas pelo LFC realizaram visita na Horta Comunitária e Escolar Celso Machado. Professores da Escola Estadual Celso Machado, de várias disciplinas e turmas, se envolveram no Projeto, promoveram visitas com os alunos, e junto com os colaboradores, até roda de conversa aconteceu. Além disso, houve a visita de alunos de Faculdade próxima, residentes de medicina e uma Escola particular da região, que juntamente com alguns pais de alunos se envolveram nas ações da horta, por exemplo, com o preparo da compostagem, a degustação de alimentos ou preparos com alimentos da horta, lanche coletivo, plantio coletivo, colheita coletiva etc. Além disso, funcionários - atendentes de serviço básico (ASB) da EECM ajudaram a organizar o funcionamento da compostagem (separar orgânicos).

A iniciativa e proposta para a concretização do projeto partiu da Nutricionista do NASF/AB na reunião de Comissão Local de Saúde do Centro de Saúde Milionários, quando a coordenação de NASF/AB Barreiro solicitou que fosse proposto um Projeto nas Comissões ligado às áreas de atuação de cada profissional. Então, a nutricionista encontrou o apoio desta Comissão, da Gerente do Centro de Saúde, de lideranças da ASCOMBAMA, que já estavam engajados no cultivo de uma horta na sede da Associação. Posteriormente, a psicóloga da Saúde Mental iniciou sua participação nas reuniões do grupo de colaboradores da horta e, junto com a nutricionista, ajudou a programar as reuniões do grupo, direcionar os colaboradores e dar apoio psicológico em relação às dificuldades de relacionamento entre os participantes.

Os colaboradores da horta se organizaram para realizar juntos o cultivo das hortaliças, a manutenção da horta, a colheita (para a feira ou colheita coletiva) e o transporte das hortaliças colhidas da escola para o local onde ficava a Feira de Agricultura Urbana onde seriam vendidas. Alguns colaboradores planejaram os preços de cada produto a ser ofertado, outros ficaram oferecendo as hortaliças na barraca, e no final era feita por alguns colaboradores a contabilidade dos recursos financeiros. Foi definido pelo grupo o uso dos recursos para necessidades eventuais da horta ou para formar cestas básicas, desde que havendo concordância pela maioria do grupo.

Algumas equipes de saúde da família (ESF) visitaram o espaço da horta. Porém, não participaram ativamente do projeto, certamente devido à demanda de pacientes agudos, a dificuldade da agenda e de inserir este tipo de atividade na rotina do serviço, por não haver uma liberação ou indicação institucional. Alguns profissionais encaminham pacientes para a horta; porém, geralmente a adesão destes encaminhamentos é baixa, pois foi observado que quando o visitante chega pela primeira vez ao projeto, se não houver um colaborador ou apoiador com quem tenha algum vínculo, fica muitas vezes desestimulado em participar; algumas pessoas têm mais dificuldade em receber novas pessoas. Além disso, outra ação realizada pelos colaboradores em relação ao serviço de saúde e assistência social é que alguns se voluntariaram e ofereceram doação de hortaliças para pacientes nos domicílios indicados pela nutricionista devido a alguma limitação física, financeira e de necessidades nutricionais.



A época da Feira de Agricultura Urbana foi quando o grupo se engajou e cooperou de forma coletiva, cada um se organizando em uma atividade e ajudando para que o objetivo de oferecer alimento saudável e sustentável para a comunidade acontecesse. Desde o início do Projeto houve o envolvimento de várias pessoas que deram contribuições diversas para o espaço da horta, e várias pessoas colheram os frutos desta produção coletiva. Porém, no período da pandemia, o projeto passou por um período de saída de colaboradores, baixa produção de hortaliças, perda de cultivos por chuvas intensas. Devido a isso, a feira não pode ser continuada e foi suspensa. Apesar disso, o Projeto continuou mesmo com dificuldades, e após a pandemia, novas pessoas entraram, e alguns colaboradores antigos retornaram.

O Projeto objetiva unir as pessoas do território de forma colaborativa, criando um ambiente terapêutico por meio do cuidado do solo e do cultivo de vegetais. Foram implementadas algumas diretrizes de organização e funcionamento da horta por meio da elaboração de um regimento interno pelos colaboradores que preconiza ações coletivas cooperativas, tais como: plantio coletivo, manutenção da horta, colheita coletiva e partilha da produção (entre escola, colaboradores, visitantes e doações). Cada colaborador que entra para o Projeto pode desenvolver as ações para as quais tenha mais habilidade e aptidão, tendo sido proposta a formação de comissões temáticas (CT) por eixos de ações na horta (CT da compostagem, CT do preparo de canteiros, CT plantio coletivo, CT plantas medicinais etc.). Além disso, a gestão ou coordenação da horta é compartilhada, podendo ser realizada por mais de um colaborador, de acordo com a aptidão e perfil para tal, pois não existe uma liderança específica para a gestão/ coordenação da horta. Um novo participante, se torna colaborador ativo participando das atividades da horta pelo período de um mês e colaborando, pelo menos, uma vez por semana.

Para a implantação do Projeto, houve a reunião da nutricionista na Comissão Local de Saúde do Centro de Saúde Milionários para a conscientização da importância do alimento agroecológico e o impacto do Sistema Alimentar vigente na saúde e no meio ambiente, pactuação com a comunidade, por meio da Associação Comunitária, para desenvolvimento do Projeto, identificação de terrenos públicos/institucionais, documentações necessárias e os possíveis parceiros (institucionais e não institucionais) para a concretização do projeto, divulgação do projeto em grupos e instituições do território (Igrejas, grupo de Lian Gong, grupos de nutrição, Academia da Cidade etc.), reunião para cadastramento dos interessados e preparo dos terrenos para início das atividades na horta. Foram preparados dois terrenos, a revitalização do espaço da ASCOMBAMA e o preparo do terreno na EECM.

Os colaboradores da horta também atuaram, ajudando outras instituições e projetos envolvidos com a agroecologia, como a Escola Estadual José do Patrocínio, a Escola Estadual José Miguel, a Horta Comunitária da Ocupação Paulo Freire etc.

Os sujeitos envolvidos foram os alunos, professores, diretores, pais de alunos, moradores do território (usuários do serviço de saúde), conselheiros da Comissão Local de Saúde, da Associação Comunitária, profissionais de saúde, Gerente do Centro de Saúde,



coordenadores de Instituições Sociais e crianças assistidas por elas, professores e alunos de Faculdades, profissionais dos setores ligados à segurança alimentar e nutricional, meio ambiente, agricultura urbana, limpeza urbana (ex: SUSAN, GABAC, GEFAU, SLU etc.).

Impacto e alcance: A experiência promoveu a união dos colaboradores (muitos residentes no território), pelo bem comum, formando vínculos duradouros, servindo como uma terapia e um cuidado coletivo, por meio do cultivo e da partilha de alimentos saudáveis e plantas medicinais, não apenas para si, como também para a sua família, e outras pessoas do território. Trouxe um sentimento de cooperação uns com os outros, incentivando a partilha da produção, de cooperação com a natureza e seus recursos naturais, em que cada colaborador, ajudando em uma etapa, concretizou o acesso a uma alimentação saudável e sustentável. O público-alvo para as ações na Horta Comunitária e Escolar são todas as pessoas ou instituições que desejarem apoiar ou colaborar com a Segurança Alimentar e Nutricional, sejam moradores, profissionais, funcionários, instituições públicas, privadas etc., pois todos possuem o direito de acesso a uma alimentação saudável, adequada e sustentável, assim como todos temos a responsabilidade de cuidar do meio ambiente, dando o destino apropriado dos seus resíduos e a contribuição necessária para a preservação da natureza.

O grupo não recebeu nenhuma contribuição financeira de nenhuma instituição ou do governo; apenas contribuições de serviços e materiais das instituições envolvidas e colaboradores, entre outros visitantes. O uso dos recursos financeiros gerados com o funcionamento da Feira de Agricultura Urbana da PBH, foi gerenciado pela ASCOMBAMA, com o apoio de alguns colaboradores da horta, e usado para manutenção das necessidades da horta, entre outras atividades, como lembrança de Natal aos colaboradores, cestas básicas, ferramentas etc. Havia um caderno para anotação da saída e da entrada de recursos e notas fiscais. Depois que foi finalizado o programa de feiras, os colaboradores decidiram que venderiam as hortaliças, quando assim desejassem, para vizinhos, amigos e parentes, desde que os colaboradores que contribuíram para o preparo daquele canteiro ou plantio estivessem de acordo. Porém, a finalidade do projeto não é a venda de hortaliças.

O Projeto continua em funcionamento no terreno da EECM e da ASCOMBAMA e conta com o apoio da nutricionista do Centro de Saúde Milionários, de forma eventual. Porém, o grupo não faz parte mais do Programa de Feira da Agricultura Urbana de BH, e não acontecem mais os almoços solidários na cozinha da Associação Comunitária desde o final da pandemia, devido à falta de estrutura do espaço.

O projeto conta hoje com cerca de 10 colaboradores agricultores, entre outros apoiadores, e tem sido um projeto de articulação de sujeitos e coletivos que visa promover o acesso a alimentos saudáveis, baratos e permanentes, de forma intersetorial, interdisciplinar e interinstitucional, contando com uma rede circular de produção, partilha e economia solidária de alimentos.



Uma das estratégias desenvolvidas foram as articulações com diferentes setores: saúde, educação, segurança alimentar, agricultura, gestão de resíduos e associação de moradores. Objetiva responder a demandas da população no tocante à alimentação e ao estilo de vida, promovendo saúde e bem-estar físico, mental, social e ambiental de forma participativa, intersetorial, agroecológica, autossustentável e autogerida.

Visa, para isso, facilitar o acesso a alimentos agroecológicos, de forma partilhada, acordados pelo grupo, fomentar educação em saúde e consciência de cidadania, promover empoderamento e autonomia no trabalho comunitário, fortalecer e ampliar vínculos sociais e ações coletivas e solidárias. Tudo isso valorizando a cultura local, capacitando a comunidade no cultivo de hortaliças, na educação quanto à agroecologia, ecologia e educação socioambiental. Para tal, recorre-se também às metodologias participativas norteadas pela Psicologia comunitária e pela Psicossociologia, em rodas de conversa quinzenais com os agricultores. Paralelamente, nutricionista e psicóloga buscaram com a autoanálise e a análise da implicação investir em aspectos teóricos, metodológicos e práticos que sustentam o processo de intervenção, bem como escutar, acolher e problematizar as demandas dos participantes para avançar nas ações.

DESAFIOS

Quanto aos desafios, observam-se, nas relações, problemas de poder e comunicação que atravessam o funcionamento e a gestão das propostas. As reuniões do grupo eram frequentes, chegando a ser quinzenais na época em que o projeto integrou a produção das hortaliças da horta, da feira e da cozinha. Porém, nem todos participavam das reuniões, o que dificultava que as decisões fossem implementadas por todos. Outra dificuldade observada é a noção de coletivo, de propriedade coletiva, pois algumas pessoas tomavam decisões individualmente, sem consultar o coletivo.

Algumas Equipes de Saúde da Família (ESF) visitaram o espaço da horta, mas não participaram ativamente do projeto, devido à demanda de pacientes agudos e a dificuldade de inserir este tipo de atividade na agenda, pois não está entre os escopos de atividades a serem executadas pelas ESF. Além disso, alguns profissionais fazem encaminhamento dos pacientes para a horta; porém, foi observado que quando o visitante chega pela primeira vez ao projeto, se não tiver um colaborador ou apoiador com quem já tenha algum vínculo, fica, muitas vezes, desestimulado em participar, pela falta de confiança ou dificuldade de empatia que alguns colaboradores têm em receber novas pessoas ou porque as pessoas não se adaptam à rotina de cuidado da horta. Foi observado que quando novos participantes entram para o projeto convidados por outros colaboradores ou apoiadores que já conhecem e com quem possuem vínculo, tanto com a pessoa convidada quanto com o Projeto da Horta, a chance de permanecer no projeto é maior. Além disso, quando acontece a visita dos participantes do grupo de nutrição e atividade física “Viver



com + Saúde” à horta, algumas pessoas entram e permanecem mais tempo no projeto, adaptando à rotina de cuidado da horta. Dentre as problemáticas colocadas pelos agricultores colaboradores estão a falta de uma liderança no grupo, a divisão de tarefas e espaços, a maioria dos colaboradores serem mulheres, a pouca participação de jovens, a dificuldade em lidar com pessoas com sofrimento mental, o número de colaboradores insuficiente para o número de atividades necessárias a serem realizadas na horta e problemas com a proliferação de alguns insetos que ainda não foram solucionadas.

Outro desafio foi a implementação da compostagem em parceria com os funcionários da cozinha da escola. No início funcionou bem, de forma cooperativa e solidária. Os funcionários selecionavam os resíduos orgânicos e deixavam em local específico, podendo receber alguma hortalíça da horta como agradecimento, sendo que aumentou bastante a produção de adubo orgânico. Alguns alunos também fizeram atividade pedagógica na compostagem; porém, com a queda no número de colaboradores da horta, algumas dificuldades surgiram na produção da compostagem. Houve a proliferação de insetos e mosquitos, precisando haver a intervenção da equipe de zoonoses do Centro de Saúde Milionários. Devido a isso foi observado que a quantidade de resíduos orgânicos, se muito superior ao número de colaboradores na horta, pode dificultar a produção da compostagem de forma adequada, impactar a qualidade do adubo produzido, e até levar à proliferação de insetos nos cultivos, trazendo uma desarmonia para a horta. Devido a isso, infelizmente, foi necessário cancelar o recebimento dos resíduos orgânicos da cozinha da escola, pois a participação dos funcionários e alunos geralmente acontece de forma apenas pontual, provavelmente por não possuírem uma liberação ou programação da grade curricular que possibilite a participação mais frequente e até de forma colaborativa e pedagógica para as atividades da horta.

INOVAÇÃO

Uma das inovações realizadas pelo Projeto da Horta Comunitária e Escolar foi a relação circular ou integração que se estabeleceu com a produção das hortaliças do domicílio dos colaboradores, da Horta Comunitária e Escolar (Celso Machado e ASCOMBAMA), com a Feira de Agricultura Urbana e a culinária por meio da Cozinha Solidária da Associação Comunitária (ASCOMBAMA), favorecendo uma relação de cooperação entre os participantes, com a redução de desperdícios e a possibilidade do aproveitamento do alimento de forma integral. Além disso, a sensação de que é possível produzir nosso alimento, sem o uso de veneno e transgenia, por meio do incentivo à cooperação e solidariedade, junto às instituições que cooperam com a Segurança Alimentar e Nutricional. Isso gera uma relação de autoajuda, apoio mútuo, fortalecendo assim o Sistema Único de Saúde, pois todos fazemos parte e podemos contribuir, até os moradores de um território, para a saúde individual, coletiva e a preservação ambiental. Integramos a relação social, alimentar e com a natureza, e assim formamos uma rede de relacionamento humano, cooperativo, solidário e ecológico.



Outra ação realizada recentemente foi a criação de um grupo de WhatsApp intitulado Segurança Alimentar e Nutricional do Barreiro (SAN - B), com as instituições, profissionais e os cidadãos que buscam fortalecer a SAN no território, tais como agricultores da região, pessoas de instituições religiosas, assistentes sociais, coordenadores de instituições sociais, colaboradores da horta comunitária e escolar, nutricionista, conselheiros da Associação Comunitária, da Comissão Local de Saúde, Gestores de Centros de Saúde, comerciantes de alimentos, entre outras pessoas. O objetivo é integrar esforços para a concretização e integração dos equipamentos de SAN (cozinha comunitária, banco de alimentos, feiras de agricultura urbana e economia solidária, estrutura dos espaços físicos para as hortas comunitárias e escolares etc.) no território, melhorar a comunicação entre as instituições, profissionais, colaboradores ou apoiadores, e conseqüentemente, fortalecendo o Projeto de Horta Comunitária e Escolar.

A experiência vem mostrar que as pessoas do território podem ser incentivadas e direcionadas a cultivar seu próprio alimento, tanto nos domicílios, quanto em espaços coletivos, e que é necessário que as instituições envolvidas com a SAN (centro de saúde, escolas, CRAS, igrejas, instituições sociais, comércio etc.) integrem esforços, junto a associações comunitárias (que representam o cidadão do território) para tornar os espaços coletivos de cultivo de alimentos um ambiente terapêutico e propício para a socialização, o bem-estar, a cooperação mútua, a partilha de uma alimentação saudável, adequada e sustentável, resgatando a prática da culinária, o consumo de alimentos in natura ou minimamente processados, e a gestão de resíduos de forma coletiva. Assim, cuidamos da nossa saúde, da saúde coletiva, do meio ambiente, trazendo menos impactos ao clima e ao planeta como um todo.



5.2.4 Horta urbana: investindo na agroecologia, promovendo a alimentação saudável

Autores: Anuar Teodoro Alves, Adriana Regina Flávio de Oliveira, Adriano Alves da Silva, Alex Ribeiro de Faria, Vítor Oliveira Rodrigues

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Formiga/MG

Nome da entidade ou órgão participante: Banco Municipal de Alimentos de Formiga - MG e Centro Universitário de Formiga - UNIFOR-MG

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto Horta Urbana teve início em março de 2018, planejando aproveitar um terreno ocioso localizado ao lado do Banco Municipal de Alimentos de Formiga - MG para a implantação de uma horta, sendo conduzida a experiência por estagiários do curso de Engenharia Agrônômica do UNIFOR-MG, que à época, prestavam serviço no Banco de Alimentos, coordenados pelo então coordenador Anuar Teodoro Alves e supervisionados pelo Professor Adriano Alves da Silva. Os principais objetivos da iniciativa são:

1. contribuir no combate à fome e à desnutrição de famílias que estejam em situação de vulnerabilidade social e/ou em estado de insegurança alimentar e nutricional e combater o desperdício com o aproveitamento total dos alimentos
2. desenvolver práticas e hábitos alimentares saudáveis pela melhoria da dieta alimentar, com a adição de verduras, legumes e frutas no cardápio alimentar
3. realizar atividades de educação alimentar, nutricional e de economia solidária
4. garantir quantidade, qualidade e regularidade na produção agroecológica
5. garantir o acesso das comunidades participantes aos alimentos frescos e saudáveis
6. promover a participação efetiva das comunidades no entorno das hortas em sua gestão, de modo que possam conseguir sua sustentabilidade econômica e ambiental



A iniciativa contou inicialmente com o apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Humano e do UNIFOR-MG, através dos estagiários do curso de Engenharia Agrônômica e da cessão de maquinário para o preparo do terreno, da empresa Carmeuse Brasil, responsável pela doação das mudas de hortaliças utilizadas. Com o avanço, novos parceiros, como a Emater-MG e a Germinar Mudas, passaram a colaborar com o Projeto. A ideia partiu do então coordenador do Banco Municipal de Alimentos de Formiga – MG (BMA), Anuar Teodoro Alves, e contou com a adesão imediata dos estagiários do curso de Engenharia Agrônômica do UNIFOR-MG, que prestavam serviço BMA e que realizaram análise do solo para começar a preparação do terreno onde seria implantada a horta.

Etapas e sujeitos:

1. análise do solo – estagiários
2. limpeza do terreno – servidores e maquinário da Prefeitura
3. correção do solo com calcário – estagiários
4. preparação dos canteiros – maquinário do UNIFOR-MG
5. adubação com esterco bovino – estagiários
6. montagem do sistema de irrigação com microaspersores – estagiários
7. plantio de mudas – estagiários e crianças da comunidade

Em todas as etapas, o Projeto contou com a participação dos estagiários do curso de Engenharia Agrônômica do UNIFOR-MG, sob a supervisão do Professor Adriano Alves da Silva, e funcionários do BMA.

O impacto inicial foi recuperar uma área degradada e dar a ela um destino que pudesse trazer benefícios tanto aos atores envolvidos, os estagiários que puderam praticar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, e à população do entorno, que passou a ter acesso a alimentos saudáveis. A longo prazo, o Projeto se estendeu por diversas regiões da cidade, beneficiando um número cada vez maior de pessoas no entorno das hortas. Desde o início, o Projeto conta com diversos parceiros que doam insumos e equipamentos e cedem máquinas e implementos para a condução das hortas. Sendo assim, não foi necessário o uso de recursos públicos no Projeto.

O projeto teve continuidade, se expandindo para diversas comunidades urbanas e periurbanas, sendo implantado atualmente em escolas da rede municipal de ensino.



Uma estratégia importante para captar novos parceiros, foi uma grande divulgação do Projeto através das redes sociais e da imprensa local, regional e estadual. Isso deu grande visibilidade ao Projeto, que foi capa de revista regional e matéria em vários telejornais do estado.

DESAFIOS

Um dos maiores desafios enfrentados, foi com relação à irrigação, que por diversas vezes, por falta de mão de obra na comunidade envolvida, acabou causando a perda e morte de mudas. A solução encontrada foi a automação dos sistemas de irrigação, com o apoio de um parceiro que adquiriu bombas e timers, o que possibilitou um controle maior da irrigação.

INOVAÇÃO

A inovação para as hortas comunitárias do município foi o cultivo sem o uso de agrotóxicos, usando caudas naturais para o combate das pragas e o uso racional da água, práticas até então não utilizadas. A produção de alimentos saudáveis e o acesso gratuito das famílias do entorno, proporcionou uma melhoria nas condições de Segurança Alimentar e Nutricional, melhorando também as condições de saúde.



5.2.5 Horta Terapêutica

Autores: Franciele de Lima Souza Tinoco e equipe CRAS Renê Vieira Leitão

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Pará de Minas-MG

Nome da entidade ou órgão participante: CRAS Renê Vieira Leitão–Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social e Fazenda de Recuperação Feminina Sociedade Amor à Vida-SOVIDA

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Este CRAS sempre mostrou interesse por fomentar iniciativas de sustentabilidade, de promoção à qualidade de vida, planejamento familiar e estímulo para geração de emprego e renda. Desse modo, no ano de 2022 foi aberto um Edital de Chamamento Público do COMID 01/22 (Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa) com oportunidade de financiamento dos projetos a partir do Fundo Municipal do Idoso (FUMID). A coordenação do CRAS Franciele Lima decidiu por incluir este projeto com o objetivo de realizar o plantio, cultivo e colheita de legumes e hortaliças e proporcionar uma alimentação saudável a todos os envolvidos (idosos, casa de recuperação e comunidade de baixa renda atendida pelo CRAS).

Foi realizado o planejamento deste projeto inicialmente para 12 meses, que posteriormente foi prorrogado por mais 12 meses, sendo de suma importância todos os envolvidos nesta proposta: CRAS Renê Vieira Leitão, com a idealização e escrita, Fazenda de Recuperação Feminina Sociedade Amor à Vida-SOVIDA, com suporte e estruturação prática e gerenciamento financeiro, e Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa, com a destinação do aporte financeiro e acompanhamento das atividades.

Franciele, coordenadora do CRAS, convidou a Fazenda de Recuperação Feminina Sociedade Amor à Vida-SOVIDA, na pessoa de seu presidente Paulo Lourenço, para que juntos pudessem traçar estratégias para adesão das mulheres em tratamento do uso abusivo de álcool e outras drogas neste projeto e para que, através dele, pudessem utilizar do espaço para seu tratamento e beneficiar a instituição com uma alimentação mais natural e saudável. O projeto foi muito bem-aceito pela comunidade, pelos idosos e pelas mulheres em tratamento.

A implantação do projeto seguiu as etapas subsequentes: 1- Elaboração do projeto, parte escrita realizada por Franciele e aprovada pelos demais; 2- Providenciar recursos humanos e materiais necessários, sendo estes sugeridos pela Fazenda de Recuperação Feminina, pelo CRAS e pelo Centro de Convivência dos Idosos; 3- Apresentação do projeto para o Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa, para os idosos e a comunidade; 4- Divulgação do projeto e inauguração oficial do projeto para divulgação



dos interesses do mesmo, conforme em: <https://www.radiosantacruzfmng.com.br/noticiasdia/noticia/76670/408/horta-terapia-mostra-forca-na-recuperacao-das-internas-da-sovida>; 5- Inscrições formal dos idosos e mulheres da SOVIDA interessados, que fariam parte do projeto; 6- Capacitação realizada em 11/10/23, logo no início das atividades, com engenheiro agrônomo, usando técnicas de plantio e uso de inseticidas medicinais para iniciação dos trabalhos; 7- Reuniões com os envolvidos (SOVIDA e idosos), além de passar por várias etapas dentro do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa, desde a apresentação do projeto até sua implantação; 8- Implementação do Projeto, iniciando escalas de apoio, plantio, cultivo, colheita e outros. Há 54 idosos inscritos e ligados à Horta Terapia diretamente em atividades práticas e qualitativas do processo, além daqueles que indiretamente são beneficiados com este projeto e participam mesmo dentro de suas limitações.

Os impactos alcançados são inúmeros, desde a produção de alimentos mais saudáveis e nutritivos para o consumo dos idosos e das mulheres da SOVIDA para melhoria da qualidade de vida à conscientização sobre a importância da alimentação saudável, a oferta de benefícios ambientais, sustentáveis e educacionais a todos, além de promover a interação social. Esse espaço tem efeito terapêutico para mulheres em tratamento do uso abuso de álcool e outras drogas, pois o contato com a terra e o seu manuseio trazem inúmeros benefícios com respaldo científico no tratamento de depressão, estresse e transtornos psiquiátricos e outras complicações psíquicas relacionadas. Há ainda a oferta de capacitação do conhecimento para o plantio, através de cursos de capacitação, trabalho de campo e visitas guiadas aos interessados, promoção de socialização das internas com idosos assistidos no serviço de convivência e a comunidade, exposição em feira na praça da cidade, conforme reportagem em <https://grnews.com.br/08032024/para-de-minas/grnews-tv-primeira-feira-de-hortalicas-do-projeto-horta-terapia-sera-realizada-no-bairro-jk-em-para-de-minas>, doação de hortaliças às instituições do município de Pará de Minas, como APAE (Associação Pais e Amigos - Deficientes), Instituição de Longa Permanência de Idosos (Cidade Ozanan), Casas Lar (Abrigo de Mulheres), Associação de Câncer (ABRACO), Associação dos Diabéticos de Pará de Minas (ASSODIPAM), dentre outras instituições que são beneficiadas com a colheita de hortaliças.

O financiamento desta horta ocorreu através de chamamento público do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa em 2022, através do Fundo Municipal do Idoso (FUMID), de onde são custeados o jardineiro, nutricionista, e transporte das mulheres da SOVIDA. Este recurso é fundamental para manutenção e ordenamento das despesas oriundas da horta terapia. A iniciativa está em sua segunda etapa, com quase 24 meses desde sua implementação, e pretende permanecer através de inclusão de novas propostas que sejam ampliadas e que beneficiem o maior número de pessoas possível. O projeto vem avançando em proposições e ajustes. As adaptações visam utilizar o alimento plantado em sua totalidade, buscando assim o aproveitamento de cascas, sementes, talos e demais que são produzidos pela horta. Este trabalho tem relevante papel.



Desde seu início, são trabalhados aspectos sociais sob a condução do CRAS, com o encaminhamento de idosos que necessitam do espaço para realizar o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, para que saiam da situação de vulnerabilidade, abandono e violação dos direitos. São famílias em situação de insegurança alimentar e com casos específicos. Simultaneamente, é possível a melhoria da condição de saúde das mulheres que utilizam o espaço como terapia e se beneficiam com o projeto, uma vez que necessitam de atividades diárias que proporcionem a socialização, entretenimento e qualidade de vida. Desta forma, despertamos nas internas um sentimento de pertença e empoderamento, visando seu retorno à vida em sociedade. Este projeto continua em execução e pretende alçar voos ainda maiores, abrangendo todo o município.

DESAFIOS

Entendemos que o maior dos desafios é manter o aporte financeiro, uma vez que os projetos são previstos com prazos determinados. Demais desafios são voltados para a prática, como melhor data para plantios, escolhas assertivas do tipo de hortaliça para cada época do ano e questões específicas do manejo. Não foram encontrados outros desafios até o momento.

INOVAÇÃO

A inovação deste projeto está na capilaridade que ele consegue alcançar e em seu potencial para unir e comunicar com diversos públicos. Através da horta terapia, conseguimos unir diversos atores com objetivos diferentes em um mesmo lugar. A proposta vai para além do plantio e colheita e desperta um movimento da comunidade para apoio mútuo. Os idosos, com todas as suas limitações, contam com o apoio das mulheres que, por serem mais jovens, apresentam mais condições físicas no manejo. Já os idosos, com experiência e sabedoria, tornam-se apoio e cuidado para as mulheres. Através da sua junção à horta, conseguem se desprender do seu espaço físico e percorrer o bairro através de feira e doação a diversas instituições, estimulando a coletividade e boas práticas a toda cidade.



5.2.6 Horta do CRAS Itanhandu

Autores: Fláviana de Cássia Rodrigues, Francisco Nazareno Paulino

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Itanhandu/MG

Nome da entidade ou órgão participante: Centro de Referência de Assistência Social de Itanhandu/MG (CRAS-Itanhandu-MG)

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A iniciativa desse trabalho surgiu a partir da intervenção realizada pela Secretaria de Desenvolvimento Social de Itanhandu, através do Secretário Wilton Peres, para a contratação de facilitadores para realizar grupos para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos a serem desenvolvidos no CRAS/Itanhandu. A iniciativa partiu de uma ação articulada entre a equipe de trabalho do setor, sendo de imediato apoiada por todos os profissionais envolvidos. Nesta iniciativa foram envolvidos os facilitadores, a equipe técnica e a coordenação do setor através de uma ação articulada para atendimento da clientela participante.

As etapas envolvidas no projeto contemplaram a preparação dos beneficiários através da conscientização sobre educação ambiental, construindo valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. Foi realizada também a preparação do espaço físico, com a limpeza do terreno, aquisição de equipamentos de trabalho e EPIs, sementes e mudas de alimentos e flores, ensino de técnicas de manejo e cuidado, manuseio de ferramentas, prevenção de acidentes, ciclo de vida das plantas, além de orientação sobre importância da reciclagem, sustentabilidade, geração de renda, alimentação saudável, importância da água e conceitos de interação social.

Os recursos financeiros envolvidos no projeto estão por conta de dotação orçamentária própria prevista no plano plurianual (PPA), nas diretrizes orçamentárias (LDO), suas alterações e no orçamento anual (LOA).

Este projeto é uma ação contínua do CRAS e teve como impacto o aumento da conscientização das crianças e adolescentes atendidos sobre a importância da preservação do meio ambiente, da necessidade de cuidar do ambiente comum e ver o quanto é possível ter uma vida melhor através da prática do cultivo de alimentos saudáveis. Outro ponto importante é o uso da produção em benefício das próprias crianças e adolescentes, pois levam para suas casas hortaliças, legumes e frutas produzidas na horta, numa ação de complementação alimentar, ajudando a enriquecer a qualidade alimentar de toda a família e combatendo os fatores de risco alimentar.



DESAFIOS

No que tange aos desafios enfrentados, tivemos alguns entraves de prazo de chegada dos insumos e equipamentos e o tempo para preparação do terreno, que se encontrava em péssimas condições de uso, sendo necessária a utilização de equipamentos diversos e emprego de uma quantidade maior de mão de obra para tal ação. Ademais, os desafios foram contornados através da articulação com a equipe de trabalho do CRAS e contato com os fornecedores dos insumos e equipamentos para que fosse priorizada a execução das ações para atendimento da nossa unidade.

INOVAÇÃO

Este projeto proporcionou grandes aprendizados e muitas conquistas verificadas. Tivemos a oportunidade de ver o quanto o projeto proporcionou de conhecimento para as crianças e adolescentes participantes, destacando a percepção da importância da dimensão do cuidado, da possibilidade de conservação do ambiente em que se vive, a melhoria da alimentação familiar, a visão de que em espaços urbanos é possível cultivar alimentos para a melhoria da qualidade de vida. Ainda pudemos identificar a convivência social e comunitária em ação, favorecendo a prática de agricultura urbana, o entretenimento, o desenvolvimento de atividades de cooperação, e a alternativa para a contenção do uso excessivo de telas e jogos eletrônicos, comuns para essa clientela.

O impacto do projeto na vida dos participantes foi inquestionável, podemos verificar melhoria na alimentação doméstica, na convivência social e comunitária, na possibilidade de trocas de experiências com as pessoas da família, o consumo da produção gerada e a satisfação de usufruir da colheita do seu próprio esforço.

A meta é ampliar esse projeto para outros espaços públicos e instituições, com a possibilidade de aproximar esta prática para a comunidade em geral, mantendo a qualidade do serviço e pensando na ampliação dos benefícios gerados por este projeto.



5.2.7 Projeto Que Mato É Esse?

Autores: Antônio Jaques Rocha Cavalcanti, Ronaldo Fernandes, Rosana Cruz B. Feliciano, Paula Rodrigues Barreto, Jackeline Nogueira da Rocha

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Macaé/RJ

Nome da entidade ou órgão participante: Secretaria Municipal de Saúde - SEMUSA do município de Macaé.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto “Que Mato É Esse?” foi criado a partir de iniciativa espontânea de profissionais de saúde da Estratégia de Saúde da Família do bairro Campo D’Oeste, no município de Macaé - RJ.

O projeto existe desde 2016 e foi inicialmente inspirado nas oficinas de saúde mental da unidade, onde a médica de família Andrea Gonçalves e o médico psiquiatra Henrique Pazzini (este último residia em região rural/serrana e trazia mudas de plantas para serem apresentadas aos pacientes na oficina) perguntavam se sabiam qual o nome da planta, o que originou o nome do nosso projeto.

Procurando ampliar o alcance da atividade, criamos nossa própria horta na unidade de saúde do Campo D’Oeste, no município de Macaé - RJ. Sendo o coordenador na época, assistente social do Centro de Recursos Integrados de Assistência ao Adolescente - CRIAAD (instituição restritiva de liberdade a adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas), pactuamos com a gerente da unidade em 2016, enfermeira Thaís Coelho, de levarmos o projeto para lá também por possuírem uma área muito maior para plantio. Desde então, o projeto tem sido ampliado cada vez mais em seu alcance e objetivos, crescendo em número de canteiros, abrangência e adesão de novos atores e instituições. A exceção foi o CRIAAD, que teve suas atividades suspensas em outubro de 2023 com a aposentadoria do coordenador do projeto que também trabalhava no órgão.

É um projeto vinculado à Secretaria Municipal de Saúde (SEMUSA) da prefeitura de Macaé - RJ, mas desde o seu início sempre contou com parceria de duas outras secretarias municipais:

1. Secretaria de Comunicação - SECOM, na produção de matérias e divulgação das atividades, o que propicia visibilidade, conhecimento e interesse público no projeto;
2. Secretaria Municipal de Serviços Públicos, inicialmente através do sr. Rans e atualmente pelo consultor técnico Antônio Machado da Silva e sua equipe no transporte de terra e manutenção periódica dos canteiros.



Atualmente o Projeto Que Mato É Esse? conta ainda com os seguintes envolvimento e adesões individuais e institucionais:

1. Na área de Saúde:

- . Estratégia de Saúde da Família ESF Campo D'Oeste (possui horta)
- . ESF Imbetiba (possui horta)
- . ESF Visconde (possui horta)
- . Unidade Básica de Saúde - UBS Morro de Santana (possui horta)

2. Na área de Educação:

- . Escola de Educação Especial Inclusiva - Sentrinho, bairro Sol e Mar (possui horta)
- . Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI Ana Cristina Ferreira Azarany Almeida, bairro Lagomar (possui horta)
- . Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI Prof.^a Maria das Dores Souza Tavares, Comunidade Morro de São Jorge (possui horta)
- . Escola Estadual Luiz Reid, bairro Centro (possui horta)

3. Na área de Assistência Social:

- . Lar de Maria (instituição espírita). Creche e Centro de Assistência à Família - CAF (possui horta)
- . Recanto dos Idosos. Instituição de Longa Permanência de Idosos - ILPI (possui horta)
- . ILPI Casa dos Idosos (recebe doações do projeto)
- . ILPI municipal. Hotel de Deus (Recebe doações do projeto)
- . ILPI Toca de Assis. Instituição católica (recebe doações do projeto)
- . APAE Macaé (recebe doações do projeto)
- . Centro de Referência de População em Situação de Rua - Centro POP (recebe doações do projeto)

“Que Mato É Esse?” utiliza como metodologia pedagógica o cuidado, conscientização de hábitos saudáveis, meio ambiente, sustentabilidade, reflexões de vida e fraternidade solidária.

Plantar/semear, cultivar as coisas boas e saudáveis, removendo ervas daninhas que atrapalham crescimentos e ao final do esforço de cada ciclo de trabalho, consumir o produto, levar para as famílias e distribuir/partilhar, ofertando sempre.

Trabalhamos com mudas de hortaliças de curtos períodos de crescimento que proporcionam entre três e quatro colheitas anuais. Tal opção se dá como estratégia de podermos ter vários ciclos completos durante o ano (plantar, cuidar, colher, consumir e ofertar) e alcançar ao máximo a rotatividade dos segmentos do público-alvo atendido.



O cultivo das hortas é feito por servidores/funcionários, alunos e assistidos das instituições envolvidas, sendo a adesão voluntária e organizada de forma horizontal entre todos os seus participantes.

Nas unidades de saúde participantes, a produção é levada para os domicílios e doadas para os pacientes acamados e restritos. Nas demais, é lavada para seus públicos-alvo, famílias e instituições filantrópicas.

No presente, distribuímos e plantamos em cada ciclo cerca de 2.000 mudas entre os canteiros espalhados nas instituições do município, tendo um custo médio, sem contar os custos de logística, de R\$ 0,20 por muda.

No campo da produção de conhecimento, o projeto já fez parte das disciplinas de campo de Saúde da Comunidade da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ /Macaé, bem como da Faculdade de Nutrição da mesma instituição.

Em 2017 também foi selecionado para ser apresentado no Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidades.

O Projeto Que Mato É Esse? não possui até o presente financiamento direto. De forma indireta, é subsidiado através da Secretaria Municipal de Saúde, que disponibiliza carga horária do assistente social coordenador do projeto para o gerenciar/executar.

DESAFIOS

Os desafios enfrentados no desenvolvimento do projeto, assim como cultivos reais e abstratos, fazem parte dos ciclos de vida e das estações existenciais. As mudanças climáticas são visíveis para quem trabalha com a terra e depende das condições do tempo, temperaturas e índices pluviométricos.

Pequenos obstáculos são superados com boa vontade, criatividade e respeito à natureza. Por exemplo, nossas hortas são 100% orgânicas. Só utilizamos húmus e esterco bovino nas fertilizações. Por serem hortas urbanas, em duas unidades, ao verem canteiros com terras "fofinhas", alguns gatos durante a noite começaram a "aderir" ao projeto, contribuindo com o esterco deles, o que nos forçou a suspender o plantio até conseguirmos cercar e impedir o acesso noturno dos felinos, indeferindo essa participação indesejável sem os molestar.

Além disso, na horta do Sentrinho tivemos infestação de lagartas (não usamos nenhum pesticida nos canteiros). Perdemos a colheita das hortaliças, mas não o trabalho pedagógico. A equipe local, "transformando limão em limonada", utilizou-se da infestação para trabalhar sobre metamorfose na natureza. Juntos com os alunos acompanhou todo o processo das lagartas, passando pela fase de casulos até a transformação em borboletas.



Em outro exemplo, a Escola de Educação Especial – Sentrinho conta com a participação de alunos cadeirantes e com paralisia cerebral, o que impedia suas participações no plantio, cultivo e colheita das hortaliças plantadas em canteiros no chão. Na perspectiva inclusiva, se viabilizou pequenos recipientes moveis (jardineiras) para cultivo, de modo que pudessem participar de todo o processo sem terem que ser retirados das cadeiras de rodas.

INOVAÇÃO

O projeto Que Mato É Esse? com plantio, cultivo e colheita criou uma corrente do bem entre seus participantes. Desde crianças em tenra idade, passando por jovens, adultos e idosos estão contemplados nas ações que realiza.

O projeto cresceu muito nesses oito anos, e sonhamos ter condições de ampliar cada vez mais em cada “pedacinho de terra” ociosa disponível no município, atividades de agricultura urbana de interesse social.

Todo o trabalho realizado ao longo dos últimos oito anos pelo projeto é alvo de reconhecimento não só pelo poder público, mas também por diversos setores da sociedade, como ressalta o prefeito de Macaé, Welberth Rezende. “O Projeto Que Mato É Esse? contribui de maneira significativa na vida dos participantes e para as instituições que recebem as doações. Vai muito além do que plantar e colher; tem todo um viés por trás que amplia esses conceitos, fazendo que o trabalho reverbere dentro das comunidades que está inserido”, avalia o prefeito.



5.2.8 Preservando o Cultivar

Autores: Marcinélio Pereira dos Santos e Yasmin Ribeiro Marcello

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: São Gonçalo/RJ

Nome da entidade ou órgão participante: Movimento Preservar

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A iniciativa iniciou-se através do processo seletivo do Desafio Comunidade Sustentável, uma iniciativa da Orizon VR que buscou reconhecer, incentivar e apoiar soluções locais de desenvolvimento sustentável implementadas nos territórios parceiros da Orizon. Após seleção, e repasse de verba, iniciou-se a elaboração de uma horta comunitária no município de São Gonçalo, bairro Arsenal, através da ONG Movimento Preservar, situada e atuante na mesma região, objetivando a criação de ações concretas (atividades educativas, culturais e técnicas aplicadas) para a formação de uma cidadania ambiental, voltada para conservação, preservação de recursos naturais da comunidade, incentivo à autossustentabilidade familiar, melhoria do quadro nutricional da alimentação familiar, resgate da cultura popular na agricultura familiar e resgate de conhecimentos populares sobre ervas medicinais. O desenvolvimento da iniciativa foi motivado pela observação da revalorização e busca pelo cultivo de hortas caseiras durante o período de isolamento, decorrente da pandemia da covid-19. Nesse período, os indivíduos permaneceram mais tempo em suas casas, tendo oportunidade de reconectar seu contato com natureza e com as tradições de cultivar. A iniciativa foi prontamente acolhida pela população local, a qual beneficiou-se das ações realizadas. A ação teve duração de quatro meses, tempo proposto no Desafio Orizon. Ao longo do desenvolvimento, foram realizadas parcerias tais como com a Secretaria de Pesca e Secretaria de Agricultura de São Gonçalo, Cruz Vermelha Brasileira, UFF (Universidade Federal Fluminense), Universidade Salgado Filho, CRAS, subsecretaria dos direitos da Mulher de São Gonçalo e outros.

DESAFIOS

Os desafios encontrados foram reunir parceiros e conseguir despertar o interesse de mais moradores pelo projeto. O apoio das universidades e órgãos públicos foi fundamental para enfrentar os desafios encontrados, visto que reuniram profissionais qualificados. As lições aprendidas foram diversas, destacando-se o feedback positivo da população, em especial das crianças que puderam aprender e ter novas experiências relacionadas com o meio ambiente.



INOVAÇÃO

A implementação da horta comunitária trouxe como um dos seus principais diferenciais o público-alvo e seus papéis. Abrangendo participantes de todas as faixas etárias, crianças e jovens tiveram a oportunidade de ter, muitas vezes, seu primeiro contato com o “cuidar da terra”, enquanto adultos e idosos puderam não apenas se reconectar com a natureza, como também compartilhar seus conhecimentos com os outros beneficiados da iniciativa.

VÍDEO:

<https://drive.google.com/file/d/1JsTjnRr936Ka01syUhBqjRZI-oUsCcl/view?usp=sharing>



5.2.9 Agroecologia na Ação da Cidadania

Autores: Joana Duboc - Coordenadora de Agroecologia, Jeniffer Barbosa - Gerente de Projetos, Aparecida - Assistente de projetos, Alessandro Dias, Caroline Santos, Deivison da Silva Esteves - Trabalhador de Campo

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Rio de Janeiro - RJ

Nome da entidade ou órgão participante: Ação da Cidadania

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A organização (que historicamente trabalha com combate à fome a partir da organização social nos territórios e a distribuição de alimentos a pessoas em situação de vulnerabilidade social) direcionou esforços durante a pandemia causada pelo vírus da covid-19 em 2021 (quando a logística e o acesso ao alimento ficaram comprometidos) à criação de uma unidade modelo pedagógica de produção de alimentos no centro da cidade do Rio de Janeiro para incentivar a criação de espaços produtivos para promover a segurança alimentar, ampliando alternativas de melhorias na qualidade de vida das pessoas que queiram se envolver com a produção de alimentos ou passem a se alimentar melhor a partir do aprendizado ali trazido. Essa iniciativa iniciou em 2021 e permanece ativa até hoje.

O Projeto Hortas Agroecológicas tem o objetivo de estabelecer e manter sistemas de produção agroecológica com diferentes desenhos produtivos e tecnologias aplicáveis à realidade da agricultura urbana para fins experimentais, demonstrativos e pedagógicos de modo a ser espaço de formação permanente para quem quer produzir alimentos saudáveis, livres de agentes contaminantes. Este espaço está disponível para receber visitas de grupos sociais de diversas faixas etárias, servindo de espaço para aproximação sobre a origem do alimento, aulas práticas e trocas de experiências de coletivos que trabalhem ou queiram trabalhar com agroecologia.

O curso Quintais em Ação tem o objetivo de oferecer formação em agroecologia e suporte financeiro para implementação ou aprimoramento de unidades de produção de alimentos em territórios vulnerabilizados do Brasil. Estima-se que, ao final do ciclo de formação, cada participante seja um agente multiplicador de informações sobre segurança alimentar e agroecologia nos territórios e estimule a transformação de espaços ociosos em unidades produtivas de alimentos saudáveis, seja em sua moradia, locais comunitários, ou áreas de equipamentos públicos, como escolas, CRAS, entre outros.

A experiência se consolidou a partir da área de projetos da Ação da Cidadania, que é responsável por executar projetos de promoção da segurança alimentar como a Cozinha Solidária, o Banco de Alimentos, Hortas Agroecológicas e o curso Quintais em Ação. Para iniciar o projeto Hortas Agroecológicas, houve a realização de uma obra estrutural para construção dos canteiros em área completamente urbanizada e contratação de equipe técnica para atuar na gestão das unidades produtivas, atividades pedagógicas e curso de formação. É válido ressaltar que o projeto Hortas Agroecológicas atua de forma integrada à Cozinha Solidária e ao Banco de Alimentos, compondo o ecossistema de segurança alimentar da Ação da Cidadania. Os alimentos produzidos na horta denominada Vasti de Macedo são direcionados à cozinha solidária; caso tenha algum excedente, ao Banco de alimentos; os resíduos orgânicos da Cozinha Solidária e do Banco de Alimentos são direcionados à compostagem, para retornar às hortas como adubo orgânico. Os alimentos produzidos na horta denominada Terezinha Mendes são destinados a compor a cesta ecológica que oferta alimentos agroecológicos aos colaboradores da Ação da Cidadania.



A iniciativa, inovadora para a organização, ocorreu durante a pandemia da covid-19 para abrir novas possibilidades de acesso a alimento saudável em territórios marcados pela vulnerabilidade social. Nem toda equipe contratada tinha experiência prévia com produção agroecológica de alimentos, de modo a ser um processo formador e inclusivo. A adesão e criação de rotina se deu de forma processual, e o engajamento da equipe ocorreu na medida em que a rotina foi estabelecida e os resultados de produção foram aparecendo junto às visitas pedagógicas.

As etapas se deram de forma simultânea para iniciar a implantação do sistema de produção e organização do curso de formação em agroecologia. Porém, no primeiro momento, foi dada ênfase à execução do curso de formação, em seguida à implantação dos sistemas produtivos sem o processo de sistematização de dados. Depois, houve a inclusão do planejamento produtivo com a sistematização de dados e realização de visitas técnicas e pedagógicas para distintos públicos que queiram aprender sobre agroecologia a partir da prática produtiva, os benefícios gerados e conhecimentos utilizados.

A realização do curso de formação em agroecologia chamado Quintais em Ação ocorreu a partir da criação da ementa dos conteúdos e planos de aula, contratação de facilitadores e cronograma de execução do curso, que se deu de forma presencial e online em 2021 para 60 lideranças comunitárias dos comitês populares da Ação da Cidadania. Os sujeitos envolvidos na elaboração do curso eram a coordenadora do projeto, a coordenadora da área de projetos e a gerente de projetos. Foi realizada contratação temporária de facilitadores de cada temática. Na modalidade presencial, houve aulas práticas na horta do projeto, contando com o apoio dos trabalhadores de campo. Os cursistas ganharam um kit de incentivo ao plantio, com insumos e ferramentas básicas para o plantio de alimentos.

A realização da produção agroecológica se deu a partir da formação técnica a equipe contratada, realização de testes e análise de solo, planejamento produtivo de plantio e adubação, criação de rotina semanal das atividades de manutenção das áreas produtivas, sistematização dos dados de plantio com previsão e realização de colheitas semanais e entregas. A compra de insumos e materiais é realizada a cada três meses. Estavam envolvidos nessas etapas a coordenadora do projeto, a assistente de projetos e os trabalhadores de campo. No ano de 2024, houve a implantação de sistema de irrigação nas unidades.

As visitas pedagógicas ocorrem desde o início de execução do projeto, em 2021, e tem o objetivo de fornecer conteúdos gerais, práticas agroecológicas utilizadas a partir de visitas pontuais de curta duração para públicos de distintas faixas etárias. Em 2023, houve a realização de um formulário de inscrição para agendamento e organização das visitas, onde foi possível sistematizar as informações sobre a quantidade de pessoas e a diversidade de organizações interessadas. Estas fases contaram com a colaboração da coordenadora do projeto, coordenadora da área de projetos, assistente de projetos e trabalhadores de campo.



Os projetos de agroecologia da Ação da Cidadania alcançam distintos públicos e incentivam a promoção de sistemas de produção agroecológicos em áreas comunitárias, escolas e quintais produtivos. Além disso, aproximam a população urbana da origem dos alimentos.

DADOS E RESULTADOS OBTIDOS:

Projeto Quintais em Ação: 30 horas do curso Quintais em Ação para 60 lideranças comunitárias, com suporte financeiro de insumos e implementos agrícolas.

Projetos Hortas Agroecológicas: resultados totais de abril de 2023 a setembro de 2024 (quantidade e unidade):

1. Produção das hortas – 2.813 kg
2. área das hortas 400 m²
3. produção SAF 160 kg
4. área SAF 200 m²
5. nº de variedades presentes nas áreas verdes: 260 espécies
6. compostagem – quantidade de resíduo aproveitado 4.080 kg
7. compostagem – quantidade emissão de carbono evitada 9.822 kg
8. compostagem – adubo orgânico gerado 1.504 kg
9. quantidade de cestas ecológicas entregues aos colaboradores em 2023 e 2024 - 876 cestas
10. formação interna e externa ofertada para equipe técnica - 220 horas
11. visitas às unidades – 556

Os recursos financeiros são oriundos da própria organização e são utilizados para realização da contratação da equipe técnica, insumos, equipamentos e materiais necessários à produção de alimentos. A fonte dos recursos financeiros ocorre através de doações de pessoas físicas e jurídicas à organização.



O projeto ocorre desde 2021 até o presente momento e tem caráter permanente, com a possibilidade de ampliação de unidades em outros estados brasileiros.

Foram ajustadas e formuladas a sistematização dos dados obtidos com a realização do projeto, o planejamento e enfoque em cada período para a estruturação e desenvolvimento do projeto, os papéis dos integrantes da equipe e sua rotina de trabalho aliada ao processo formativo sobre as práticas adotadas.

DESAFIOS

Os principais desafios enfrentados foram encontrar fornecedor de insumos agropecuários que entregue em espaço urbano, problemas com inexistência de drenagem dos canteiros, pouca profundidade de terra necessária ao desenvolvimento das culturas, acesso a água, excesso de sombreamento por conta de infraestrutura construída e árvores fora da área destinada à organização.

INOVAÇÃO

É extremamente inovador estar integrado a outros equipamentos de segurança alimentar (Cozinha Solidária e Banco de Alimentos), desenvolver dinâmicas apropriadas para atender as especificidades de cada equipamento e avançar ainda mais na sustentabilidade dos processos produtivos.

Utilização de metodologias participativas para organização da dinâmica do trabalho e ensino de práticas agroecológicas à equipe de trabalho e aos participantes do curso Quintais em Ação; ter equipe fixa; rotina de trabalho da equipe; planejamento de adubação, plantio e colheita; sistematização eficiente dos dados e resultados do projeto, compreensão da capacidade produtivas e benefícios gerados com as hortas urbanas; fornecimento de suporte material para os participantes do “Quintais em ação”; aplicação de técnicas e tecnologias sustentáveis - captação de água da chuva aliado a um sistema de irrigação automatizado; uso de cobertura seca para manter a umidade e temperatura do solo; utilizar mais de uma cultura no mesmo espaço para aumentar a produtividade por unidade de área.

Essa experiência permitiu criar ferramentas de organização e gestão do trabalho que podem ser replicadas, pois são flexíveis e pensadas para sofrer adequações a diversas realidades.



5.2.10 Agricultura urbana da favela: a Providência Agroecológica

Autores: Lorena Portela Soares e Alessandra Alves Roque

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Rio de Janeiro, RJ

Nome da entidade ou órgão participante: Providência Agroecológica

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Providência Agroecológica é uma organização do Morro da Providência coordenada por mulheres, que tem a agroecologia e o cuidado em saúde como eixos centrais das ações desenvolvidas com educação, restauração ambiental, saneamento ecológico, arte e cultura, a partir da valorização de conhecimentos tradicionais e populares ligados ao cultivo e uso medicinal e alimentar de plantas. Conhecido como a primeira favela do Brasil, o Morro da Providência faz parte da Pequena África Carioca, bairro Gamboa, na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. O projeto acontece desde 2013, oriundo da organização de mulheres em seu território.

Nossas ações associam cultura e meio ambiente a partir de estratégias educacionais, da ação em rede e do trabalho voluntário, buscando preservar as expressões culturais geradoras de um ambiente mais saudável e de pessoas saudáveis. Atuamos com uma população cuja inserção histórica se associa à escravidão, um público com difícil acesso à educação, ao trabalho, à alimentação de qualidade, à segurança e a serviços de saúde. Somos a única organização que atua com meio ambiente no território, atrelando-o à justiça social, à igualdade de gênero e o combate ao racismo. Atuamos para remediar, na Pequena África, danos causados pelo desmatamento, especulação imobiliária, falta de saneamento e urbanização desordenada, que dificultam a preservação das expressões culturais populares e tradicionais.

Começamos com atividades pontuais e individuais e fomos aplicando nosso alcance a partir do voluntariado, de parcerias e do trabalho em rede. A organização possui muitos parceiros no território. Estimulamos a articulação de redes comunitárias pelas atividades educativas envolvendo o meio ambiente, artes plásticas, música, entre outras.

Atualmente, a Providência Agroecológica integra o comitê gestor do Cais do Valongo em diálogo com o Ministério Público Federal. Outro exemplo é a parceria com a Clínica da Família Nelio de Oliveira, que atende a Providência e todo o bairro da Gamboa, onde temos cultivado plantas medicinais em parceria com o Programa Guardiãs das Matas, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Clima, criado pela Secretária Tainá de Paula. Além do Programa Guardiãs das Matas, hoje conduzimos processos formativos no programa Guardiãs do Valongo, da mesma Secretaria.

Estamos em território de favela. As pessoas beneficiárias do projeto estão em situação de pobreza e são em sua maioria negras, muitas em sofrimento psíquico. O trabalho na organização é inteiramente realizado por mulheres, do plantio às construções.



Os homens ajudam, mas a relação ainda naturalizada de dependência da mulher ao homem está a todo momento sendo subvertida pelo exemplo. Fortalecemos uma rede de educadoras/es e artistas emergentes que atuam neste território periférico, dando condições mais dignas à realização de seu trabalho. O conjunto de ações mobiliza o protagonismo feminino, das crianças e moradores do território na sua preservação cultural e restauração ambiental.

Nossa sede dentro do Morro da Providência é uma escola, espaço de construção colaborativa que possibilitou oferecermos atividades educativas e de formação cultural gratuitas comportando mais de 70 crianças, adolescentes e mulheres diariamente, como oficinas de educação ambiental, reforço escolar, música/percussão, artes plásticas, afro-artesanato. Por meio de parcerias, realizamos visitas quinzenais a equipamentos culturais do Rio de Janeiro, exercitando o direito à cidade pelos moradores da favela, principalmente no território da Pequena África. Temos uma sala de cuidados em saúde para oficinas terapêuticas; uma sala de costuras, bordados e artes; computadores, biblioteca, internet; e uma cozinha recém reformada, onde fazemos oficinas de culinária e promoção das culturas alimentares.

Quatro áreas principais de recuperação ambiental associadas a espaços de convivência foram sendo estabelecidas pela organização, com agroflorestas e reflorestamento. Os frutos do cultivo das hortas complementam a alimentação oferecida diariamente às crianças e adolescentes participantes, ou são distribuídos gratuitamente. O plantio agroflorestal na favela, a atuação em parceria com escolas, unidade básica de saúde, centros culturais e outros equipamentos públicos do território são parte fundamental das atividades. Em nossa sede, foram catalogadas mais de 1.000 espécies diferentes de plantas. No total, já restauramos uma área de mais de 4.200 metros quadrados na favela, com remoção de resíduos sólidos acumulados, plantio e compostagem.

Produzimos e distribuímos gratuitamente e semanalmente sabão multiuso a partir do óleo de cozinha utilizado pelas próprias famílias do morro. Produzimos e distribuímos alimentos sem veneno para o território, promovendo saúde, diversidade cultural e alimentar. A restauração com plantio agroflorestal transforma áreas de acúmulo de lixo, aumenta a biodiversidade e o conforto ambiental da população de favela. Instalamos tecnologias sociais de tratamento de esgoto e gestão de resíduos sólidos dentro do Morro. Todas essas ações envolvem a educação e a formação de crianças, juventudes e mulheres, voltadas a tecnologias sociais de baixo custo e com potencial de replicação.

Frente ao problema estrutural do saneamento na Providência, algumas estruturas foram montadas em nossa sede: dois banheiros secos com teto verde, uma bacia de evapotranspiração e um círculo de bananeiras para as águas servidas. Durante a pandemia da covid-19, com a ação “Lave as Mãos”, foram produzidos 23 mil litros de sabão multiuso a partir do óleo de cozinha das próprias residências, e instaladas 83 pias públicas e 79 caixas d’água no Morro, facilitando o acesso irrestrito à água pelos moradores.



A despeito de nossa função social, cultural e ambiental, nossas atividades são mantidas sem apoio governamental ou patrocínio privado perene, dependendo do acesso a pequenos editais, da prestação pontual de serviços, do trabalho voluntário e doações. Fomos contempladas recentemente por um edital do Plano Integrado de Saúde das Favelas da Fiocruz. A Secretaria de Meio Ambiente emprega como bolsistas quatro mulheres da Providência, sob nossa supervisão, via Programa Guardiãs das Matas. E estamos finalizando um ciclo de ações fomentadas por um pequeno edital do Fundo Socioambiental Casa.

Nossas ações associam cultura e meio ambiente a partir de estratégias educacionais, da ação em rede e do trabalho voluntário, buscando preservar as expressões culturais geradoras de um ambiente mais saudável e de pessoas saudáveis. Atuamos com um público com difícil acesso à educação, ao trabalho, à alimentação de qualidade, à segurança e a serviços de saúde. Somos a única organização que atua com meio ambiente no território, atrelando-o à justiça social. Atuamos para remediar, na Pequena África, danos causados pelo desmatamento, especulação imobiliária, falta de saneamento e urbanização desordenada, que dificultam a preservação das expressões culturais populares e tradicionais. O projeto é permanente e se transforma ao longo do caminho.

DESAFIOS

O principal desafio é a instabilidade financeira e a deficiência no aporte de recursos públicos para iniciativas de agricultura urbana lideradas pela sociedade civil. Precisamos de políticas públicas consistentes que cheguem diretamente às redes e grupos de agricultura urbana.

INOVAÇÃO

Desde 2023, vem sendo desenvolvida atividade de restauração e cultivo de plantas medicinais nos canteiros da Clínica da Família Nelio de Oliveira, localizada na Gamboa, RJ, em parceria com o Programa Guardiãs das Matas da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Clima. Com as mulheres, que são na maior parte avós, mães e parentes das crianças, são feitas oficinas de preparo de plantas medicinais, costura e artes plásticas.

Além do conhecimento compartilhado nas oficinas, as ervas sagradas são preparadas e distribuídas no Morro há muitos anos como xaropes, emplastros, tinturas, sais, óleos medicados, chás, entre outras formas que buscam tornar mais acessível o cuidado em saúde pela população. Além disso, em 2024, houve um reconhecimento da Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro pelo trabalho educacional desenvolvido, com a inclusão da Providência Agroecológica no conteúdo programático de Geografia do 3º ano do ensino básico de toda a rede pública.





5.2.11 Projeto Horta na Saúde: saúde, acesso, ambiência, consciência, sustentabilidade

Autores: Da Silva, Vando Euripes; Braz, Maria Oliveira Rocha; Cavalcante, Carlos Alberto Tenório; Araújo, Raquel Tatiana Bonifácio de

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Belo Horizonte/ Minas Gerais

Nome da entidade ou órgão participante: Secretaria Municipal de Saúde/Diretoria Regional de Saúde Venda Nova

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A criação do projeto Horta na Saúde foi previamente planejada e iniciou em 2018 na Diretoria de Saúde de Venda Nova; nasce da memória afetiva rural com hortaliças e outros afazeres e lida com a roça do idealizador e autor da experiência e da visão da horta como instrumento pedagógico para cuidar de gente no âmbito da saúde. Foi elaborada uma consulta/pesquisa prévia com gerentes de 27 unidades sobre o interesse da horta, das quais 15 demonstraram interesse pela implantação.

O processo de organização para a implantação iniciou-se com articulação dos parceiros, tais como EMATER-MG, fotógrafo Ronaldo, Gerência de Manutenção da PBH, Zoobotânica-BH, Serviço de Limpeza Urbana Venda Nova-BH, Prefeitura de Santa Luzia-MG. Teve como pilares a mobilização, sensibilização e conscientização de servidores e representantes de usuários sobre a importância da horta como instrumento pedagógico nas unidades em questão. As reuniões foram organizadas com esse público nas unidades, com data e hora pré-agendada pelo gestor local e idealizador/ coordenação do projeto.

A experiência da Horta na Saúde foi pensada como um instrumento de intervenção pedagógica que busca agregar valores que transcendem o ato de

colher alimentos; constitui-se como alternativa de abordagem para diversas situações socioambientais, intervindo diretamente nas relações interpessoais entre trabalhadores e usuários, nas quais os recursos tradicionais da saúde têm apresentado respostas incompletas e/ou insuficientes.

Por ser uma ideia ainda incipiente no campo da saúde, pode se dizer que o planejamento foi praticamente individual, solitário e com apoio reduzido. Com o caminhar do tempo e de acordo com o resultado e novos interesses, foram planejadas e executadas rodas de conversa com gestores e trabalhadores das unidades onde iriam implantar hortas, com o objetivo de mobilizar, sensibilizar e conscientizar sobre a importância da horta como instrumento pedagógico para cuidar de pessoas e mudança da ambiência local, planejamento o que plantar, como plantar, como e quem cuidar e como distribuir os produtos. Houve apoio da EMATER-MG com doação de mudas e orientação técnica e, em alguns casos, o apoio da gerência de manutenção na construção de canteiros.

Requisitos iniciais para a implantação de hortas nas unidades: avaliação do terreno, pactuação com o gestor e agendamento com todos os servidores da unidade no sentido de mobilização, sensibilização e conscientização da importância da horta como instrumento pedagógico para cuidar de gente e mudança da ambiência local. A proposta sempre foi bem aceita e acolhida pelos servidores/equipe, principalmente após o processo de mobilização e sensibilização. Houve um engajamento coletivo com participação das diversas categorias das unidades, inclusive na eleição da equipe de cuidado, definição de plantio e reconhecimento do papel da horta como instrumento de promoção de saúde.

Houve pesquisa de interesse, argumentação/defesa sobre os prováveis valores e importância da proposta como instrumento pedagógico e de transformação da ambiência nas unidades, avaliação do local/terreno, contanto com parceiros (tais como EMATER) para orientações técnicas e doação de mudas, gerência de manutenção para construção eventual de canteiros, orientação/agendamento para apresentação da proposta para o coletivo das unidades, processo de mobilização e sensibilização coletiva. Essas ações e articulações foram desenvolvidas especificamente pelo idealizador/coordenador da experiência após aceitação coletiva da proposta, caminhando para o planejamento do modelo de canteiros, o que plantar, criação das comissões de cuidados, forma de distribuição da colheita, uso das hortaliças para trabalho educativo em sala de espera, entre outros. Houve ainda o envolvimento de usuários no processo de plantar e cuidar de forma geral, considerando a diversidade de cada unidade. Ocorreu o envolvimento de membros de todas as categorias no processo de planejamento, cultivo e colheita, surgindo dificuldades no processo de avaliação/continuidade.

É possível considerar o impacto positivo, pois foram implantadas nove hortas de 2018 a 2020, sendo sete na saúde e duas em setores parceiros, dando ênfase em uma delas com constante uso laboral com pacientes e familiares com adoecimento mental. De forma direta e indireta durante o processo de planejamento, mobilização, plantio, colheita, distribuição pedagógica de plantas e hortaliças, curso de formação



e outros eventos de arte e cultura, foram envolvidos um público que transcende 1.000 pessoas, na sua maioria servidores, inclusive de temáticas diferentes da saúde. Os efeitos práticos ocorreram nos processos de formação de servidores, fundamentado nos princípios de Paulo Freire, com roda de conversa sobre diversas temáticas, tais como prevenção da violência, meio ambiente, racismo, qualidade de vida a partir de ambiente saudável, salada coletiva com produtos da horta, evento artístico para relaxamento, prática do chá no ambiente de trabalho, e uso do cuidado com as plantas como referência para fortalecer o cuidado e o respeito nas relações interpessoais no âmbito do trabalho. Os efeitos a longo prazo podem ser observados a partir da prática nas relações de convívio no âmbito do trabalho até hoje para alguns servidores que sentem falta dos acontecimentos e práticas da horta. Contudo, houve necessidade de recursos financeiros, o que infelizmente não ocorreu.

A iniciativa não foi pontual, mas todos os apoios necessários para transformar o projeto em política pública que já eram escassos foram sendo cortados a cada dia, e atualmente a iniciativa ainda está em prática pelo empenho e desejo pessoal e isolado do idealizador, que continua acreditando no projeto como instrumento pedagógico para mudança de lógica no contexto do SUS, quando a experiência corrobora que há diversos gestores e servidores com essa mesma visão da positividade do projeto.

Como citado anteriormente, a experiência transcende o ato de plantar, colher e comer, sendo assim um instrumento pedagógico para formação e informação no âmbito da promoção da saúde e qualidade de vida. Ajustes nas estratégias ainda ocorrem constantemente devido ao restrito apoio à proposta. Por exemplo, das nove hortas implantadas, atualmente mantemos uma na sede da diretoria, a qual tem uma importância estratégica para continuarmos fomentando a importância da proposta. Em junho de 2024, devido à construção de um importante equipamento para o SUS (o Laboratório Central) e a pouca sensibilidade em relação ao tema da horta, perdemos a maior e mais estruturada horta, que funcionava desde 2018 como referência para formação de servidores, produção de mudas, adubo orgânico, espaço onde ocorreram encontros culturais/artísticos (com o objetivo de diversas ações de formação para cidadania para um total de aproximadamente 100 servidores ao pé da horta), distribuição de salada coletiva/educativa e sorteio educativo de hortaliças. Esses eventos já não ocorrem; continuamos acreditando que, para construir algo, não precisaria destruir a horta, principalmente pela sua ampla utilidade na formação de novo servidores do novo serviço. Porém, continuamos sempre falando do projeto horta para alguns parceiros e trabalhadores, o que nos faz acreditar que é uma estratégia de continuar fomentando a ideia para que possamos em algum momento resgatar e fortalecer essa experiência como uma política pública que provoque a sensibilidade para um novo modo de fazer e promover saúde.



DESAFIOS

Por ser uma experiência nova no campo da saúde, ou seja, implantar hortas em UBS, o primeiro desafio a ser superado foi a liberação/compreensão da gestão sobre a importância das hortas. Isso ocorreu a partir da pesquisa de aceitação das UBS e do processo de sensibilização, mobilização e organização. A organização por unidade e envolvimento de todos os servidores no processo de planejamento da horta foi quebrando parcialmente os obstáculos e trazendo credibilidade. Durante o processo, com o crescimento e fortalecimento da ideia de implantação, houve diversas mudanças de abordagem de acordo com a troca coletiva e realidade de cada unidade. As mudanças foram fortalecendo ainda mais a importância da horta como instrumento de construção coletiva da unidade em questão. A mudança de abordagem associada à credibilidade reforça o quanto é necessário o incremento e sensibilidade de gestão para essa proposta como instrumento sociocultural e ambiental para promover um novo modo de fazer saúde.

INOVAÇÃO

A novidade que houve com essa experiência foi a certeza de que estamos no caminho certo, que a Horta na Saúde resgata valores históricos e culturais, aguça a memória afetiva e potencializa a interação entre trabalhadores dessa área. A metodologia de roda de conversa e troca de sabenças na horta como instrumento pedagógico para discutir temáticas como racismo, violência contra a mulher, orientação sobre alimentação saudável, relação interpessoal no trabalho e adoecimento no trabalho foi valorado de forma leve pelos envolvidos. Essa experiência despertou uma nova forma de pensar ações futuras de promoção da saúde, tais como reflexões e ações no canteiro usando as hortaliças e as plantas medicinais como fontes desencadeadoras para o cuidado. Trouxe leveza ao ambiente de trabalho, e a horta passou a ser um espaço sociocultural para aliviar as tensões do dia a dia, sendo assim um lugar de cuidado com a saúde do trabalhador. A experiência nos apontou para o quanto precisamos trazer novos instrumentos e métodos para a promoção, prevenção e cura de patologias. É nesse sentido que a agricultura urbana no âmbito da saúde trouxe e trará importantes impactos na vida de servidores e usuários, com a grande possibilidade de estender essa ideia aos lares. A experiência mostrou que Horta na Saúde terá impacto direto na promoção da saúde e qualidade de vida.



5.2.12 Hortas Urbanas Sustentáveis (HUS): promovendo sustentabilidade e bem-estar em espaços ociosos

Autores: *Julio Cesar Pereira Ribeiro; Renata Carneiro Rocha; Flávio Monteze; Gisely Peron Gasparoni.*

Eixo 3: *Sustentabilidade ambiental e gestão eficiente de resíduos na agricultura urbana e periurbana*

Local/Município: *Ubá, MG*

Nome da entidade ou órgão participante: *Seção de Segurança Alimentar e Nutricional da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social/Prefeitura Municipal de Ubá*

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência Hortas Urbanas Sustentáveis (HUS) de Ubá foi idealizada pela gestão da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social com o objetivo de aproveitar os espaços inutilizados dos equipamentos públicos no âmbito da Política Municipal de Assistência Social, promover segurança alimentar e nutricional sustentável (SANS) e melhorar a qualidade de vida na área urbana. Para tornar o projeto viável, foi imprescindível contratar um especialista em horticultura. Após as visitas técnicas iniciais, foram definidos as ações e o local da unidade primária e das outras localizações. O projeto contou com a colaboração de agricultores, da Secretaria de Agricultura e Ambiente, do SENAR - MG e da Secretaria de Obras.

O projeto é gerido pela Seção de Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN). A primeira HUS está sediada em uma Unidade de Acolhimento Institucional, denominada Casa da Juventude. O local destinado ao cultivo estava tomado por plantas invasoras; após implantação da HUS, o ambiente chama atenção dos visitantes da casa e de quem passa na rua. A iniciativa oferece logística para a realização de atividades extras, como cursos de aperfeiçoamento e extensão rural, além de ações do Projeto Municipal de Educação Alimentar e Nutricional (EANs), também gerido pela SSAN.

O projeto foi estruturado em etapas; visitas técnicas iniciais para escolha das locações, planejamento da metodologia específica para cada espaço, confecção de lista de materiais, capina e preparo do solo, realização de cursos de capacitação com as temáticas de implantação de hortas, tratamentos culturais, preparo dos canteiros, plantio, manutenção, monitoramento e ampliação. A equipe responsável pela elaboração e gestão desse projeto é composta por duas nutricionistas e um biólogo. O projeto completou um ano em maio de 2024 e presidiu cinco oficinas de EANs, quatro capacitações em parceria com o SENAR Minas: horticultura, criação de galinhas poedeiras, plantas medicinais e condimentares e um minicurso destinado aos agricultores do Projeto de Transição Agroecológica (PTA).

Atualmente a HUS - Casa da Juventude tem viveiro de mudas variadas, unidade de horta em vasos, configurando uma horta vertical, faixa demonstrativa de agrofloresta



em fase de desenvolvimento e um jardim sensorial com plantas medicinais. Esse jardim busca resgatar a tradição por meio das plantas medicinais, onde serão conduzidas visitas guiadas e apresentações da importância das plantas medicinais.

Sabe-se da importância de recursos para iniciar e manter este tipo de projeto. No entanto, ele não foi financiado por uma estrutura orçamentária específica; contou basicamente com a contratação, via terceirização pela Prefeitura Municipal de Ubá, de um profissional para conduzir as atividades. Quanto à aquisição de materiais, recebemos doações de mudas, ferramentas, sementes e insumos. Os alimentos produzidos são destinados à Unidade de Alimentação e Nutrição da Casa da Juventude, e o excedente destinado ao Banco de Alimentos de Ubá.

Muitas vezes, manter uma horta próspera em equipamentos públicos torna-se difícil pela falta de cuidadores nos feriados e fins de semana, o que constitui um desafio importante. Optar por cultivar plantas que suportam bem o sol, a falta de água e exigem pouca manutenção revelou-se um grande trunfo para o progresso do projeto.

Agregou-se ao projeto a criação de um pátio de compostagem a fim de diminuir a quantidade de resíduos orgânicos da casa e aproveitar restos de podas urbanas, resultando em produção de matéria-prima eficiente para a expansão de novas hortas. Essa experiência comprova a viabilidade de cultivar em qualquer lugar, seja solos, vasos, paredes ou concreto. A paisagem das áreas urbanas pode ser planejada para gerar alimentos e transformar a aparência de locais abandonados ou subutilizados.

A unidade da Casa da Juventude do HUS promoveu uma mudança marcante da paisagem local, substituindo as plantas invasoras por um quintal agroecológico, repleto de flores e frutas. A conversão de áreas ociosas em quintais agroecológicos rompe a monotonia do concreto, convertendo tons de cinza em espaços verdes. Contrariamente à estética arquitetônica tradicional, a presença em um ambiente verde estimula o bem-estar e o relaxamento, aspectos cruciais para equilibrar a saúde física e mental.

A HUS Casa da Juventude visa também proporcionar um sentido de responsabilidade e pertencimento aos envolvidos, desenvolvendo habilidades práticas e fortalecendo o espírito comunitário. Certamente, o próximo passo é integrar novas atividades como a hora do chá e a contação de histórias, para ampliar o alcance do projeto, tornando-o mais atrativo e inclusivo.

As hortas não só proporcionam alimentos frescos e saudáveis, mas também promovem a integração comunitária, a educação ambiental e o bem-estar dos participantes. O projeto destaca a importância do planejamento antes de executar ideias, mesmo que seja em pequena escala, sendo indispensável para êxito dos resultados.

Os resultados atuais demonstram a presença de trinta e dois tipos de cultivares, incluindo mudas e exemplares adultos de hortaliças convencionais e não convencionais, plantas medicinais e condimentares, flores e frutos.



A experiência do HUS serve como um modelo inspirador para outras iniciativas semelhantes e demonstra que, com planejamento adequado, parcerias estratégicas e envolvimento comunitário, é possível transformar espaços urbanos e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

DESAFIOS

Sabe-se da importância de recursos para iniciar e manter este tipo de projeto. No entanto, ele não foi financiado por uma estrutura orçamentária específica; contou basicamente com a contratação, via terceirização pela Prefeitura Municipal de Ubá, de um profissional para conduzir as atividades. Quanto à aquisição de materiais, recebemos doações de mudas, ferramentas, sementes e insumos.

Muitas vezes, manter uma horta próspera em equipamentos públicos torna-se difícil pela falta de cuidadores nos feriados e fins de semana, o que constitui um desafio importante. Optar por cultivar plantas que suportam bem o sol, a falta de água e exigem pouca manutenção revelou-se um grande trunfo para o progresso do projeto.

A estação de produção de mudas foi implementada em resposta à necessidade de continuidade do projeto e a inexistência de recursos para custeio e investimento.

A crise hídrica demandou a aplicação de tecnologia para captação de águas pluviais com recolhimento em tambores.

A fim de mobilização comunitária para cuidados e continuidade das unidades do projeto, as inaugurações aconteceram por meio da realização de oficinas de horticultura.

INOVAÇÃO

As demandas de materiais específicos para a implementação do projeto serviram de gatilho para ações inovadoras, como a construção de tijolos ecológicos, denominados adobe; a fabricação de bioinsumos; o tratamento de resíduos orgânicos por meio de composteira construída com caixa de polietileno e em meda; o reaproveitamento de materiais recicláveis para canteiros e vasos; e a construção de um jardim sensorial com a utilização dos adobes em formato de semicírculo.





5.2.13 Um novo caminho para a produção agrícola através da diversificação produtiva

Autores: Joseni de Fátima da Silva, Aline Martins Gonçalves, Inayna dos Santos de São Sabas.

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Nova Iguaçu/Rio de Janeiro

Nome da entidade ou órgão participante: Sociedade Beneficente de Campo Alegre – SOBEM

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Foi realizado um curso de capacitação com o objetivo de minimizar as perdas de alimentos na agricultura através do beneficiamento de alimentos (doces, geleias, antepastos). Foi feita uma parceria entre a instituição e um projeto de mestrado (Programa de Pós-graduação em Segurança Alimentar e Nutricional – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO). A mestranda realizou reunião com a diretoria da instituição para apresentar a proposta; foi realizado um cadastro e posteriormente ocorreram as aulas (online e presenciais) teóricas e práticas. Após a capacitação, mulheres agricultoras se organizaram em grupo para a produção e comercialização desses produtos. Essa atividade teve apoio da Secretaria

de Assistência Social - Superintendência de Segurança Alimentar e Nutricional, no estímulo à comercialização. Profissionais envolvidos: bióloga, especialista em segurança dos alimentos e qualidade nutricional e mestre em segurança alimentar e nutricional, nutricionista, engenheira de alimentos e pedagoga. A SOBEM recebeu o aporte financeiro de R\$ 5.000,00 da instituição Ação da Cidadania, que possibilitou a produção dos produtos. O impacto direto foi o aumento da renda familiar, e como impacto indireto, temos o resgate da cidadania, minimizando a desigualdade social, e fortalecendo a atividade agrícola. O grupo de mulheres continua trabalhando na produção dos doces, geleias e antepastos e há o acompanhamento técnico sistemático a esse grupo.

Para capacitar o grupo, foi utilizada a plataforma do Whatsapp/grupo para informar as normas de funcionamento do curso, enviar vídeos, fazer perguntas e tirar dúvidas; para as aulas práticas, foram feitos encontros presenciais.

DESAFIOS

O desafio nesse projeto foi a utilização da internet como meio de aprendizado e a aplicabilidade do conhecimento no dia a dia, dada a instabilidade da internet e o desconhecimento do aplicativo como forma de aprendizado.

INOVAÇÃO

O diferencial inovador da proposta enquadra-se no desenvolvimento de ações que minimizem perdas de alimentos, utilizando técnicas de beneficiamento que aumentem a vida de prateleira dos produtos, possibilitando, assim, a comercialização de um produto com valor agregado. Mediante essa experiência, houve outras atividades no que tange o desenvolvimento de produtos, capacitações, melhoria da produção agrícola, comercialização e outros. Por fim, essa experiência contribuiu para diminuir as perdas no campo e o acesso a produtos saudáveis.



5.2.14 Cozinha Comunitária: segurança alimentar, inclusão produtiva e sustentabilidade

Autores: Ana Flavia M. F. Grizzo Iavarone

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Bauru/SP

Nome da entidade ou órgão participante: Aelesab e Prefeitura Municipal de Bauru

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O programa é uma política mantida com recursos municipais e operacionalizada através de termo de colaboração entre o município e OSC. De segunda-feira a sexta-feira, produz e comercializa refeições saudáveis a R\$ 0,50 e R\$ 1,00, respectivamente, no café da manhã e almoço.

A cozinha comunitária realiza atividades voltadas à segurança alimentar e nutricional, assegurando a produção diária de refeições saudáveis, nutricionalmente equilibradas e balanceadas. Representa também inclusão social produtiva e fortalecimento das ações coletiva e da identidade comunitária, atendendo a grupos sociais em situação de insegurança alimentar, vulnerabilidade social e de risco referenciado nos serviços de assistência social.

Realiza ações educativas com temas relacionados ao desperdício de alimentos, alimentação saudável, ciclos de vida, direitos sociais, saúde, entre outros pertinentes à ampliação do conhecimento dos usuários, melhoria da qualidade de vida e cidadania. Desenvolve oficinas na área de confeitaria e panificação para inclusão produtiva, através de encontros teóricos e práticos

De acordo com o perfil de usuários recebido diariamente, a equipe técnica em conjunto com a nutricionista resolveu desenvolver e cultivar uma horta comunitária para fornecer ganhos para a comunidade que frequenta a cozinha comunitária, pois se constitui em uma fonte importante de alimento para inúmeras famílias, além de melhorar a qualidade dos hábitos alimentares, promovendo saúde e bem-estar social.

A horta foi construída nos canteiros do prédio e possui o papel de produzir alimentos frescos, doações de mudas e socialização dos processos para o plantio e colheita. Durante a construção da horta, não foi necessário utilizar recursos financeiros, visto que tivemos doações e reciclamos vários materiais utilizados.

São oferecidas à comunidade orientações sobre o cuidado, preparo da terra, quantidade de rega diária para o crescimento das hortaliças, facilitando o plantio, incentivando a produção de alimentos, a alimentação saudável e o aproveitamento integral.



As hortaliças e ervas frescas cultivadas são utilizadas no preparo das refeições e compartilhadas entre os voluntários.

Enfatizamos que a horta é cultivada com a participação de voluntários e dos colaboradores da cozinha comunitária, seguindo as etapas abaixo:

1. preparação do solo, usando restos de vegetais, grama, capim, folhas secas de árvores, fertilizante do biodigestor produzido na cozinha comunitária entre outros, tudo muito bem picado e misturado com a terra;
2. local da construção da horta, reaproveitando materiais sustentáveis como canos de PVC e telhas;
3. escolha das espécies de hortaliças, de acordo com o melhor desenvolvimento durante todas as estações. Entre elas podemos destacar salsinha, cebolinha, couve, alface, entre outros;
4. semeadura e germinação das sementes na horta;
5. colheita, feita de acordo com o tempo de semeadura de cada hortaliça; varia de 60 a 70 dias após o plantio. Deve-se levar em conta horários mais frescos e evitar colher após chuvas intensas.

Salientamos que os técnicos da cozinha comunitária orientam e incentivam os usuários a cultivar a horta em suas residências, pois ajuda na segurança alimentar de toda família, contribuindo com a diminuição da pobreza, além de conseguirem gerar renda.

Contamos com a parceria da empresa Tenergy, com a disponibilização de um biodigestor, localizado na área externa da cozinha, que contribui com a sustentabilidade ambiental e economia circular, reduzindo os impactos prejudiciais ao ambiente, transformando resíduos orgânicos em biogás que retorna para uso na preparação dos alimentos. Este processo possibilita anualmente a gestão de até 1.460 kg de resíduos orgânicos e a produção de 1.460 mil litros de fertilizante natural e líquido, que são utilizados no cultivo da horta e disponibilizados à população.

Vale ressaltar que o projeto da horta continua sendo desenvolvido com apoio de voluntários.

DESAFIOS

Os principais desafios são a limitação do espaço, que restringe o tamanho e a variedade do cultivo, e a manutenção regular, como a rega e o controle de pragas e doenças. Para superar esses desafios, há a mobilização da



comunidade, parceria com voluntários, projetos de educação e capacitação sobre a importância do cultivo, manejo, sustentabilidade e o sentimento de pertencimento.

INOVAÇÃO

O programa teve seus objetivos ampliados para o impacto social na comunidade. A utilização do biodigestor e as ações educativas contribuem para a sustentabilidade ambiental e alimentação mais saudável, com sabores e aromas naturais e a possibilidade de os usuários cultivarem suas próprias hortas.



5.2.15 A horta como potencial de inclusão e aprendizagens

Autores: Eugenia Maria Sellmann; Chaves Érica Luzia Antonio

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Bauru/ SP

Nome da entidade ou órgão participante: Prefeitura de Bauru e Organização Social - Esquadrão da Vida de Bauru

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O presente trabalho advém do Projeto Gente que Faz do serviço de acolhimento em Casa de Passagem. A inclusão social de doentes mentais, com deficiência e pessoas idosas é um desafio na sociedade contemporânea. Uma das abordagens que tem demonstrado resultados positivos é a criação de hortas. O projeto iniciou com a implantação de horta suspensa na Casa de Passagem – como uma atividade integrativa e complementar no serviço –, em parceria com o Projeto Cemeia. Para garantir a inclusão desses acolhidos, expandiu-se o projeto, levando-o até o espaço do Cemeia com o objetivo de promover a inclusão social

e melhorar a qualidade de vida, proporcionando um ambiente de interação social, exercício físico e contato com a natureza; estimular o desenvolvimento de diversas habilidades e o protagonismo, a aprendizagem do cultivo e a conscientização da preservação do meio ambiente, fazendo o acolhido reconhecer a própria importância na construção de mudanças na realidade social, ambiental e cultural em que está inserido; ensinar valores: a vida, a sobrevivência, a morte, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação; experimentar novas atividades para trazer benefícios: tirar da rotina, aumentar a confiança, reduzir o stress, entre outros; e ser ferramenta para resgate/construção da cidadania. As atividades, orientadas pela equipe do Cemeia e do técnico e cuidador do serviço, além dos acolhidos da Casa de Passagem, incluíram o preparo do solo, plantio, cuidado das hortaliças, colheita dos produtos, consumo, compostagem dos resíduos, adubação e replantio como forma de identificar e refletir sobre processos e possibilitar conquistas e aprendizados importantes. Como resultado, beneficiou o bem-estar físico e mental, ajudou na mobilidade, no fortalecimento muscular e na redução da ansiedade, na interação social como ponto de encontro e socialização, melhoria nas relações interpessoais, no fortalecimento de laços e melhoria na comunicação e cooperação, sensação de propósito e responsabilidade, aumentando a autoestima por se sentirem valorizados ao ver os frutos do trabalho sendo utilizados no preparo e no consumo de alimentos nas refeições no serviço, desenvolvimento do sentimento de pertencimento, e como espaço educativo, onde aprenderam sobre sustentabilidade e a importância da alimentação saudável.

Sabe-se que a criação de horta não é um processo simples, pois ocorre em um ambiente que nem sempre está preparado para o cultivo. Isso pode ser devido ao predomínio do concreto, à falta de conhecimento da população envolvida sobre técnicas de plantio, o fator água, falta de ferramentas, materiais e insumos, entre outros.

No planejamento da criação da horta, foram considerados alguns aspectos, como a análise do espaço disponível, seleção das hortaliças, infraestrutura básica, o uso dos produtos, capacitação e envolvimento dos participantes, acessibilidade e inclusão.

Esse planejamento foi adaptado às necessidades específicas dos acolhidos, garantindo não apenas uma produção sustentável, mas também um envolvimento comunitário significativo com fortalecimento de vínculos, interação social, fortalecimento de laços, promoção da aprendizagem colaborativa, entre outros.

Iniciou-se com a mudança da rotina, a ambientação, a interação, os conceitos, seguindo para o preparo do solo e a semeadura.

A dificuldade de inclusão social dos acolhidos motivou a proposta do projeto horta, que se tornou uma ferramenta consolidada na organização, apresentando estratégias significativas e motivacionais aos acolhidos e equipe.



A equipe de psicologia assumiu a responsabilidade técnica pela criação, implantação e implementação do projeto, com foco em elaborar estratégias que incentivassem a inclusão social, a criação de laços afetivos e comunitários, o sentimento de pertencimento entre os participantes, utilizando a metodologia de trabalho. Os conhecimentos adquiridos no projeto são trazidos para o serviço como proposta de promover uma nova forma de trabalhar o conhecimento, assimilá-lo para a vida dos acolhidos e na aceitação de produtos naturais e mais saudáveis no cotidiano.

Estratégias como essa, de formação contínua e sistemática, transformam-se em um instrumento eficaz para promover mudanças na cultura alimentar, ambiental, educacional e social.

O Cemeia disponibilizou suporte e acompanhamento técnico na elaboração, planejamento e implantação da horta e na avaliação dos resultados. As atividades, orientadas pela equipe do Cemeia e do técnico e cuidador do serviço, além dos acolhidos da Casa de Passagem, incluíram o preparo do solo, plantio, cuidado das hortaliças e colheita dos produtos.

O projeto trouxe impactos significativos e positivos para os acolhidos, abrangendo aspectos físicos, mentais e sociais, melhorando a qualidade de vida dos participantes. Entre eles, a noção de alimentação saudável, contribuindo para melhoria da qualidade de vida; inclusão social e participação ativa, permitindo a participação em todas as etapas do cultivo e fortalecendo o senso de pertencimento e inclusão, quebrando barreiras sociais e preconceitos; autonomia e independência, pois a realização de atividades práticas de forma independente ou com suporte contribuiu para a construção da confiança e autoestima; além da acessibilidade.

Cabe ressaltar que os recursos materiais para a execução do Projeto Horta foram oriundos da própria organização e doações dos funcionários; não foram realizados financiamentos.

Os desafios logísticos são uma barreira para a continuidade da atividade. A falta de veículo específico e de equipe para o acompanhamento diário criou obstáculos na execução, especialmente pela exigência logística de cuidados. Para superar, a atividade passou a ser realizada três vezes por semana.

A inclusão social é uma das grandes motivações e benefícios da criação da horta, especialmente para pessoas em situação de rua, incluindo pessoas idosas, pessoas com deficiência e desempregados, e pode desempenhar um papel importante na integração de diferentes grupos sociais e na promoção da equidade, oferecendo um espaço de participação ativa e significativa. Para esse grupo, o cultivo pode ser uma fonte de empoderamento, aprendizado e convivência.



DESAFIOS

Os desafios logísticos são uma barreira para o desenvolvimento. A falta de veículo específico e de equipe para o acompanhamento diário criou obstáculos na execução, especialmente pela exigência logística de cuidados. Para superar, a atividade passou a ser realizada três vezes por semana.

INOVAÇÃO

O projeto trouxe impactos significativos e positivos para os acolhidos, abrangendo aspectos físicos, mentais e sociais, melhorando a qualidade de vida dos participantes. A implantação do projeto passou a ser ponto de partida para outros projetos de inclusão social e desenvolvimento da cidadania, bem como processo de educação como oportunidade para os acolhidos.



5.2.16 Jovens Sementes

Autores: Roberta Selingardi, Mariele Colletti Coral Batista, Thiago Monaco Ferreira Nespule e Aline Cristine de Jesus.

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Botucatu/SP

Nome da entidade ou órgão participante: Ação da Cidadania de Botucatu

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto foi inicialmente elaborado para participar de um edital de financiamento da empresa GIVAUDAN. Após a seleção, em 2022, realizamos o projeto piloto com



o financiamento da empresa. Em 2023 e atualmente em 2024, o projeto tem sido financiado pela Secretaria de Assistência Social por meio do Banco de Alimentos de Botucatu.

O principal objetivo da iniciativa é proporcionar educação ambiental para crianças e adolescentes participantes dos projetos sociais da cidade, vinculados ao Banco de Alimentos. Durante as visitas realizadas nos projetos sociais, ao abordar o tema de alimentação saudável, identificamos que os participantes não possuíam conhecimento sobre a origem dos alimentos, o processo de produção de adubo, ou o destino dos resíduos após serem descartados.







A partir desses questionamentos, estruturamos a proposta atual e buscamos parcerias para viabilizar a execução do projeto Jovens Sementes. A primeira turma, realizada em conjunto com o projeto Preservando o Futuro, foi desafiadora, exigindo adaptações quanto à alimentação, questões de tempo (já que o projeto ocorria em espaço aberto e precisava ser interrompido em dias de chuva) e o transporte das crianças do projeto até o Banco de Alimentos. Além disso, as dinâmicas foram ajustadas para facilitar o entendimento, considerando a faixa etária dos participantes.

Para a realização do projeto piloto, contamos com o financiamento integral da GIVAUDAN (Brazbio), obtido por meio da participação em um edital. Nos anos de 2023 e 2024, o financiamento foi viabilizado por meio de uma parceria com a Secretaria de Assistência Social e o Banco de Alimentos. Adicionalmente, a Secretaria de Educação estabeleceu uma colaboração para o transporte das crianças, disponibilizando o traslado necessário para a participação nas atividades do projeto.

No projeto piloto, realizamos uma reunião com a equipe responsável pelos projetos sociais aos quais as crianças estavam vinculadas, na qual apresentamos as atividades a serem desenvolvidas, as dinâmicas propostas e os temas que seriam abordados. Após essa etapa, os projetos sociais entravam em contato com as famílias para solicitar a devida autorização para a participação das crianças, uma vez que o programa Jovens Sementes ocorria nas dependências do Banco de Alimentos. Durante esse processo, as famílias eram informadas de que toda a alimentação seria oferecida no local e eram consultadas sobre possíveis alergias ou restrições alimentares. Também foram fornecidas orientações específicas quanto à vestimenta adequada para as atividades, como o uso de calça comprida e tênis. Para a equipe de transporte, foi realizada uma visita técnica prévia, e um roteiro detalhado foi elaborado, contendo as datas e horários das atividades. A equipe formadora da Tapiá mantinha um diálogo constante com os estagiários vinculados ao projeto, com reuniões semanais para o alinhamento e organização das atividades. Em relação à alimentação, a equipe era composta por funcionários do Banco de Alimentos, em conjunto com estagiários do curso de Nutrição, garantindo o acompanhamento necessário durante o projeto.



Etapas e sujeitos:

-  **Etapa 1:** Elaboração e envio do convite para adesão ao Projeto Social Jovens Sementes e definição das datas e horários das atividades. Responsáveis: Tapiá, Banco de Alimentos e o Projeto Social Preservando o Futuro
-  **Etapa 2:** Emissão de ofício à Secretaria de Educação, informando as datas e horários das atividades programadas. Responsáveis: Banco de Alimentos e Secretaria de Educação
-  **Etapa 3:** Preparação da lista de compras dos insumos necessários para a execução do projeto, incluindo a relação de ingredientes e a designação da cozinheira responsável. Responsáveis: auxiliares do Banco de Alimentos e estagiárias de nutrição da UNESP
-  **Etapa 4:** Impressão das apostilas, montagem das pastas, preparação dos certificados e crachás. Responsáveis: equipe de assistência social do Banco de Alimentos e a Gráfica Igral
-  **Etapa 5:** Planejamento e elaboração das dinâmicas e atividades a serem realizadas durante as oficinas. Responsáveis: Tapiá, estagiários de engenharia florestal e agronomia da UNESP e Banco de Alimentos
-  **Etapa 6:** Avaliação das atividades desenvolvidas em cada oficina, identificando pontos positivos, negativos e possíveis ajustes para as próximas etapas. Responsáveis: Tapiá e Banco de Alimentos

Após quase três anos de execução do projeto Jovens Sementes, foi possível avaliar, por meio de desenhos e atividades desenvolvidas ao longo do cronograma, que a assimilação da mensagem principal tem sido eficaz. Os alunos demonstram grande envolvimento e entusiasmo nas atividades, frequentemente manifestando o desejo de participar novamente ao final de cada ciclo.

O retorno obtido pelos projetos quanto à aprendizagem das crianças evidencia o despertar do interesse pelo trabalho com sistemas produtivos, pela área de alimentação, além de relatos sobre melhorias no paladar, especialmente para o consumo de verduras e frutas. Uma observação interessante é o fato de que a hortaliça que as crianças mais gostam de experimentar pela primeira vez é a azedinha.

Nas dinâmicas sobre ervas medicinais, as crianças solicitam mudas para cultivar em casa, como melissa, babosa e alecrim. No projeto piloto, foi proporcionada a elas a oportunidade de levar para casa uma composteira caseira; assim, tornaram-se disseminadoras das informações sobre esse processo sustentável.



DESAFIOS

O maior desafio enfrentado no início foi em relação ao transporte dos jovens até o Banco de Alimentos. Após a parceria firmada com a Secretaria de Educação, esse desafio foi vencido. Outro problema que encontramos foi em relação às dinâmicas realizadas nos dias de chuva, sendo realizadas no projeto social ou remanejadas para outro dia.

INOVAÇÃO

Após o treinamento sobre pedagogia alternativa, foi possível aprimorar nossas estratégias para promover uma maior adesão de todos os jovens participantes. Foram incorporados mais momentos de brincadeiras, descontração e atividades que incentivassem a autonomia, permitindo que os jovens expressassem suas expectativas. Além disso, o curso permitiu identificar as dinâmicas mais eficazes para cada faixa etária atendida. Jogos desafiadores, como a caça ao tesouro, em que as crianças precisam identificar diferentes tipos de folhagens, flores e odores no sistema agroflorestal, se mostraram particularmente eficientes. Também foi introduzida uma dinâmica sensorial, onde os participantes, com os olhos vendados, são convidados a identificar ervas medicinais apenas pelos sentidos, estimulando o reconhecimento dos saberes tradicionais.



5.2.17 Horta Florescer: troca de saberes e fortalecimento de vínculos

Autores: Mirela Maria Maganha

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Igarapu do Tietê, São Paulo

Nome da entidade ou órgão participante: Centro de Promoção Social de Igarapu do Tietê - OSC Florescer

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Horta Florescer surgiu em 2022 a partir de uma proposta desafiadora de se adotar a agricultura familiar nas oficinas socioeducativas do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para o público adulto da OSC Florescer, após a reformulação da Secretaria de Assistência Social municipal.

O intuito de incorporar a agricultura familiar nas oficinas é proporcionar a aprendizagem do cultivo de alimentos por meio de técnicas acessíveis, assegurando a segurança alimentar. Além disso, busca-se promover experiências que permitam ao indivíduo adquirir conhecimentos sobre diversas atividades da agricultura familiar, capacitando-o a cultivar e comercializar, gerando sua própria renda, ou aprimorar suas habilidades para conquistar melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Para atender as exigências, uma profissional da área (engenheira agrônoma) foi contratada para compor a equipe de educadores sociais, e as mudanças nas atividades que seriam desenvolvidas foram apresentadas aos integrantes do serviço, que, a princípio, foram resistentes; assim, a frequência foi baixa durante um período. No entanto, com persistência, criatividade e carinho pelo serviço, ao longo de um ano, os integrantes do serviço começaram a entender como estas oficinas são tão importantes para a vida deles e da comunidade, já que eles também levaram o serviço em ações externas, surgindo assim os primeiros resultados positivos.

As oficinas são realizadas em um espaço cedido pela prefeitura, sob a responsabilidade de um educador social e um voluntário. Os recursos financeiros para a execução das atividades vêm de um repasse específico, destinado apenas para as oficinas, que utilizam ferramentas de horticultura e jardinagem, alinhadas à agricultura familiar. No entanto, como nada disso era previsto inicialmente, uma vez que o plano de trabalho foi elaborado há um ano, enfrentamos grandes dificuldades. Contudo, ao adotar uma abordagem sustentável, reutilizando diferentes materiais e contando com algumas pequenas doações, a horta passou a ter um novo enfoque: agroecológico.

As atividades são sempre planejadas com um ano de antecedência, e o plano é submetido à secretaria municipal para avaliação e aprovação. Todas as oficinas são supervisionadas por um técnico, que é assistente social, juntamente com a coordenação.



Além disso, todas as atividades são documentadas em relatórios, que são enviados mensalmente para a secretaria de assistência social do município.

As oficinas da Horta Florescer seguem onde os próprios integrantes do serviço criaram ambientes, sob a orientação do educador social, que teve por objetivo criar um espaço de produção de alimentos agroecológicos e troca de saberes, promovendo a agricultura urbana.

As oficinas compreendem desde a orientação técnica, que abrange a disseminação de conhecimento e cultura, até a parte prática de plantio, dando preferência para o consórcio de frutas e hortaliças, jardins florais para atração de polinizadores e plantas medicinais. Os integrantes do serviço aprenderam a preparar o solo, criar composteiras, produzir mudas, bem como diferentes técnicas de horticultura e jardinagem que podem reproduzir em seus lares, propagando assim a agricultura urbana.

O maior desafio foi propor uma vivência aos integrantes do serviço de que uma horta não é apenas carpir, mas sim aprender técnicas que lhe emancipam e promovem segurança alimentar (já que estão diretamente ligados ao ambiente produtivo), alimentos naturais e seguros, e plantas com finalidades medicinais e terapêuticas, o que alcança e resgata o bem-estar dos integrantes do serviço.

O fortalecimento de vínculos entre os usuários foi a base para que a Horta Florescer esteja difundindo a agricultura urbana em nosso município.

DESAFIOS

O maior desafio que o educador encontrou foi de crenças de que horta é local de trabalho, que remete apenas ao trabalho braçal e cansativo, e não um lugar de interação e aprendizagem. Esta crença, que limitava os participantes do serviço, só foi sendo abandonada por meio das diferentes propostas de atividades que a educadora foi promovendo: o plantio e acompanhamento de hortaliças ou frutas e a propagação de flores, relacionando sempre a planta com o indivíduo, suas particularidades, limitações e exigências. Ao longo do tempo, os participantes começaram a compreender que estar dentro de uma horta urbana e produzir alimentos e outros produtos da agricultura familiar pode ser desafiador e gratificante. A educadora entendeu que mudar a abordagem de um processo técnico para um processo acolhedor e descontraído era o caminho.

INOVAÇÃO

A educadora social, com sua experiência em horticultura terapêutica, conseguiu promover atividades que acolhessem cada tipo de participante, seja ele com limitação física ou flexível, mas com adaptações para que todos pudessem



produzir e levar para casa a aprendizagem do dia. Desta forma, quem não consegue abaixar planta em canteiros elevados; quem tem alguma habilidade específica vira o protagonista e dá a aula do dia; e assim, o educador foi cativando todos os integrantes e fortalecendo os vínculos de forma a continuar as atividades no espaço da Horta Florescer cada vez com mais interesse. Desta forma, eles levam para seus lares e disseminam o que aprendem, levando ao público a agricultura urbana, sempre incentivando o cultivo e a manutenção da cultura de “agricultar”, pois o nosso município é agrícola e tem perdido esta cultura. Todo este processo de aprender a cultivar, manejar a terra, propagar plantas e continuar em seus lares é uma forma de garantir o bem-estar destas pessoas, equilibrando sua alimentação, saúde e emocional, principalmente.



5.2.18 Horta das Corujas Mário Shinohara

Autores: *Sílvia Rosana dos Santos e Ana Rosa de Gouvêa*

Eixo 1: *Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social*

Local/Município: *Guarulhos/SP*

Nome da entidade ou órgão participante: *Unidade Básica de Saúde Antônio André G. Batista - UBS Carmela*

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

No ano de 2012, secretarias de administração pública do município de Guarulhos, tais como Secretária da Saúde, Fundo Social, Secretária do Meio Ambiente, Secretária de Assistência Social e Secretária da Educação, se mobilizaram para a implementação de

hortas nos espaços públicos. Os profissionais destas secretarias foram convidados a participar de reuniões sobre o tema agricultura Urbana e Periurbana, dando início aos projetos de hortas, com apoio técnico oferecido para as primeiras ações relativas à implantação das hortas urbanas.

A extinta equipe NASF, que na época atuava de forma itinerante, cada uma trabalhando em média em 4 UBSs, foi determinante para disseminar projetos de horta em diversas unidades de saúde no decurso de sua permanência naquele território, vale ressaltar que nem toda equipe NASF desenvolvia projetos de agricultura urbana.

A experiência aqui retratada pretende explorar e aprofundar reflexões sobre a construção da Horta das Corujas da Unidade Básica de Saúde (UBS) Carmela, que teve início no ano de 2017. Trata-se do projeto mais duradouro, em relação à participação da autora, e encontra-se em pleno funcionamento atualmente.

No início de 2017, houve novamente alteração e realocação das equipes NASFs, sendo que a mudança provocou a troca de seus membros e transferência para outros locais, conformando outras equipes.

Com a movimentação de pessoal, ocorreu a transferência da assistente social para UBSs tradicionais, que são aquelas que não contam com equipe de saúde da família e, portanto, não têm em seu quadro de funcionários agente comunitário de saúde. A equipe NASF também não existe em sua configuração multidisciplinar, sendo mantidos apenas dois profissionais: o assistente social e a psicóloga.

Na UBS Carmela já havia uma horta; porém, era cuidada por uma funcionária.

Entretanto, houve uma movimentação por parte da profissional que estava chegando à UBS e à comunidade, trazendo suas experiências anteriores em hortas nos quintais das UBSs. Com apoio da gestão, da psicóloga e do conselho gestor de saúde, iniciamos um projeto de horta comunitária, ampliando a participação popular e a área de cultivo. O público que contribuiu para a implantação de um novo modelo de horta e que segue participando até a presente data são membros da comunidade, principalmente mulheres, homens adultos, idosos, adolescentes e crianças.

Grande parte dos participantes teve contato com agricultura no campo ou na cidade. A presença de crianças e adolescentes é mais comum nas férias escolares, pois vão acompanhando seus pais e avós. Os membros da horta são rotativos em sua maioria; entretanto, há um núcleo permanente de participantes, que estão desde o início do projeto.

O modelo proposto por esta nova equipe desde o planejamento suscitou ações e realizações de atividades educativas com temas voltados para a saúde, alimentação saudável, integração da comunidade e cuidado com o meio ambiente, geralmente na sala de espera da UBS. A divulgação ocorria na sala de espera e por meio de cartazes em locais estratégicos dentro da UBS.



Houve a construção de parcerias da horta com o Programa Lixo Zero, que estava se apresentando nos equipamentos públicos. Nestas atividades incluíamos temas que envolviam a horta, como compostagem e alimentos livres de agrotóxico. Também foi importante poder contar com participantes do conselho gestor que faziam parte da Pastoral da Criança. Desta forma, gradativamente fomos construindo, em conjunto com a comunidade, o projeto da horta denominado Horta das Corujas Mário Shinohara. Foram organizadas atividades como oficina de terrário, trilhas do sentido, oficinas de sementeira de plantas ornamentais e alimentícias e oficina de compostagem com a participação de pessoas da comunidade e profissionais da saúde.

A escolha do nome da horta está relacionada à presença de corujas buraqueiras nas imediações da UBS. Além disso, o nome de Mário Shinohara homenageia (in memoriam) um membro do grupo da horta que teve um papel muito importante na sua implantação.

Houve algumas ações implementadas por algumas secretarias da prefeitura de Guarulhos que favoreceram a implantação de hortas em equipamentos públicos, como o curso de formação promovido pelos Programas Ambientais Saúde e Lixo Zero, o trabalho desenvolvido pelo grupo de trabalho de práticas integrativas e complementares de saúde como seminários, palestras e a elaboração da cartilha de plantas medicinais, envolvendo o Departamento de Assistência Integral à Saúde (DAIS) e Escola SUS, além do curso intitulado Caminho da Sustentabilidade, organizado pela Secretaria de Serviços Públicos em parceria com a Escola de Administração Pública Municipal (ESAP), do curso Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ferramentas tecnológicas para planejar políticas públicas e o selo ambiental. Essas ações e eventos muito contribuíram e contribuem para o fortalecimento da AUP no município.

A prática de agricultura urbana no interior de UBS contribui para materializar os princípios do SUS no âmbito da promoção e prevenção da saúde, no empoderamento da comunidade, autonomia, socialização, e no trabalho intersetorial, envolvendo o diálogo com outras secretarias, como do Meio Ambiente, Serviços Públicos, escola, igreja e programas e políticas da própria Secretaria de Saúde.

A participação na horta partiu do desejo da comunidade e da assistente social que estava chegando na UBS Carmela, vinda de outra unidade de saúde daquele mesmo território, onde atuava em projetos de horta. Dentre os participantes daquele projeto, havia moradores do bairro Carmela que também desejavam replicar essa experiência em sua UBS de referência. A ampliação do grupo foi gradativa, embora a participação das equipes da atenção básica ainda seja baixa.

Iniciamos os trabalhos da horta com sistema de mutirão, optando por revitalizar a área, pintando o muro, retirando as ervas daninhas e ampliando a área de cultivo. Todos os integrantes do grupo se envolveram em atividades como revolver a terra, realizar a adubação, preparar os canteiros das hortaliças e escolher as espécies a serem cultivadas. Ao superar esta etapa de serviço mais pesado, que requer mais força física, o grupo se



divide de outras formas, escolhendo a atividade que mais o atrai, que pode ser cuidar da horta, do jardim, da compostagem ou das árvores que estão sendo plantadas por toda área ociosa do equipamento de saúde.

O projeto da horta foi elaborado coletivamente. Assim, a falta de recursos financeiros foi superada, optando por utilizar os materiais disponíveis no próprio quintal da UBS e na comunidade. Não há verba na UBS destinada para esse fim, uma vez que não há no município aporte financeiro para fomentar projetos de hortas desta natureza. Sendo assim, a UBS fica limitada a adquirir ferramentas essenciais como pá, carrinho de mão, enxadas, dentre outras, que são usadas no manejo da horta. Estes recursos são do Programa de Recursos Descentralizado da Saúde (PROREDE).

A estrutura simples sempre foi valorizada pelos participantes do grupo da horta. Porém, a precariedade de recursos financeiros implica em algumas limitações de ampliação e melhoria da infraestrutura destinadas aos cultivos, embora não inviabilize a estrutura que já está estabelecida.

Houve também a escolha por manter um cultivo orgânico, não usando aditivos químicos como adubo, pesticida e herbicida industrializados. Foi estabelecido o dia da colheita, que coincide com o dia em que o grupo se reúne. Toda a colheita é depositada em uma mesa, onde os participantes recolhem para si aqueles produtos que lhes interessam; não há comercialização de nenhum produto dos cultivos. Para manter o cultivo orgânico livre de agrotóxico e pesticidas, adotamos algumas práticas como o controle fitossanitário, com algumas estratégias que foram implementadas na horta. Por exemplo, o cultivo de jardim, com ampla diversidade de espécies floríferas de fácil cultivo e propagação, atrai herbívoros. Outra estratégia de sucesso em relação às formigas cortadeiras foi a colocação de barreiras mecânicas; utilizamos papel alumínio nas plantas que mais estavam suscetíveis aos ataques das formigas e outras formas de controle através do uso de inseticida natural, caseiro; porém, a melhor estratégia é manter a planta saudável para que ela mesma possa repelir os herbívoros, de acordo com PRIMAVESI (1).

A nutrição do solo é feita através da adubação com o composto produzido por meio de compostagem nas proximidades da horta, onde os resíduos são fornecidos pelos participantes.

Os conhecimentos que nos auxiliam na existência de um projeto como este são as associações de conhecimento técnico, multidisciplinar, participação em cursos como de plantas medicinais, compostagem, implementação de hortas em pequenos espaços, participação em seminários de práticas integrativas e complementares de saúde, ambiental saúde, e o conhecimento da comunidade em torno de cultivo e sobre as plantas de modo geral.

Dentre os impactos percebidos pela presença da horta, destacamos a ampliação na participação da comunidade no conselho gestor de saúde, melhora na relação da



comunidade com a UBS, formação e fortalecimento de vínculos dentre os participantes da horta, troca de informações e conhecimento, sentimento de pertença, melhora na qualidade da alimentação, valorização da culinária local e consumo de plantas alimentícias não convencionais.

A horta se tornou uma referência e recebe visitas de outros equipamentos de saúde, escolas e instituições como da igreja, servindo de inspiração para construir suas próprias hortas.

Reaproveitamos grande parte da área que se encontrava ociosa e degradada, transformando-a em um ambiente saudável, produtivo e sustentável, alinhado aos ODS. O solo cuidado e vivo apresenta permeabilidade, contribui para infiltração da água da chuva e produz alimentos nutritivos e livres de agrotóxicos. Contribuímos para a conservação da flora e fauna quando trabalhamos com diversidade de plantas, estimulamos a cultura da paz quando realizamos trabalho coletivo integrado com a comunidade, em que são valorizadas ações de partilha, colaboração e solidariedade.

É importante destacar que a horta está inserida em uma região periférica, com carência de áreas verdes, onde as pessoas sofrem com as ilhas de calor. Portanto, sua presença contribui para melhorar o microclima, tornando-o mais agradável.

Existem relatos por parte da gestão de que houve melhora na relação da comunidade com a UBS, após o estabelecimento da horta.

Ao adotarmos esses princípios de sistema de cultivo, no ano de 2019 nosso projeto foi laureado com o Selo Ambiental, instituído pela lei ordinária nº 7047/2012 (2) no município, com a finalidade de incentivar projetos que visam a sustentabilidade. No mês de novembro do mesmo ano, o projeto da horta foi apresentado em um seminário de Práticas Exitosas da Região III de Saúde. No ano de 2022, participamos do evento “Estratégia ODS ONU - O Futuro que Queremos”, onde nosso projeto foi classificado como boas práticas em prol de um mundo melhor. Estes eventos são muito importantes para dar visibilidade e legitimidade aos trabalhos que são desenvolvidos em seus territórios, além do reconhecimento e valorização.

Neste ano de 2024, contribuímos com um capítulo de livro intitulado Hortas Comunitárias Urbanas: promovendo a saúde e a segurança alimentar nas cidades. Ele faz parte de Temas em Saúde Coletiva, publicado pelo Instituto de Saúde - Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo.

DESAFIOS

Alguns desafios foram enfrentados, como a falta de pontos de água para irrigação da horta e jardim. Entretanto, com o apoio do conselho gestor de saúde e gerente da UBS, foram instalados pontos de ligação da água que solucionaram o problema.



Outra dificuldade estava relacionada ao surgimento de formigas cortadeiras, que atacavam os nossos cultivos. Decidimos não usar pesticidas para eliminá-las, por ser uma prática antiecológica e que contamina o solo; adotamos estratégias de diversificar os cultivos em toda a área da UBS, de modo que temos muitas espécies de plantas, comestíveis, aromáticas, medicinais, árvores frutíferas e ornamentais. Assim, as formigas escolhem algumas espécies para cortar, não atingindo todas.

Além disso, colocamos barreiras mecânicas para impedir as formigas de acessarem as plantas de crescimento aéreo e usamos inseticida natural, caseiro. Outra forma de lidar é desmanchando o formigueiro. Todas estas estratégias combinadas controlam em partes o ataque das formigas.

Por se tratar de cultivo que ocupa grande porção do terreno, as árvores ainda jovens necessitam de cuidados como capina e adubação; a forma de superar o problema foi manter um rigoroso cronograma de manejo para impedir o crescimento do mato que poderia prejudicar seu desenvolvimento. Neste caso, o grupo da horta realiza a capina e adubação.

Ao retomarmos todas as atividades após a pandemia, sofremos uma redução da participação dos membros do grupo em decorrência das sequelas deixadas pela covid-19. Em 2023, trabalhamos com um número reduzido de participantes.

Algumas estratégias foram implementadas para atrair novos participantes, incluindo a divulgação na sala de espera, onde também distribuíamos mudas de árvores da mata atlântica.

INOVAÇÃO

A troca de receita e experimentação de novos alimentos, como sucos e conservas de plantas alimentícia não convencional, é um atrativo inovador que aguça a curiosidade e contribui para enriquecimento da cultura alimentar.

Embora, seja um trabalho consolidado de horta e jardim no quintal da UBS, sua maior projeção é na comunidade. Entretanto, iniciamos uma parceria com a Enfermagem da UBS no início de 2024, onde participamos do grupo dirigido por estas profissionais com foco em promoção de saúde e prevenção de sobrepeso e obesidade, além da parceria com o Centro de Atenção Psicossocial-CAPS Arco-Íris, cujo objetivo é atender às necessidades da saúde mental das pessoas e promover a inclusão social. Ampliamos no ano de 2023 a interação com a horta da Escola Zilda, onde desenvolvemos duas atividades extramuro em que a escola participou e uma atividade organizada pelo grupo da horta, intitulada Caminhos dos Sentidos. A segunda atividade foi



um mutirão na horta da UBS, onde os alunos colocaram a “mão na massa” em diversas atividades. No início de 2024, tivemos a visita do grupo de catequese e seus familiares para conhecerem a horta. No evento, abordamos temas como alimentação saudável, segurança alimentar, doenças prevalentes no território e combate aos mosquitos transmissores de doenças.



5.2.19 Promoção de segurança, soberania e sustentabilidade alimentar em comunidades urbanas

Autores: Samantha Orui, Fábio Kinker, Valéria Moura, Paulina Achurra

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: São Paulo/SP

Nome da entidade ou órgão participante: Núcleo de Estudo das Cidades – Laboratório Arq. Futuro do Insper

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto Promoção de Segurança, Soberania e Sustentabilidade Alimentar em Comunidades Urbanas foi realizado pelo Núcleo de Estudo das Cidades Laboratório Arq. Futuro do Insper, no âmbito de uma parceria técnico-financeira com o WWF-Brasil. O território escolhido para a realização do projeto foi Heliópolis, que é considerada a maior favela da cidade de São Paulo. Sua população é de aproximadamente 220 mil pessoas e, de acordo com a Secretária Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura de São Paulo, trata-se de uma área com altos índices de vulnerabilidade. A entrada no território se deu por meio da interlocução com a União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região- UNAS, entidade gestora de alguns dos centros de educação infantil (CEI) que atendem a população local. No início do projeto, a escuta de CEIs que já tinham passado pela experiência de iniciar hortas revelou que todas consideravam difícil mantê-la durante as férias, sendo esse um dos principais desafios a ser superado; todas sinalizavam que viam o engajamento da equipe e a participação das famílias nas atividades na horta como indicadores de sucesso.

Ao final do projeto, foi confirmado que as estratégias desenhadas pela equipe do Insper estimularam o engajamento e a participação, inclusive durante as férias, sendo uma solução possível de ser replicada e cuja continuidade prevê articulações verticais com outros equipamentos escolares. Essas estratégias envolveram o planejamento das atividades em consonância com o calendário escolar e a inclusão da temática da agricultura e da alimentação nas formações dos funcionários da escola, assim como a publicação de uma cartilha com receitas e a realização de oficinas para agentes de saúde, dentro do equipamento de ensino, sobre compostagem, plantas alimentícias não convencionais, alimentação saudável, ciclos sazonais, plantas nativas e exóticas e uso de ferramentas manuais, como furadeira.

A escolha do CEI Margarida Maria Alves para o projeto-piloto levou em consideração vários fatores, e um deles foi a existência de espaço ocioso. Para a transformação do espaço, foram alocados cerca de 10 mil reais em 100 m², recursos esses viabilizados pela parceria entre o Insper e o WWF.

Outro fator que levou à escolha do CEI Margarida foi o histórico da sua relação com a equipe da Unidade Básica de Saúde (UBS) Sacomã e o fato de nela ter um agente de promoção ambiental (APA). Considerando que um dos desafios a ser superado é a descontinuidade das hortas escolares, o mapa de atores locais identificou o potencial dos APAs para atuarem como um tipo de fio condutor em uma estratégia de educação ambiental de médio e longo prazo. Os APAs emergem como símbolo de uma agenda permanente de agricultura urbana no território e tem uma capilaridade multinível no contexto educacional. A presença de um APA por UBS é viabilizada por meio do Programa Ambientes Verdes e Saudáveis – PAVS (Portaria nº 697/2023-SMS).

DESAFIOS

O Núcleo de Estudo das Cidades - Laboratório Arq. Futuro do Insper realiza pesquisa-ação partindo do tripé dados e evidências, multidisciplinaridade e conhecimento local.

O setor da saúde, assim como o setor de educação, tem uma atuação importante e significativa na promoção da alimentação saudável. O consumo excessivo de alimentos ultraprocessados está diretamente relacionado à diabetes, obesidade e outras doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) e vem sendo desestimulado por ambos os setores, em convergência com o Guia Alimentar da População Brasileira.

Na cidade de São Paulo, uma das estratégias adotadas pelo setor da saúde para promover a alimentação saudável é o trabalho com hortas realizado no âmbito do Programa Ambientes Verdes e Saudáveis (PAVS). Do ponto de vista da Secretaria de Educação, as hortas pedagógicas estão presentes no currículo de educação ambiental como um exemplo de lugar educador que promove



relações sociais ao mesmo tempo em que “ajuda a trabalhar a recusa dos estudantes de se alimentar de legumes e verduras”. Ou seja, tanto a Secretaria de Educação quanto a Secretaria de Saúde têm interesse em políticas públicas relacionadas à promoção da agricultura urbana.

Em ambos os setores, os desafios são comuns: vão desde a ausência de espaço físico para a construção de hortas até a escassez de recursos (humanos e insumos) e de conhecimento especializado. No caso da UBS Sacomã, que não possui espaço físico para a implantação de uma horta dentro da unidade, a parceria com o CEI Margarida possibilitou que os agentes de saúde, junto com o agente de promoção ambiental, participassem de formações em agricultura urbana. Essas formações, realizadas no âmbito do projeto Promoção de Segurança, Soberania e Sustentabilidade Alimentar em Comunidades Urbanas, viabilizaram a renaturalização de espaços ociosos da escola, que se tornaram jardins comestíveis.

A troca de experiências e conhecimentos entre comunidades, instituições de ensino e organizações da sociedade civil aconteceu por meio da organização de um simpósio, da realização de rodas de conversa com atores do território e do apoio à agenda de atividades do CEI Margarida. O simpósio Imaginários para a cidade de São Paulo: agricultura urbana, políticas públicas e urbanismo social foi realizado presencialmente no Instituto de Ensino e Pesquisa Insper. Nele foram abordados os seguintes temas: iniciativas de agricultura urbana e periurbana no território nacional, cenário da produção de alimentos na metrópole de São Paulo e apresentação das diretrizes do Programa Ambientes Verdes e Saudáveis. As rodas de conversa foram realizadas na UNAS e envolveram representantes de 10 CEIs geridos pela entidade.

A disseminação de conhecimento de modo amplo aconteceu por meio da distribuição do material didático Hortas Pedagógicas, desenvolvido pela Embrapa Hortaliças (CNPQ) e pelo MDS, para cerca de 40 equipamentos presentes em Heliópolis e região, durante o 14º Seminário Bairro Educador. Houve, também, por parte da equipe do projeto, a criação de um material didático sobre plantas alimentícias não convencionais. O material está disponível em versão web e pode ser acessado no repositório do Insper, por meio do link: <https://repositorio.insper.edu.br/entities/publication/9dc9519b-b0a8-4ec4-b24f-ec60c17eceac>

INOVAÇÕES

Sendo a descontinuidade das hortas escolares no período das férias um dos desafios relatados por gestores e coordenadores pedagógicos durante a fase do diagnóstico participativo e que, na cidade como um todo, existe um



desafio relacionado à quebra da continuidade dos projetos pedagógicos na trajetória das crianças ao longo de todo o ciclo escolar, o mapa de atores fez surgir a hipótese de que os APAs poderiam atuar como um fio condutor em uma estratégia de educação ambiental permanente.

Os APAs atuam no território junto aos agentes comunitários de saúde (ACS), que são os atores locais que, em todo o país, materializam a estratégia territorial da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB). Na cidade de São Paulo, sob a supervisão dos gestores locais do PAVS, os APAs atuam como os atores territoriais que possuem a atribuição de orientar, fomentar e monitorar as ações socioambientais dentro das áreas de abrangência das UBS, articular e acompanhar as ações da saúde ambiental na atenção básica, e elaborar, implementar e apoiar projetos relacionados ao plantio de hortaliças e plantas medicinais.

Por meio de entrevistas semiestruturadas com APAs que atuam em diferentes regiões da cidade, constatou-se que a demanda por atividades de capacitação era algo recorrente entre eles. Ao mesmo tempo, imagens de satélite disponíveis na plataforma Geosampa revelavam que as UBSs de Heliópolis não dispunham de espaço físico para a implantação de hortas. Diante desse cenário, a existência de espaço ocioso dentro do CEI Margarida e a vontade de sua equipe de incluir a horta como uma atividade permanente dentro de seu plano pedagógico geraram o cenário ideal para a implantação de um projeto-piloto que tinha dentre um de seus objetivos verificar o quanto que a presença do APA dentro da estrutura das UBS pode ser considerada potencializadora de currículos de educação ambiental.

As oficinas de capacitação realizadas no âmbito do projeto Promoção de Segurança, Soberania e Sustentabilidade Alimentar em Comunidades Urbanas impactaram diretamente seis agentes comunitários, um agente de promoção ambiental da UBS Sacomã e, indiretamente, toda a comunidade escolar do CEI Margarida. Elas aconteceram ao longo do segundo semestre de 2023, totalizando uma carga horária de 40 horas. Todas foram concebidas como atividades mão-na-massa, e o conteúdo didático foi transmitido de modo vivencial. Os temas tratados nos encontros foram: compostagem de resíduos orgânicos, reuso de isopores como vasos freáticos, plantas alimentícias não convencionais e alimentação saudável, sensibilização de ciclos sazonais, plantas nativas e exóticas e uso de ferramentas manuais, como furadeira.

Ao ter seu projeto pedagógico com hortas, envolvendo a participação dos agentes de saúde responsáveis pela área de abrangência onde se encontra o CEI Margarida, premiado em 1º lugar na 19ª edição do Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal na categoria educação Infantil, o CEI Margarida Maria Alves legitimou a hipótese trazida no início do projeto. Em outras palavras, a abordagem intersetorial de saúde ambiental adotada pela Secretaria de



Saúde do Município de São Paulo, por meio do Programa Ambientes Verdes e Saudáveis, responde às demandas da cidade por iniciativas relacionadas à educação ambiental que impactam direta e positivamente iniciativas locais de agricultura urbana.

A abordagem lúdica, exemplificada pelo registro fotográfico dos agentes de saúde encenando O Grande Rabanete, é uma demonstração do potencial transformador de agendas que nos colocam em contato direto com saberes ancestrais que resgatam a percepção dos ciclos naturais, reforçando, assim, as múltiplas dimensões da agricultura urbana.



5.2.20 Projeto Horta Comunitária do e no CRAS Nova Esperança

Autores: Luciana Dantas de Oliveira, Márcia Maria Cunha, Rosana Mosqueti, Erika Nakamine, Priscilla de Paula e Otaviano Alves Pereira

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Bauru/SP

Nome da entidade ou órgão participante: CRAS Nova Esperança

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Os CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) atendem cotidianamente pessoas em situação de insegurança alimentar através da oferta de benefícios eventuais. Durante as pré-conferências de assistência social de 2023, tivemos a proposta popular de implantação de hortas comunitárias no território, a qual foi aprovada na esfera municipal. Assim, o CRAS Nova Esperança passou a realizar ações nessa área, visando contribuir para o fomento da produção e consumo de alimentos saudáveis e promover o fortalecimento de vínculos comunitários e o pertencimento socioterritorial. A primeira experiência se deu com o apoio do CRAS para reestruturar uma horta já existente em um terreno público da região através das articulações com o Centro Universitário

UNISAGRADO e a SAGRA (Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento). Na segunda experiência, o CRAS mobilizou pessoas e recursos para estruturar uma horta em um terreno da COHAB cedido a um morador do bairro. Atualmente, estamos estruturando uma horta na área externa do antigo prédio do CRAS, que estava fechado e abandonado. Este prédio anteriormente foi um posto de saúde e carrega em si muito da história do território. Tal atividade está integrada ao planejamento anual de 2024 das ações do PAIF (Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias). Contudo, desde seu início em 2023, é executado com certa espontaneidade, conforme surgem novas demandas das famílias inseridas neste projeto.

Identificada a demanda popular por uma horta comunitária, planejou-se inicialmente a reestruturação de horta já existente em terreno público no território. Tal intervenção ocorreu através da articulação com o Centro Universitário UNISAGRADO (projeto de extensão em agronomia) e com a SAGRA por um período de cinco meses.

A partir daí, planejou-se a estruturação de uma horta no território em terreno público da COHAB. Assim, realizou mobilização comunitária dos usuários através da equipe do CRAS. Além dos setores já envolvidos, articulou-se também com a SEAR (administrações regionais) para a limpeza do terreno e houve abertura de estágio no campo da psicologia sócio comunitária com a UNESP Bauru através da Profa. Dra. Nilma Renildes da Silva, com foco em ações voltadas à construção dos vínculos comunitários e ao pertencimento social. Como este terreno não possuía ligação de água, realizou-se articulação com a OSC Wise Madness, que executa Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescentes no território, sendo possível aquisição de ferramentas e tambores de 200 litros através de doação. Através de parceria com o DAE (Departamento de Água e Esgoto de Bauru) e SEMMA (Secretaria Municipal de Meio Ambiente), esses tambores eram abastecidos regularmente com a sobra da água utilizada para rega das praças. Foram realizadas oficinas para preparação de canteiros e formação de compostagem pela UNISAGRADO, houve o primeiro plantio e ações em parceria com o COMSEA (Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável) para fomentar a discussão acerca da segurança alimentar no município. Contudo, devido à dificuldade de religamento de água, entre outros entraves estruturais, o plantio não se desenvolveu. Assim, ao final de 2023, decidiu-se pela realocação do projeto para o local atual.

Depois dessas duas primeiras experiências, foi possível realizar um melhor planejamento. O trabalho da psicologia nas relações comunitárias se deu de forma eficaz na promoção dos vínculos comunitários, de forma que o grupo de usuários permaneceu unido com a equipe para o início de uma nova horta. Assim, após a solicitação e autorização da Secretaria Municipal de Assistência Social, foi possível realizar o projeto no local do antigo prédio público do posto de saúde, o qual está aguardando reforma para ser ocupado pelo CRAS Nova Esperança, que está temporariamente atendendo em imóvel alugado.



Devido ao tempo em que este prédio se encontrava fechado no aguardo do processo da reforma, sem manutenção, estava sendo depredado por usuários de substâncias psicoativas. Assim, a estruturação do projeto se desenvolveu com as seguintes etapas: limpeza do terreno, solicitação de ligação de água, planejamento de espaços para plantio que sofra menos impacto com a posterior reforma do prédio, preparo dos canteiros com adubação do solo, formação de composteira e de espaços para culturas de abóbora e rodas de conversa sobre alimentação, território e comunidade. Foram também planejadas oficinas de hortas orgânicas e verticais e de paisagismo através da parceria com o SENAC Bauru, por meio do comitê de voluntariado e do programa ACESSUAS Trabalho, e visita a outras hortas e a um minhocário no município.

A equipe do CRAS Nova Esperança compreendeu que tal prática se constitui em ação a ser desenvolvida pelo PAIF com foco em famílias em insegurança alimentar. Dessa forma, a ideia foi acolhida pela equipe, que auxiliou no levantamento e mobilização das famílias. A responsabilidade técnica da execução do projeto ficou a cargo da psicologia para o desenvolvimento de estratégias que promovessem os vínculos afetivos e comunitários entre os participantes e o pertencimento social a partir da metodologia do processo grupal com base teórica na psicologia social e comunitária de Silvia Lane (1993-2006) e Ignacio Martin Baró (1942 - 1989). Também há a participação de assistentes sociais para auxílio na elaboração do projeto e, juntamente com duas agentes sociais, nas atividades de cuidado diário da horta, através de escala e apoio aos atendimentos às famílias em oficinas e ações aos finais de semana. Houve a inclusão de estagiários através do convênio de estágio de psicologia social e comunitária com a Profa. Dra. Nilma Renildes da Silva - UNESP Bauru para auxiliar no desenvolvimento do trabalho. A parte técnica sobre agronomia está vinculada ao programa de hortas urbanas da SAGRA, que presta assistência técnica agrícola e fornece insumos e ferramentas.

1ª Etapa: de abril a julho/2023 – Reestruturação da horta existente no território. Sujeitos e setores envolvidos - Extensão Agronomia UNISAGRADO, SAGRA, agente social, psicóloga e assistente social do CRAS Nova Esperança;

2ª Etapa: de agosto a dezembro/2023 - Estruturação de horta no terreno público da COHAB (Companhia de Habitação de Bauru), limpeza do terreno, planejamento do plantio, montagem de canteiros, oficinas de compostagem, plantio, rodas de conversa e abastecimento de água em tambores de 200 litros, que se mostrou insuficiente para manutenção da horta. Proposta de mudança de espaço para a área externa do prédio do posto de saúde, a ser reformado para alocar o CRAS Nova Esperança. Sujeitos e setores envolvidos - Extensão Agronomia UNISAGRADO, SAGRA, SEAR (Secretaria de Administrações Regionais), SEMMA, DAE, agente social, psicóloga e assistente social do CRAS, estágio de psicologia (UNESP Bauru).



3ª Etapa: de janeiro a fevereiro/2024 - Solicitação e autorização da Secretaria Municipal de Assistência Social para uso do atual prédio com a finalidade de estruturar uma horta comunitária e revitalizar o espaço. Verificação do espaço e revisão do planejamento. Sujeitos e setores envolvidos – coordenação do CRAS, chefe da seção de proteção básica, psicóloga CRAS.

4ª Etapa: de março a abril/2024 - Mobilização dos usuários do CRAS já envolvidos nas ações anteriores, divulgação da atividade em grupos e ações coletivas no CRAS. Visita ao prédio onde foi implantada a nova horta comunitária. Sujeitos e setores envolvidos - equipe CRAS, estagiários de psicologia (UNESP Bauru).

5ª Etapa: de abril a junho/2024 - Limpeza do espaço e definição dos locais que seriam destinados ao plantio e das culturas a serem cultivadas. Sujeitos e setores envolvidos - usuário do CRAS no PAIF, SEAR, SAGRA, estagiários de psicologia (UNESP Bauru), psicóloga do CRAS e voluntários.

6ª Etapa: de maio a agosto/2024 - Solicitação de religamento da água, entrega de ferramentas, mangueira, adubo, insumos para preparo do solo. Sujeitos e setores envolvidos - Secretaria Municipal de Assistência Social, psicóloga do CRAS, estagiários de psicologia (UNESP Bauru) e SAGRA.

7ª Etapa: de junho a agosto/2024 - Formação de canteiros, formação composteira, estruturação do espaço para plantio de abóboras. Plantio de abóboras. Sujeitos e setores envolvidos - psicóloga do CRAS, estagiários de psicologia (UNESP Bauru) e SAGRA.

8ª Etapa: de agosto a outubro/2024 - Oficina de hortas orgânicas verticais, plantio de hortaliças e temperos diversos, manutenção contínua da horta, oficina de paisagismo, plantio de hortaliças e temperos. Sujeitos e setores envolvidos - psicóloga, assistente social e agente social do CRAS, SENAC Bauru (comitê de voluntariado), ACESSUAS Trabalho e SAGRA.

O grupo foi se fortalecendo ao longo de todo processo, assim como o reconhecimento e participação da comunidade na manutenção e preservação do espaço. As discussões permitiram processos reflexivos e avaliativos, indicando que a participação neste projeto despertou o senso colaborativo e de comunidade, além de ser identificado como um espaço de promoção de saúde mental, de construção de vínculos afetivos e de pertencimento. Também estimulou o desenvolvimento da consciência acerca do aproveitamento integral dos alimentos, alimentação saudável, práticas agroecológicas e agricultura familiar.

Avaliamos que as experiências têm se mostrado exitosas em relação ao fortalecimento dos vínculos comunitários e a potencialização da rede de proteção social, por meio da articulação de diferentes serviços e instituições.



Não foi destinado recurso financeiro específico para o desenvolvimento do projeto. As ferramentas e insumos foram adquiridos a partir da articulação e estabelecimento de parcerias com programas e serviços da política de assistência social, outras políticas públicas e autarquias e instituições de ensino e pesquisa.

A experiência se caracteriza pelo trabalho socioterritorial contínuo com famílias do CRAS Nova Esperança, sem intenção de encerramento.

As principais adaptações necessárias no desenvolvimento desta experiência se referem a questões estruturais, tais como a necessidade de mudança de local para um prédio público com o objetivo de revitalização e pertencimento. Como estratégias, destacamos a maior articulação das parcerias realizadas com os programas e serviços da política de assistência social, outras políticas públicas, autarquias, instituições de ensino e pesquisa, sobretudo pelo trabalho socioterritorial desenvolvido com e pelo coletivo. Tais estratégias realizadas ao longo do processo demonstraram a potencialidade do grupo e fortaleceram o sentimento de pertencimento e a construção de uma rede de apoio entre os participantes e a comunidade.

DESAFIOS

Um desafio foi a articulação com as demais políticas e instituições do território para garantir condições para o funcionamento da horta, que demanda assistência técnica, ferramentas e insumos, limpeza do espaço e religamento da água. Estes desafios vêm sendo superados com o envolvimento dos parceiros e da comunidade. A lição aprendida é que transformações só são possíveis através do trabalho coletivo e da organização comunitária.

INOVAÇÃO

As iniciativas inovaram ao ocupar espaços públicos, que estavam abandonados, com hortas comunitárias promovendo espaços de convivência e de produção de alimentos e contribuindo para o desenvolvimento da agricultura urbana municipal, beneficiando a população periférica. Com as experiências, passamos a discutir ações complementares como a oferta de cursos com foco na alimentação saudável e em práticas sustentáveis, visando também a geração de renda. As pessoas envolvidas têm fortalecido suas relações comunitárias e adquirido hábitos mais saudáveis de alimentação, ao relacionar-se com a terra. A potência do vir a ser das sementes e mudas acarretam por si a possibilidade de transformação da realidade social na qual se insere, a partir da sua própria ação neste contexto social.





5.2.21 Nossa Horta Comunitária/Farmácia Viva Tancredão – oito anos de resiliência

Autores: Idílio Candido Neto (ASB), Ana Paula da Cunha Alvares (TO) e Janaína Franco (Enf. Coordenadora)

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Campinas, SP

Nome da entidade ou órgão participante: UBS Campos Eliseos/Tancredão - Secretaria Municipal de Saúde



DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto foi concebido através de várias reuniões com a comunidade, visando ao uso do terreno da unidade, chegando ao objetivo de reunir mudas de plantas medicinais, hortaliças e afins, seus usos medicinais e uso culinário através de doações das pessoas moradoras e formar inicialmente uma horta. O intuito é ofertar à comunidade mudas de plantas, plantas para preparo de receitas e receitas de uso medicinal e culinário das respectivas plantas, estabelecendo um espaço de convivência para as pessoas da comunidade e pessoas usuárias da UBS, num processo de integração com o meio ambiente, reunindo práticas ambientais sustentáveis. Conjuntamente, um núcleo de terapia ocupacional foi formado sob a responsabilidade da terapeuta ocupacional. A horta é desenvolvida e mantida através de trabalho voluntário, orientado por pessoas conhecedoras da prática e manejo de plantas das mais variadas espécies. Atualmente, está vinculada à proposta de Farmácia Viva da Rede Municipal de Saúde do município de Campinas e cadastrada no Programa de Agricultura Urbana e Periurbana - Campinas Solidária e Sustentável, instituído pela Lei nº16.183, de 29 de dezembro de 2021.

Foram realizadas várias reuniões de planejamento prévio. Não tínhamos nenhum conhecimento de plantio, mas a comunidade nos forneceu uma riquíssima e variada gama de experiências que nos proporcionou a implantação e o desenvolvimento de nosso projeto. Nessa trajetória, fomos conectando ações com outras secretarias como da Assistência Social e Educação, na forma de oficinas e palestras conjuntas para nossa comunidade.

A ideia inicial foi apresentada por um funcionário da Secretaria de Meio Ambiente, considerando a existência de um grande terreno ocioso próximo à unidade de saúde. A coordenadora, então, convidou uma série de reuniões com a comunidade para o uso do terreno, onde se chegou à formação de canteiros em forma de mandala, plantio de hortaliças e plantas medicinais, além de mudas de árvores para formação de um pequeno pomar. O convite para as pessoas participarem se deu no modelo de voluntariado. Cada pessoa contribui da forma que pode. Não houve um engajamento coletivo, mas adesões individuais por parte da equipe da unidade básica de saúde.

Após as reuniões, foram realizados encontros no terreno para seu preparo e o início dos canteiros, seguindo processos de adequação de solo, preparo de compostagem e das primeiras mudas diversas e de sementeiras de hortaliças variadas. Desse processo, houve consecutivos ciclos de plantio e colheita, preparo da terra, mantendo essa dinâmica até o presente momento. Promovemos o espaço da horta para acesso direto sob orientação das pessoas responsáveis da horta. Algumas pessoas voluntárias em desenvolvê-la ofertam tempo necessário para captação dos recursos, assim como o processo de cuidado da área destinada para horta e os instrumentos necessários para o seu cultivo e manutenção. Está em uso uma área disponível já citada, onde serão plantadas as mudas coletadas, formando quantos canteiros forem necessários, observado o limite da área e as recomendações das autoridades legais competentes. A coleta das mudas se dá



através de divulgação do projeto entre as pessoas de nossa comunidade. Serão aceitas mudas de plantas medicinais, de hortaliças, de plantas alimentícias não convencionais e de árvores, respeitando as orientações do regimento interno, que foi criado para formalizar as diretrizes do projeto. Realizamos palestras e oficinas de uso de plantas medicinais e preparos de receitas alimentares. Ressaltamos a importância do envolvimento da população nesse projeto com participação direta, divulgação, voluntariado, e alguma forma de trabalho no cultivo, manejo e desenvolvimento da horta. Além das atividades diretas necessárias para o projeto, também são realizadas reuniões gerais periódicas para fins organizativos e de coordenação. Para maiores detalhes, favor conferir o nosso regimento interno.

O projeto tem ajudado na forma do fornecimento de plantas medicinais de apoio para tratar sintomas básicos de doenças (dor de cabeça ou enjoo, por exemplo) e tem promovido uma reeducação alimentar mais equilibrada, com produtos frescos e produzidos sem agrotóxicos. Através de grupos multidisciplinares, tem apoiado ações preventivas em grupo de “hiperdia” (hipertensão e diabetes).

Desde o começo, evitamos uma captação direta de dinheiro, optando pela proposta de doações e trocas diretas. Assim, recebemos muitas ferramentas, sementes e mudas. Houve, em alguns momentos, a disposição de realizarmos uma lista de itens necessários, os quais foram adquiridos por recursos fornecidos pelo antigo PMAQ, agora conhecido como “Previne”.

O projeto se mantém ativo, com oito anos de existência. Ficou em terceiro lugar no 1º Prêmio Práticas Exitosas do SUS Campinas: Cuidado na Atenção Primária em Saúde (2017). Tem sido considerado uma referência para a implementação de Farmácias Vivas em Campinas.

No processo de implementação, percebemos a necessidade de um acordo comum e um entendimento de que o projeto não tinha a intenção de promover hortas individualizadas, que os canteiros eram de cuidado coletivo (assim como os resultados desses espaços) e de que o projeto não tinha vínculo com partidos ou igrejas. Disso saiu o regimento interno, onde dispomos nossos combinados para as tarefas do projeto. Realizamos parcerias com o Laboratório de Práticas Alternativas Complementares e Integrativas em Saúde - LAPACIS/Unicamp e com a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), que nos forneceram conhecimento técnico, agrícola e fitoterápico.

DESAFIOS

Com pouquíssimo conhecimento sobre as plantas, cuidados e preparos, fomos adquirindo-o à medida que o projeto se desenvolvia, através das reuniões com a comunidade, das pessoas voluntárias e das parcerias que formamos com a Unicamp e com a CATI. Uma questão que ocorreu foi do uso



do espaço, pois várias pessoas voluntárias estavam entendendo que cada canteiro de que cuidava era somente para seu uso, o que não correspondia ao que estávamos fazendo. Assim, foram necessários uma adequação e um combinado coletivo de que não haveria canteiros “particulares”, isso devidamente descrito e acordado pelo regimento interno já mencionado anteriormente.

INOVAÇÃO

Não é algo novo, mas usamos recursos e técnicas inspirados em agrofloresta e permacultura, buscando um processo cíclico fechado, equilibrado, ecológico.



5.2.22 Hortas agroecológicas e comunitárias – Movimento Tô Aqui: solidariedade, soberania alimentar e desenvolvimento comunitário em Piracicaba, SP

Autores: Ubirajara Cristiano de Barros Sabino, Danilo Malta Ferreira, Joana Teixeira Machado Banov, Carolina Callegaro, Fernanda Veirano, Luisa Filgueiras Issas, Fernanda Oliveira Abel

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Piracicaba/São Paulo

Nome da entidade ou órgão participante: Movimento Tô Aqui

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Movimento Tô Aqui, uma iniciativa solidária que nasceu em Piracicaba-SP durante a pandemia da covid-19 em 2020, foi criado como uma resposta aos desafios enfrentados por agricultoras/es agroecológicas/os e comunidades periféricas, que tiveram suas condições agravadas nesse período. Formado por uma rede de pessoas dispostas a apoiar voluntária e financeiramente, o movimento organiza-se de maneira colaborativa, reunindo agricultores, promotores de trocas de saberes e financiadores em um esforço conjunto para promover a segurança alimentar e fortalecer a agroecologia. O trabalho semanal inclui a definição das cestas com os agricultores, captação de recursos, o planejamento da horta Santa Fé, enquanto quinzenalmente são realizadas entregas de cestas e atividades nas comunidades, como oficinas de culinária, debates sobre nutrição e agroecologia, e implantação de novas hortas, por exemplo, a da comunidade Pereirinha.

A iniciativa começou na Casa do Hip Hop, que já atuava em questões culturais e de lazer, mas ampliou seu campo de atuação com a criação de uma horta comunitária em sua sede como uma forma de promover a segurança alimentar em territórios periféricos e fortalecer a produção agroecológica na cidade. Ao longo dos anos, o movimento conseguiu estabelecer uma conexão entre agricultoras/es agroecológicas/os periurbanas/os e moradores de cinco comunidades periféricas de Piracicaba: Pereirinha, Portelinha, Pauliceia, Cantagalo e Santa Fé. Com isso, criou uma rede que realiza ações para promover a segurança alimentar e nutricional por meio da distribuição de alimentos saudáveis e fomentar o vínculo entre produtores e consumidores.

Desde o início das atividades, o movimento já distribuiu 2.643 cestas, começando com 270 em setembro de 2020 e alcançando 685 em 2021, em 12 comunidades inicialmente selecionadas em parceria com a Casa do Hip Hop e outros projetos sociais. A partir de 2022, o foco das ações foi direcionado para quatro comunidades, não apenas com a entrega de cestas, mas também com o intuito de sensibilizar e engajar as comunidades na realização de atividades formativas, buscando promover a soberania alimentar e contribuir para a construção coletiva de políticas públicas. O Movimento Tô Aqui conta com importantes parcerias, como o grupo multidisciplinar de educação ambiental da Secretaria de Educação, o Instituto Piracicabano de Estudos e Defesa da Democracia, a ESALQ/USP, a UFSCar e outros. Essas colaborações têm sido fundamentais para ampliar as discussões sobre segurança alimentar e para fortalecer as práticas agroecológicas no espaço urbano e periurbano de Piracicaba.

A experiência do movimento também se destaca pela formação de estudantes de cursos de graduação e pela realização de atividades com professores da rede pública de ensino, contribuindo para a ampliação do debate sobre segurança alimentar. No segundo semestre de 2024, as entregas de cestas foram paralisadas, e as ações estão concentradas na implantação da horta Santa Fé, devido à dificuldade de obter aporte financeiro.





5.2.23 Horta Pedagógica da Vovó GiGi

Autores: Gilda Maria Giovannone; Aparecida Dolores Veronesi

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: São Paulo - SP

Nome da entidade ou órgão participante: Casa da Vovó GiGi - CNPJ 30.233.093/0001-65

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto da Horta Pedagógica nasceu em 2018, quando eu e um grupo de pessoas amigas, de várias áreas, criamos a Casa da Vovó GiGi, uma proposta de casa urbana comprometida com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODSs da ONU, tendo como foco possibilitar o convívio entre todas as idades nas situações de aprendizado e cuidados com a saúde, de forma inclusiva e sistêmica.



Aos poucos, foram se engajando ao projeto pessoas que faziam parte da Conexão Ipiranga, um grupo que reúne representantes de órgãos públicos, ONGs e instituições privadas que atuam na mesma área da Subprefeitura do Ipiranga. Recebemos a chancela do Projeto Salas Verdes do Ministério do Meio Ambiente e, a partir daí, construímos, no quintal da minha casa - Gilda (Rua Maranjaí, 641), um espaço baseado no conceito de horta agroflorestal. O imóvel já possuía um sistema de captação de águas da chuva, mas foi potencializado com outro sistema de irrigação, que facilitou as tarefas do dia a dia. Dois membros do grupo, Sandro e Ricardo, que não eram arquitetos nem pedreiros, elaboraram do zero um desenho de como ficariam os canteiros com acesso a crianças e pessoas idosas e “puseram a mão na massa”. Esta etapa ocorreu antes da pandemia da covid-19 e terminou alguns meses antes, dando tempo de inaugurarmos o novo espaço. Também já havia, no local, uma casinha sustentável, construída reaproveitando todos os materiais de construção que foram descartados em outras pequenas reformas da propriedade. Dentro da visão sistêmica, fizemos os canteiros elevados em tijolinho à vista, em forma de semi-mandala (ou “sinal de wi-fi”, como os apelidamos), acessíveis para crianças e adultos para o plantio consorciado de alta biodiversidade de hortaliças, como plantas alimentícias não convencionais, temperos, tubérculos, raízes (incluindo variedades indígenas), aproveitando também as frutíferas já existentes (manga, jaboticaba, pitanga, goiaba).

Os recursos financeiros para materiais de construção, hidráulica, elétrica, mão-de-obra e insumos para a horta foram aportados por mim, Gilda Giovannone. Também criamos uma composteira por vermi-compostagem para reaproveitamento dos resíduos orgânicos da casa e alimentar os canteiros. Tudo é reaproveitado na horta. A separação dos resíduos sólidos está destinada à coleta seletiva da prefeitura que acontece às segundas-feiras. Durante a pandemia da covid-19, todas as atividades presenciais ficaram suspensas. Desde a implantação, realizamos oficinas de plantio, ciclo de vida das plantas, introdução das plantas alimentícias não convencionais na alimentação, construção de brinquedos com recicláveis, jardinagem, brincadeiras tradicionais, Gincana dos 5 Erres, Biodetetives em ação, compostagem e alimentação saudável, usando como método a ecologia profunda, onde abordamos o pensamento sistêmico, a interação entre os seres vivos, o cuidado e respeito pelo solo, pelas plantas, pelo outro e pelo planeta. As oficinas são formatadas levando em conta o público que será atendido. A parceria com o Centro Psicossocial Infante-Juvenil Ipiranga ocorre uma vez por mês.

O espaço físico que a Horta Pedagógica ocupa é de 75,40 m², aproximadamente.

DESAFIOS

O desafio inicial foi transformar em horta um quintal cheio de entulho e pedras de construções antigas que existiam no local e foram derrubadas. Foram muitos dias de retirada de entulhos e destinação correta ao ECOPONTO da prefeitura. Durante as chuvas, não se podia trabalhar e, muitas vezes, tivemos que suspender os trabalhos. Isso fez demorar mais tempo do que prevíamos.



Além desse espaço, temos um salão multiuso com banheiros, uma pequena cozinha e uma Sala da Memória, onde expomos objetos antigos, alguns com mais de 80 anos, que contam a história da família que ocupou a casa. Hoje, devido à configuração da horta, estamos impossibilitados de ampliar nosso público para pessoas com mobilidade reduzida, especialmente para deficientes visuais e cadeirantes.

INOVAÇÃO

A proposta inovadora deste projeto consiste na abordagem intergeracional. Focamos na ideia de troca de aprendizado entre as diversas idades e temos tido relatos maravilhosos de mães, avós, crianças que nos dão o retorno de que as ações estão beneficiando muito a saúde mental dos participantes.



5.2.24 Horta da FMUSP

Autores: Paulo Sergio Zembruski, Thais Mauad, Katia Dantas, Regiani Carvalho de Oliveira, Marcia Kurusly

Eixo 3: Sustentabilidade ambiental e gestão eficiente de resíduos na agricultura urbana e periurbana

Local/Município: São Paulo/São Paulo

Nome da entidade ou órgão participante: Faculdade de Medicina da USP

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Com o intuito de fomentar ações de sustentabilidade no campus da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), em junho de 2013, em iniciativa voluntária, foi iniciado o projeto Horta da FMUSP. No primeiro mutirão participaram funcionários do complexo



funcionário dedicado à Horta para podermos pensar em mais projetos relacionados à saúde e a horta.

INOVAÇÃO

A iniciativa de uma horta dentro da Faculdade de Medicina da USP trouxe a questão inovadora do plantio urbano, da biodiversidade alimentar (plantas alimentícias não convencionais) e da alimentação como fonte de saúde para toda a comunidade FMUSP, incluindo as nutricionistas dos diversos hospitais do complexo. Somos a primeira escola médica a oferecer o curso de medicina culinária no Brasil.



5.3 REGIÃO SUL

5.3.1 A Implementação do uso de plantas medicinais em uma unidade básica de saúde: relato de experiência

Autores: Kelen de Moraes Cerqueira; Angela de Siqueira Camejo; Giovana Mendes; Humberto Vianna; Sidney Gonçalves Vieira; Teila Ceolin

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Pelotas/RS

Nome da entidade ou órgão participante: Universidade Federal de Pelotas

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A industrialização e a urbanização repercutiram em grandes mudanças sociais, entre elas a medicalização da saúde. Esse processo pode ser compreendido como o aumento da intervenção biomédica por considerar comportamentos e experiências naturais do ser humano, como problemas médicos. A Atenção Primária à Saúde é uma estratégia para combater a medicalização, e o uso de plantas medicinais pode contribuir para a prevenção quaternária e a humanização da saúde ao oferecer outra possibilidade de cuidado. A partir da recomendação da OMS em considerar as plantas medicinais nos planos terapêuticos (ALMA-ATA, 1978), implementou-se uma horta na UBS Areal Leste, uma ação do projeto multidisciplinar de Práticas Integrativas e Complementares UFPel/Areal Leste, iniciado em fevereiro de 2021, através da iniciativa de três servidoras: uma médica, uma nutricionista e uma enfermeira. O objetivo do projeto era promover o uso de PICS e plantas medicinais na APS; incentivar o autocuidado através do consumo de hortaliças de cultivo domiciliar e fomentar a compostagem de lixo orgânico para a promoção de saúde comunitária e ambiental. Para a construção da horta, houve a colaboração do Projeto Hortas Urbanas. Em seguida, foram escolhidas as plantas que pudessem ser indicadas para as afecções mais prevalentes na rotina de atendimentos da UBS e que estivessem inseridas no bioma da região. Como a coordenadora do projeto é cientista política, utilizou-se a teoria de Anja Jakobi (2009) para a implementação da proposta: disseminação discursiva (palestras em sala de espera e oficinas para experimentação dos chás), formação de padrões (disponibilizou-se em todas as salas de atendimento um manual com indicação e posologia das plantas medicinais cultivadas) e assistência técnica (capacitações ofertadas periodicamente à equipe de saúde [profissionais e estagiários] e aos usuários da UBS).

DESAFIOS

O desafio encontrado foi a falta de recursos financeiros para a construção do espaço de preparação de fitoterápicos, mas foi superado com o apoio de empresários locais. Assim, o envolvimento popular constituiu a força motriz neste processo. As ações continuam acontecendo e o uso das plantas medicinais incorporou-se totalmente na rotina de atendimentos, impactando positivamente na medicalização observada até então nos planos terapêuticos. Nos casos de ansiedade e depressão leve, as plantas medicinais são utilizadas, ao invés do uso precoce de antidepressivos. Óleos cicatrizantes produzidos com plantas medicinais são utilizados em todos os curativos, e a aceitabilidade dos usuários pelo uso de plantas medicinais isoladas ou concomitante com alopátia é de 100%. Mudanças das plantas medicinais são produzidas para serem distribuídas aos pacientes, promovendo o seu cultivo domiciliar, e técnicas de compostagem são promovidas em todas as oficinas. O uso de plantas medicinais, apesar de estar no contexto sociocultural do povo gaúcho, ainda é uma novidade no âmbito dos atendimentos em saúde.

INOVAÇÕES

Dessa forma, as ações do projeto promoveram o resgate de conhecimentos ancestrais, humanizaram o cuidado, prevenindo a medicalização, e proporcionaram o trabalho interdisciplinar na implementação de uma política pública: a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.



5.3.2 Atuação da Fazenda Urbana de Curitiba na difusão da agricultura urbana e periurbana junto a serviços de saúde e assistência social

Autores: Gabriel Ollé Dalmazo, Wilians dos Santos Silva, Lilian Fernanda de Macedo, Felipe Thiago de Jesus.

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Curitiba/PR

Nome da entidade ou órgão participante: Secretaria Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O uso terapêutico de práticas agrícolas é conhecido de longa data, sendo que atualmente o principal público das hortas comunitárias são pessoas de idade com motivações ocupacionais. Da mesma forma isso se aplica às hortas institucionais. No entanto, nesses locais, a presença das hortas cumpre principalmente a função terapêutica, sendo esta a estratégia principal. A implementação de hortas nesses locais cumpre uma estratégia planejada de atendimento terapêutico. Devemos lembrar que o programa Fazenda Urbana (FU) é contemporâneo às hortas urbanas (comunitárias, escolares e institucionais), sendo um local de encontro, capacitação e difusão de práticas de agricultura urbana com base agroecológica. Logo, todas as instituições de saúde que possuem hortas, ou planejam possuir, são naturalmente atraídas ao espaço da FU, tornando-se praticamente uma parada obrigatória para todos aqueles que visam ter ações de agricultura com suporte municipal. Desta forma, podemos afirmar que a procura por atividades na FU pelas instituições ocorreu de forma natural, sendo integrada à agenda de atividades do espaço, como visitas guiadas e capacitações.

Como objetivo principal, temos o foco nas capacitações, garantindo o uso adequado dos insumos fornecidos para instituições apoiadas pelo programa de agricultura urbana (AU) de Curitiba, aumento de consciência sobre o ciclo dos alimentos, possibilidades econômicas de AU e benefícios da produção local, favorecendo as cadeias curtas de produção.

A recepção dos grupos CRAS, CREAS, UBS, e ONGs é mediada pelos núcleos regionais do Município, sendo hoje 10 no total. Esses núcleos direcionam os coordenadores das instituições e informam sobre a atuação da FU. A iniciativa de contato e agendamento de visitas, treinamentos e vivências parte desses coordenadores. A popularização da existência e propósito do Programa FU acaba por trazer espontaneamente o interesse dessas instituições, que enxergam potencial e alinhamento com suas práticas ocupacionais. Portanto, a recepção desses grupos faz parte da atuação normal da FU, não existindo busca ativa ou reserva de tempo e espaços especificamente a esses grupos.



Como já mencionado, a proposta de atuação da FU é a difusão das práticas de agricultura de base agroecológica no meio urbano e periurbano e seus benefícios sociais, ambientais e de segurança alimentar. Essa difusão é feita de forma geral a todos aqueles que se beneficiam e se interessam pelo tema. A atuação com grupos relacionados à saúde foi uma consequência, visto que esse público pode ter benefícios extras, relacionados à saúde mental e física, a partir da prática da agricultura. A recepção desses grupos ocorreu de forma natural e integrada à agenda de visitas, capacitações e cursos da FU. A equipe da Fazenda acolheu o público das instituições e sempre se esforça para adaptar a metodologia de ensino às necessidades especiais desses grupos.

As etapas descritas abaixo se referem ao fluxo de trabalho geral dentro da FU. Devemos lembrar que a atuação junto às instituições de saúde é uma das ações realizadas no espaço, não limitando-se a isso.

O atendimento na FU segue um fluxo conforme divisão descrita abaixo.

Criação do espaço: a idealização da FU foi permeada pelo conceito de ciclo do alimento e sistemas alimentares sustentáveis. Nessa lógica, relacionado ao ciclo do alimento, foram criados três “setores” principais no espaço físico da FU, sendo a PRODUÇÃO, o CONSUMO e o DESCARTE de resíduos. Nessa fase, foram realizados *workshops* para levantamento de demandas, ideias e contribuições conceituais, com participação de organizações públicas, privadas, conselhos e do terceiro setor.

Definição das capacitações: seguindo os preceitos da agroecologia e da sustentabilidade, foram pensados uma série de temas alvo de capacitações como técnicas de compostagem, conhecimentos básicos de manejo do solo, manejo de abelhas sem ferrão, controle alternativo de pragas e doenças e outros. Esses temas também foram discutidos na fase de concepção conceitual da FU, durante os *workshops*, e atendem as demandas dos hortelões atendidos pelo Programa de AU de Curitiba, assim como a população urbana em geral, que transmite seus anseios.

Operacionalização do espaço: nessa fase, chegamos ao objetivo principal da FU, ser um centro de referência em produção sustentável de alimentos, um *hub* para encontro de diversos atores da sociedade que acreditam nesses valores. Atualmente o espaço realiza um série de capacitações e visitas técnicas que são realizadas não apenas pelas equipes de servidores do município, mas também por vários atores da sociedade como: integrantes do sistema “S”, como o Senac, que realiza cursos quase que diariamente na cozinha escola da FU; O SENAR que usa o espaço da FU para a oferta de cursos técnicos em temas variados dentro da produção de alimentos; A Secretaria Municipal de Educação que traz regularmente turmas de crianças das escolas Municipais para visitas temáticas na FU; As *startups* que trabalharam e ainda têm presença na FU, ministrando cursos de compostagem principalmente; o IDR que ministra cursos dentro do espaço, como por exemplo treinamentos sobre enxertia de araucárias; entre outras ações.



No que se refere apenas ao atendimento de instituições de saúde, tivemos até o momento da inscrição aproximadamente 450 pessoas atendidas entre capacitações, visitas técnicas e encontros. Não existem mensurações de impacto pós-atendimento por parte da equipe da FU, apenas relatos apontando a satisfação e benefícios psicológicos das atividades. Podemos afirmar empiricamente, através das reações e relatos dos atendidos, que existem benefícios palpáveis dessas ações. Porém, entramos no universo do intangível.

Devemos considerar que as atividades são tópicas, não temos um programa continuado de atendimento a um grupo específico, como por exemplo uma “turma” que irá realizar uma série de capacitações ao longo do tempo, com resultados esperados. Nesse contexto, não temos um mapeamento de resultados de longo prazo.

A FU é um espaço construído com diversas instalações; logo, foi necessário aporte financeiro na obra, equipamentos para operacionalizar o espaço e recursos humanos. Sempre lembrando que a iniciativa atende a várias ações, não tendo sido idealizada apenas para atendimentos para serviços de saúde. A obra e operacionalização foram financiadas pelo Fundo de Abastecimento Alimentar de Curitiba (FAAC). Os recursos humanos são financiados pela Prefeitura de Curitiba.

A FU é um equipamento público de operação contínua. Os atendimentos a instituições de saúde são comuns e integram a agenda geral do espaço. O atendimento divide-se entre outros entes, como escolas municipais, estaduais, universidades, cursos técnicos, público das capacitações, comitivas de outras cidades e países, hortelões das hortas urbanas atendidas pelo Programa de Agricultura Urbana, visitantes das visitas guiadas e outros. Portanto, o atendimento a instituições de saúde é constante e integra a agenda geral do espaço.

Nas visitas ou capacitações técnicas sempre tentamos ajustar o nível de informação conforme as capacidades cognitivas ou grau de instrução dos participantes. As adaptações que fazemos geralmente se limitam a esses ajustes e são coordenadas com as equipes das instituições que levam o público até o espaço da FU.

DESAFIOS

Os desafios encontrados são referentes ao processo de transmissão do conhecimento para públicos com diferentes características ou limitações, como pessoas em fase de recuperação de vício em drogas. Muitas vezes encontramos obstáculos na didática a ser adotada para obter o melhor resultado. Pensando em cursos e capacitações, as soluções foram adequações do conteúdo repassado e das metodologias de ensino. Foi dada prioridade às aulas mais práticas e lúdicas e o contato dos atendidos com a terra. A compreensão e a empatia da equipe foram os fatores de sucesso, garantido boas experiências aos atendidos na Fazenda Urbana. A



variabilidade de públicos forçava adequações nas dinâmicas praticamente em tempo real, demandando adequações na fala (tanto no assunto como na entonação, dicção), na locomoção nos espaços (pessoas com dificuldades motoras), que, diga-se de passagem, possuem canteiros adaptados disponíveis na FU para as práticas de plantio. Devemos considerar que as visitas técnicas e capacitações eram tópicas, não havendo uma formação continuada do mesmo grupo. Nesse contexto, não havia grandes mudanças de estratégia e correções ao longo do processo.

INOVAÇÃO

Como já comentado, o fato de as ações serem tópicas implicou em adequações pontuais na metodologia de repasse dos conhecimentos e conceitos que trabalhamos. Foram usadas as metodologias padrão de ensino, como aulas expositivas e práticas. A heterogeneidade entre e intragrupos de alunos forçou adequações pontuais na abordagem, mas sem grandes inovações metodológicas. Entendeu-se que resultados melhores podem ser obtidos com formações continuadas desses grupos, no intuito de uma capacitação mais aprofundada daqueles indivíduos aptos a aplicarem os ensinamentos. Nesse cenário, podemos esperar que a atividade de agricultura urbana deixe de ser apenas terapêutica, mas torne-se também uma atividade econômica, considerando a melhoria das condições institucionais para essa prática nas cidades ao longo dos últimos dois anos.



5.3.3 Horta acessível CRAS São Braz

Autores: *Wilians dos Santos Silva; Lillian Fernanda de Macedo; Gabriel Olle Dalmazo.*

Eixo 1: *Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social*

Local/Município: *Curitiba - PR*

Nome da entidade ou órgão participante: *Secretaria Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (SMSAN)*

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A ação foi motivada pelo desejo do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do São Braz de fortalecer e diversificar as atividades do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), voltado para um grupo de 15 idosos. A ideia central era promover uma iniciativa que fosse tanto inclusiva quanto terapêutica, utilizando a horta como uma ferramenta para estimular o convívio comunitário, a autonomia e o pertencimento. O pedido partiu, formalmente, através de um ofício enviado pelo CRAS São Braz à Unidade de Agricultura Urbana da Secretaria Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (SMSAN), que fomenta a produção de hortaliças em áreas urbanas com fins educacionais, recreativos, culturais e terapêuticos. A Unidade de Agricultura Urbana analisou o espaço disponível e o perfil dos participantes antes de planejar a implementação dos canteiros.

A organização da ação foi baseada em um planejamento técnico prévio, que considerou tanto as necessidades físicas dos participantes (idosos, alguns com mobilidade reduzida) quanto o espaço disponível para o cultivo. Assim, a experiência foi cuidadosamente planejada para garantir acessibilidade, ergonomia e benefícios terapêuticos. A implementação incluiu a construção de canteiros acessíveis, específicos para o público atendido. Foram instalados dois canteiros: um do tipo “C”, específico para cadeirantes, e um do tipo mesa de cultivo, para que as pessoas possam realizar as atividades de plantio, manejo e colheita em pé. O CRAS São Braz também recebeu uma colmeia de abelha jataí (melípona), com o intuito de sensibilizar o grupo sobre o papel das abelhas nativas na polinização, e uma caixa de vermi-compostagem, para reaproveitar os resíduos orgânicos gerados no espaço, produzindo húmus.

O planejamento da experiência envolveu a Unidade de Agricultura Urbana, que forneceu o suporte técnico e os insumos agrícolas necessário para a implantação dos canteiros. Além disso, outros setores, como o CRAS São Braz e a própria comunidade de idosos, foram envolvidos diretamente no projeto. A Fazenda Urbana de Curitiba também teve participação, promovendo capacitações para a implantação e manejo da horta, reforçando o caráter educativo e ambiental da iniciativa.

A ideia de iniciar a horta surgiu com o CRAS São Braz, que identificou a necessidade de criar um projeto que integrasse os idosos e oferecesse um espaço de convivência e interação social. A Unidade de Agricultura Urbana aceitou prontamente a



proposta e forneceu o apoio técnico e os insumos necessários para a elaboração e implementação do projeto. A proposta foi bem recebida tanto pelos funcionários quanto pelos idosos que participam das atividades do SCFV, criando um ambiente de engajamento coletivo. O fato de a iniciativa ter como foco a inclusão e a acessibilidade fez com que os membros da equipe e os participantes se sentissem valorizados e motivados a contribuir para o projeto.

ETAPAS E SUJEITOS

O primeiro passo foi a análise técnica do espaço disponível no CRAS, realizada pela Unidade de Agricultura Urbana, que determinou a viabilidade dos canteiros e dos materiais necessários. Durante a implementação, houve a participação ativa de serviço terceirizado de serralheria, que instalou as estruturas dos canteiros nos locais definidos, e técnicos e estagiários da Unidade de Agricultura Urbana, que realizaram a colocação da terra preta, a adubação e a calagem dos canteiros. A Fazenda Urbana Curitiba promoveu, para os funcionários do CRAS e para os idosos que participam das atividades do SCFV, treinamentos sobre como cuidar dos canteiros e das hortaliças, além de instruir sobre a importância e os cuidados com as abelhas nativas (abelhas jataí) e a vermi-compostagem (reaproveitamento de resíduos orgânicos). Dessa forma, os idosos passaram a se envolver diretamente com o cultivo das hortaliças, acompanhando o crescimento das plantas, realizando atividades diárias como a rega, a retirada de plantas infestantes e a colheita, sob a orientação contínua da equipe do CRAS. A Unidade de Agricultura Urbana, quando solicitada pelo CRAS São Braz, realiza a doação de mudas, sementes e adubo para a manutenção do espaço.

O impacto foi tanto prático quanto social. De maneira imediata, a horta tem potencial para produzir 147,2 kg/ano de hortaliças, que serão usadas na alimentação dos participantes, promovendo segurança alimentar e nutricional. A longo prazo, a horta também se torna uma ferramenta pedagógica e terapêutica, promovendo inclusão, autonomia e interação social. O uso de canteiros acessíveis permitiu que idosos com dificuldades motoras participassem ativamente das atividades de cultivo.

Além disso, a implementação da colmeia de abelhas jataí sensibilizou os participantes para a importância das abelhas na polinização e, conseqüentemente, na produção de alimentos. A caixa de vermi-compostagem reforçou a prática da sustentabilidade, reaproveitando os resíduos orgânicos para a produção de fertilizante orgânico.

A fonte dos recursos financeiros para a aquisição das estruturas metálicas dos canteiros, bem como para a aquisição dos insumos agrícolas terra, adubo, calcário e mudas foi a Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC), por intermédio de emenda parlamentar e do Fundo de Abastecimento Alimentar de Curitiba (FAAC).

A horta foi pensada como uma ação contínua, envolvendo os participantes no cuidado dos canteiros, na produção constante de hortaliças e na manutenção da colmeia e da vermi-compostagem, sendo parte integrante das atividades do SCFV. A Unidade de





5.3.4 Hortas solidárias – promovendo saúde, inclusão, bem-estar social, geração de trabalho e renda

Autores: Denise Canesin e Maura Aparecida Fernandes de Oliveira

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Apucarana/PR

Nome da entidade ou órgão participante: Secretaria Municipal da Mulher e Assuntos da Família da Prefeitura de Apucarana

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Município de Apucarana, instalado político-administrativamente em 28 de janeiro de 1944, pertence à região do norte central do estado do Paraná e possui extensão territorial de 557.043 km², com área urbanizada de 39,87 km² (IBGE/2019) e arborização de vias públicas de 92,8% (IBGE/2010). Localizada no entroncamento entre as cidades de Londrina e Maringá, é o polo regional do Vale do Ivaí, ficando a 362,70 km da capital do estado, Curitiba. Possui IDH-M (Censo/2010) de 0,748 e uma população de 130.134 habitantes (IBGE/2022).



O município de Apucarana é uma cidade universitária com duas universidades públicas - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR e Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR - e duas faculdades particulares - Faculdade do Norte Novo de Apucarana, FACNOPAR e Faculdade de Apucarana, FAP. A cidade conta com uma ampla rede de ensino distribuída em rede particular, pública estadual e pública municipal. Segundo registros do IDEB, a rede particular conta com 21 estabelecimentos de ensino; a rede pública estadual atua em 18 colégios; a rede municipal tem 62 unidades entre centros municipais de educação infantil e escolas. Na infraestrutura da rede municipal, 100% das unidades fornecem alimentação; 97% contam com aparelhos de TV; 87% com laboratório de informática; 49% têm laboratório de ciências; 87% têm internet de banda larga para a aprendizagem. No Prêmio Band Cidades Excelentes de 2021, Apucarana recebeu o Primeiro Lugar Nacional em Educação; em 2023, ganhou o Prêmio de Melhor Educação no Estado do Paraná. O município possui ainda políticas públicas que englobam programas de proteção e garantia de direitos, capacitação profissional, geração de trabalho e renda, bem como outras ações de promoção do protagonismo da mulher e família. Nessa perspectiva a prefeitura municipal, através da Secretaria Municipal da Mulher e Assuntos da Família (SEMAF), instituiu através da Lei nº 161/2015 a Política Municipal de Fomento a Economia Solidária e, paralelo a isso, o Projeto Hortas Solidárias.

O Projeto Hortas Solidárias - promovendo saúde, inclusão e bem-estar social é parte integrante do Programa Municipal de Economia Solidária e Protagonismo Feminino da Secretaria Municipal da Mulher e Assuntos da Família de Apucarana (SEMAF), surgindo a partir da necessidade de um grupo de mulheres da melhor idade (acima de 60 anos), integrantes da Rede de Mulheres Solidárias que produziam hortaliças, plantas medicinais, suculentas e precisavam de uma área para o plantio. Com isso, em março de 2019 levantou-se a necessidade da criação de uma horta para atender essa demanda. Com a pandemia da covid-19 e a paralisação de todas as atividades em grupo, o projeto teve uma pausa; mas, em julho de 2020, foi retomado e trouxe novas perspectivas diante do cenário avassalador do "novo normal". O público-alvo, além das mulheres integrantes da Rede Municipal de Economia Solidária, passou a ser pessoas que, com a pandemia, perderam seus empregos e com o isolamento social, desenvolveram transtornos relacionados à saúde mental.

Dentro dessa perspectiva, define-se a primeira ação voltada para a implantação de Hortas Solidárias, e por meio de um processo participativo permanente, envolveu as Secretarias Municipais da Mulher e Assuntos da Família, Secretaria de Assistência Social, Secretaria do Meio Ambiente, Secretaria de Serviços Públicos, Secretaria de Agricultura, Autarquia Municipal de Saúde e Autarquia Municipal de Educação, buscando o bem estar coletivo, visando estimular a melhora dos ambientes e a interação entre as pessoas na comunidade, diminuindo a medicalização excessiva em pacientes acometidos por transtornos mentais, revitalizando espaços ociosos, oferecendo acesso a alimentos saudáveis e frescos e incentivando a geração de trabalho e renda das famílias em situação de vulnerabilidade, através de capacitações contínuas e treinamentos voltados para técnicas de manejo e desenvolvimento de produtos que auxiliam na produção de seus canteiros.



Inicialmente, o projeto contou com uma área de 1.800 m² para a implantação de uma horta piloto, onde teria a inserção de 10 famílias, surgindo então a Horta Solidária do Espaço Empreender. Atualmente, a horta possui 2.400 m² de área cercada e 3.056 m² de área externa, totalizando uma área de 5.456 m², atendendo 21 famílias e beneficiando 430 pessoas.

O Projeto Hortas Solidárias, ganha novos adeptos a cada dia; sob o olhar da psicologia, vem se transformando em terapia ocupacional junto a pacientes atendidos nas UBSS – Unidades Básicas de Saúde do município, através das hortas denominadas Hortas Acolher. Em parceria com a Autarquia Municipal de Saúde foram implantadas Hortas Solidárias em 12 UBS, localizadas nas mais diferentes regiões da cidade, totalizando 2.253 m². Na prática, a equipe da Unidade abraça o projeto e juntamente com os pacientes recebem orientações básicas e aprendem técnicas de plantio, cultivo e manejo de hortaliças, temperos e plantas medicinais. A implantação das Hortas Acolher objetiva a prevenção de situações graves de depressão, ansiedade, entre outros e oferece um espaço de calma e integração dentro de uma proposta de vida mais saudável e plena. Nas UBS onde o espaço para plantio é limitado o projeto é desenvolvido em pneus, embalagens plásticas e hortas verticais.

Dentro dessa mesma proposta, 11 são as Hortas implantadas dentro de instituições de ensino municipais e estaduais, com 563 m² de área cultivada chamada de Horta Educativa; em uma área de 2.521 m² estão as Hortas Integrativas, inseridas em instituições públicas e entidades OSC – Organização da Sociedade Civil; 177 m² é a área onde estão as Hortas de Quintal e 3.142 m² possui a Horta Solidária do Dom Romeu. Os espaços onde funcionam as Hortas Solidárias totalizam 41 unidades, que ocupam 14.112 m² de área cultivada. Nos locais onde elas foram implantadas podemos contar com infraestrutura urbana básica, iluminação pública, rede de abastecimento de água e coleta de lixo. Sendo assim, o projeto conta com 41 hortas em pleno funcionamento, e muitas delas contribuem voluntariamente na doação de parte de sua produção a diferentes instituições da cidade. Vale ressaltar que além das famílias integrantes do Programa Municipal de Economia Solidária e Protagonismo Feminino, a OSC Renascer (Prevenção e apoio às pessoas vivendo com HIV/AIDS) também está inserida na unidade piloto da horta solidária no Espaço Empreender, com 23 canteiros de 1x14 m, onde os usuários produzem hortaliças para consumo na instituição e atuam voluntariamente na manutenção dos canteiros de outras famílias, um trabalho de inclusão social e acolhimento de extrema importância. O Projeto conta ainda com a participação de estagiários do Colégio Agrícola Manoel Ribas, do curso Técnico Agrícola e Técnico Agropecuária, parceria firmada com a instituição de ensino desde 2021.

É imprescindível relatar que, com a implantação do projeto, as hortas solidárias beneficiaram diretamente o orçamento mensal das famílias envolvidas, uma vez que não existe mais a necessidade de comprar as hortaliças, resultando em redução de gastos, além de gerar renda complementar através da comercialização circular e em feiras da Economia Solidária. Outro fator relevante é a melhora gradativa nas questões voltadas à saúde mental dos participantes, uma vez que o projeto fortalece o convívio comunitário, trabalho em equipe e autogestão.



que perderam o emprego pós-pandemia, além de mulheres em situação de violência doméstica ou direitos violados, que são encaminhadas pelo Centro de Atendimento à Mulher (CAM), ou ainda aqueles que desenvolveram transtornos relacionados à saúde mental devido ao isolamento social. Hoje, este mesmo espaço teve um aumento de 56% de sua área cercada e mais 3.056 m² de área externa produzindo hortaliças, legumes, temperos e plantas medicinais para consumo próprio, e comercialização e doações semanais para diversas instituições e famílias em situação de vulnerabilidade social e insegurança alimentar. As 21 famílias inseridas na Horta do Espaço Empreender correspondem a aproximadamente 430 pessoas atuando e se beneficiando da produção.

O Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (COMSEA) tem destacado a importância do projeto para a promoção da segurança alimentar e nutricional, considerando que as hortaliças são cultivadas utilizando um sistema sustentável de proteção do solo e livres de agrotóxicos. Sendo assim, com os satisfatórios resultados e avanços alcançados, o projeto foi incluído no Programa Rede de Proteção Alimentar, desenvolvido pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Paraná (SEAB), que fez a cessão de recursos para ampliação e melhorias nas instalações das Hortas Solidárias Municipais.

Outra inovação é a parceria firmada com a Companhia Paranaense de Energia (COPEL) no Programa Cultivar Energia, em que será cedido ao projeto 18.000 m² de área correspondente à faixa de servidão sob a linha de transmissão de energia para a implantação de mais uma unidade de Horta Solidária que beneficiará 17 famílias.

Uma técnica inovadora está sendo adotada na unidade da Horta Solidária do Dom Romeu com a ampliação de 3.000 m² da área, utilizando o sistema de agroflorestas, que consorciará árvores frutíferas com hortaliças.

Até a presente data, o Projeto Hortas Solidárias totaliza 41 unidades em pleno funcionamento, somando 14.112 m² de área cultivada, beneficiando aproximadamente 4.127 pessoas.



5.3.5 Projeto Compostroca: integração de compostagem e agricultura urbana em Curitiba

Autores: *Lillian Fernanda de Macedo, Eng. Agrônoma; Gabriel Olle Dalmazo, Eng. Agrônomo; Luiz Guilherme Scharf, Gestor Público; Willians dos Santos Silva, Técnico Agrícola; Mauricio Neves Gikoski, Gestor Ambiental.*

Eixo 3: *Sustentabilidade ambiental e gestão eficiente de resíduos na agricultura urbana e periurbana*

Local/Município: *Curitiba - PR*

Nome da entidade ou órgão participante: *Secretaria Municipal de Segurança Alimentar - Prefeitura de Curitiba*

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A iniciativa foi motivada com a intenção de aprimorar a gestão de resíduos orgânicos e promover a sustentabilidade na produção agrícola em áreas urbanas. A criação da compostagem com o método do Compostroca surgiu como uma resposta à necessidade de destinação adequada para resíduos orgânicos, além de fomentar a educação ambiental e a agricultura urbana. O projeto foi meticulosamente planejado e estruturado pela Unidade de Agricultura Urbana, que realiza atendimento presencial nas hortas urbanas do município por meio de capacitações e fornecimento de insumos. Ao identificarmos a oportunidade de replicar essa ação em parceria com a startup Coletivo Ambiente Livre e a Fazenda Urbana, implementamos a atividade na horta comunitária. O principal objetivo foi aumentar a fertilidade do solo, facilitar a aquisição de insumos agrícolas através da prefeitura e reduzir o impacto ambiental por meio da diminuição dos resíduos encaminhados ao aterro sanitário.

O planejamento envolveu a participação de diversos setores, incluindo a Secretaria Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (SMSAN), por meio da Unidade de Agricultura Urbana e da Fazenda Urbana, além da startup Coletivo Ambiente Livre. A Unidade de Agricultura Urbana foi responsável pela infraestrutura (doação de caixa d'água), enquanto a Fazenda Urbana e a startup forneceram as capacitações necessárias aos agricultores urbanos. O apoio dessas instituições foi fundamental para assegurar o sucesso da iniciativa. Após a implementação da infraestrutura necessária e a participação nas capacitações, a própria comunidade assumiu a gestão do processo de compostagem de forma independente. Em caso de dúvidas ou necessidade de suporte técnico, a Unidade de Agricultura Urbana permanece à disposição para oferecer orientações. Além disso, são realizadas visitas técnicas periódicas para monitorar o andamento do sistema e garantir sua eficiência contínua.

A concepção do Compostroca foi apresentada pela startup Coletivo Ambiente Livre por meio de um chamamento público realizado pela Fazenda Urbana e, posteriormente, apresentado aos hortelões da Horta Sambaqui durante visitas técnicas conduzidas pela Unidade de Agricultura Urbana. A adesão dos participantes da horta e da equipe



técnica da Unidade foi prontamente aceita, uma vez que demonstrou facilidade de aplicabilidade no contexto da horta. Durante as capacitações e visitas, houve mobilização comunitária e organização eficaz no manejo da compostagem, o que se revelou bastante positivo. Os participantes reconheceram a importância de sua contribuição para o projeto e compreenderam o valor do sistema na redução de custos com fertilizantes e na melhoria do manejo de resíduos, além de promover a produção de alimentos saudáveis sem o uso de agrotóxicos. Constatou-se um engajamento coletivo, com todos os envolvidos comprometidos com a execução do projeto.

O trabalho envolveu as seguintes etapas:

1. definição do sistema Compostroca e identificação da Horta Sambaqui como local piloto, por ter uma liderança comunitária/coordenador da horta, com um perfil mais adequado para implantação da compostagem
2. mobilização da comunidade participante e entrega dos insumos
3. capacitação técnica prática dos hortelões e instalação das caixas de compostagem
4. processamento dos resíduos provenientes da horta e produção de composto orgânico. Os sujeitos diretamente envolvidos incluíram a equipe da Agricultura e Fazenda Urbana, os agricultores da Horta Sambaqui e a startup Coletivo Ambiente Livre
5. acompanhamento técnico conforme demanda para sanar dúvidas do processo

A experiência tem um impacto significativo, tanto na redução de resíduos orgânicos quanto na melhoria da fertilidade do solo. O alcance do projeto envolveu cerca de 320 pessoas, beneficiando a comunidade com alimentos mais saudáveis e promovendo uma maior consciência ambiental. O sistema é capaz de produzir 6.000 kg/ano de húmus que poderão ser incorporados aos canteiros de cultivo, contribuindo para a produção de legumes e verduras. A longo prazo, a expectativa é que o sistema contribua para uma agricultura mais sustentável e replicável em outras hortas comunitárias.

Houve necessidade de recursos financeiros para a implementação, incluindo a compra das caixas de compostagem (caixas d'água) e placa educativa, ambas providenciadas pela Unidade de Agricultura Urbana de Curitiba. O financiamento foi parcialmente coberto pela Agricultura Urbana através da Secretaria Municipal de Segurança Alimentar e emendas parlamentares, ficando apenas o custo diretos referente à mão de obra e cepilho para a horta comunitária, os quais são compartilhados e divididos entre os agricultores da horta comunitária que participam e desenvolvem o projeto.



A iniciativa não foi uma ação pontual, pois o sistema Compostroca será continuamente utilizado na Horta Sambaqui. A Agricultura e a Fazenda Urbana e a startup Coletivo Ambiente Livre continuarão a monitorar e ajustar o sistema conforme necessário e posteriormente o sistema será ampliado para demais hortas comunitárias do município. Durante a execução, a principal estratégia foi a capacitação e monitoramento contínuo dos agricultores e o ajuste do manejo dos resíduos orgânicos para evitar a produção de chorume. A decisão de expandir o modelo para outras hortas comunitárias também foi uma estratégia ajustada ao longo do processo, visando ampliar o impacto positivo do sistema.

DESAFIOS

Um dos principais desafios foi a gestão eficiente dos resíduos e a adesão inicial dos agricultores ao novo sistema. A solução foi oferecer capacitações práticas e envolver os agricultores no processo de aprendizado ativo, permitindo que eles vissem rapidamente os benefícios. Outra dificuldade foi manter a qualidade do húmus, resolvida com o ajuste na proporção de matéria seca e revolvimento dos resíduos para melhorar a aeração.

INOVAÇÃO

A principal inovação foi a simplicidade do sistema Compostroca, que utiliza caixas d'água para composteiras em série, minimizando a produção de chorume e acelerando o processo de compostagem. Além disso, o envolvimento direto da comunidade no processo educativo e de gestão de resíduos foi inovador para a agricultura urbana em Curitiba. O sistema poderá ser utilizado em outras hortas, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de gestão de resíduos sustentáveis e para a saúde pública, com reflexos positivos na qualidade de vida e no ambiente urbano.



5.3.6 Gestão de Resíduos Orgânicos

Autores: Jarbas da Silva

Eixo 3: Sustentabilidade ambiental e gestão eficiente de resíduos na agricultura urbana e periurbana

Local/Município: Cachoeirinha – Rio Grande do Sul

Nome da entidade ou órgão participante: Prefeitura Municipal de Cachoeirinha

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O município de Cachoeirinha, localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, possui características que combinam urbanização intensa e áreas subutilizadas. Embora o Plano Diretor classifique todo o território como urbano, cerca de 300 hectares sob as linhas de transmissão de energia elétrica permaneciam como espaços improdutivos, frequentemente usados para descarte irregular de resíduos. Diante dessa realidade, a administração pública lançou o Projeto Semear, uma iniciativa inovadora para transformar essas áreas em polos de produção de alimentos, promovendo a agricultura urbana e periurbana.

O projeto foi estruturado em etapas bem definidas. Inicialmente, equipes técnicas visitaram municípios que já implementaram iniciativas similares, acumulando conhecimento e experiência. Em seguida, foi estabelecida parceria com a companhia de transmissão de energia elétrica, garantindo o uso das áreas por meio de contratos claros. Após a limpeza e preparação do solo, lotes de 600 m² foram distribuídos para agricultores urbanos e periurbanos, com suporte técnico da prefeitura e da Emater.

A produção nos lotes é destinada tanto à subsistência quanto à comercialização do excedente, promovendo segurança alimentar, geração de renda e inclusão social. O projeto também incorporou estratégias de gestão de resíduos orgânicos. Restos de podas de árvores, antes enviados ao aterro sanitário, agora são transformados em adubo orgânico. A proposta futura inclui uma compostagem em escala industrial, utilizando resíduos sólidos orgânicos de mercados, feiras e outros estabelecimentos para a produção de húmus de alta qualidade.

Desde 2006, o projeto evoluiu continuamente, incorporando novas ações, como hortas escolares, fitoterapia aplicada à saúde pública e apoio a povos originários.

DESAFIOS

Embora o projeto não tenha enfrentado grandes obstáculos estruturais, o principal desafio foi ampliar o engajamento dos diversos atores envolvidos, como agricultores, gestores públicos e a população em geral. Isso foi superado ao longo do tempo com diálogo e planejamento participativo. O processo



se mostrou resiliente, mesmo diante de mudanças, como evasões e novas adesões de beneficiários.

INOVAÇÃO

A principal inovação do Projeto Semear está na transformação de áreas urbanas improdutivas em espaços de alta relevância social, ambiental e econômica. Além da produção de alimentos, a iniciativa integra ações de saúde pública, educação ambiental e manejo sustentável de resíduos orgânicos. A inclusão de tecnologias simples, como a trituração de podas e a compostagem, resultou em soluções econômicas e ecológicas. O projeto também impulsiona práticas como fitoterapia e extração de óleos essenciais, agregando valor ao impacto gerado.

Essa abordagem destaca o papel do município de Cachoeirinha como referência em agricultura urbana e periurbana, promovendo qualidade de vida e sustentabilidade no contexto metropolitano.



5.3.7 Horta comunitária urbana, a experiência do Centro de Referência da Assistência Social-CRAS Ampliado Restinga

Autores: Francine Guntzel Pinto e Ijanair dos Santos Seferin

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Porto Alegre, RS

Nome da entidade ou órgão participante: CRAS Ampliado Restinga

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O principal objetivo foi proporcionar aos usuários em situação de vulnerabilidade social a contemplação das condições de alimentação, o empoderamento da família agregando estratégias para seu fortalecimento, trabalhando a ideia de contato com algumas plantas, fomentar um espaço de reflexão e conscientização, trabalhando a sustentabilidade, pois não há desenvolvimento econômico sem desenvolvimento humano e social. A proteção social básica tem por objetivo prevenir as situações de risco, por meio de desenvolvimento das potencialidades e aquisições. Esse foi o fator que alavancou a ideia de criar não apenas uma ferramenta de trabalho, mas também um projeto que potencializa uma comunidade, dando suporte para os encaminhamentos das famílias atendidas e acompanhadas no território.

O impulso foi da assistente social Francine Guntzel Pinto, como uma tecnologia social que se fortaleceu com a participação de membros da equipe da instituição, bem como com a articulação destes com agentes externos: Prefeitura de Porto Alegre, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Horta da Parada 13 da Lomba do Pinheiro, Associação beneficente Amurt - Amurtel (OSC), Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e Centro Infante Juvenil Monteiro Lobato. O planejamento recebeu o respaldo técnico agroecológico de agentes externos somado ao conhecimento popular, em didática junto ao Grupo da Horta (GH), numa perspectiva participativa em atividades práticas, favorecendo a construção coletiva de conceitos e conhecimentos.

A experiência demandou estratégia de resiliência, reeditando-se enquanto grupo diante de desafios como a variação de integrantes e do quadro de membros da equipe, pandemia da covid-19, recessão econômica, sucateamento das instituições e, atualmente, as enchentes no RS. O projeto foi articulado previamente através de construção de maquetes e mapas que contemplavam cada equipamento com seu canteiro. Os usuários ao longo dos anos a chamaram de Organa, que, segundo eles, tem o formato de um girassol, o CRAS sendo a parte organizacional, os profissionais, e as famílias, as pétalas, sendo assim um organismo vivo.

A horta conta com muitos parceiros no Projeto, como: Projovem, Grupo de Convivência e Fortalecimento de Vínculos com Idosos, Projeto Horta Comunitária, Grupo de



Condicionalidades do Programa Bolsa Família, Emater, DMLU, Rock Solidarietà, IFES e a comunidade em geral, que está presente sempre. Além disso, realizam-se atendimentos e acompanhamentos individualizados, atendimento ao Cadastro Único para Programas Sociais, desenvolvendo ações no território para cadastramento das famílias. O CRAS Restinga é um CRAS Ampliado, abrangendo o SCFV de crianças de seis a 14 anos de idade; todos os serviços estão envolvidos no Projeto, contemplando os dias de feira e os dias de colheita. Os resultados foram somando-se ao longo dos anos através do estímulo de hábitos alimentares saudáveis, fortalecimento e o convívio comunitário, estímulo à cooperação e ao trabalho em equipe, incentivo aos participantes ao cultivo da horta em suas residências, priorizando a sustentabilidade, geração de renda através das oficinas de sal temperado e sabão com utilização de óleo saturado de cozinha de cooperativas, empoderamento das famílias, e fortalecimento de vínculos.

Com o projeto, esperava-se uma produção regular de mudas a serem utilizadas pela comunidade na horta e nas ações do território, uma produção regular de plantas medicinais e condimentares para uso da comunidade, hortaliças de qualidade para serem usadas pela comunidade na reeducação e enriquecimento alimentar. Mas o principal objetivo era estimular o convívio comunitário e o fortalecimento das famílias, o que com êxito se concretizou.

Ao longo de sete anos, houve muitos desafios e muitas conquistas. A Horta Comunitária do CRAS é uma referência para Porto Alegre. Muitas famílias se fortaleceram e se potencializaram com as ações realizadas nela e ainda o fazem. Algumas famílias foram desligadas do acompanhamento, mas preferem continuar acessando o grupo semanalmente.

Houve necessidades. Porém, como não tínhamos recurso, procuramos estabelecer parcerias com o IFES, que nos proporcionou a troca de saberes e materiais para lidar com a terra, como também nos forneceu composto, mudas e sementes. Articulamos parceria com a Emater, que foi fundamental para oficinas com as crianças, jovens e famílias.

A iniciativa de limpeza do terreno inicialmente foi de um pai, cujo filho frequentava o SCFV no CRAS. Após ouvir a proposta, se sentiu estimulado e, como ele sempre esperava as crianças, resolveu capinar e iniciar o projeto.

As estratégias proporcionaram aos usuários, que se encontram em situação de vulnerabilidade social, a complementação nas condições de alimentação, atribuindo uma forma de sustentabilidade e melhores condições de vida, agregando estratégias e fomentando o convívio familiar. Através da implantação do Projeto, fomentamos as condições para a geração de renda e melhoria da qualidade de vida de vários setores da comunidade, principalmente os mais carentes e sem trabalho, com a participação das mulheres e jovens, visando ações futuras na comunidade e o empoderamento do sujeito. Rompe-se com a visão restrita das conquistas individuais e fomenta-se a



necessidade de cooperação, resgatando e construindo uma nova forma de estimular o manejo adequado dos recursos naturais, agregando renda e qualidade de vida garantir a segurança alimentar e nutricional da comunidade, gerando renda e produzindo alimentos mais saudáveis, sem o uso de agrotóxicos, propiciando a renovação do solo, cultivo de plantas medicinais. Resgatamos e impulsionamos, como forma de geração de renda, antigas práticas da região de cultivo, extrativismo, e manejo de ervas e condimentos nativos da região, agregando novos conhecimentos para fins de consumo e comercialização através de cooperativas, propiciando conhecimentos teóricos e práticos de ervas, preparação do solo e cultivo, uso, secagem, separação e embalagem de ervas; produção de mudas, criando condições de produção de mudas para o uso da comunidade, de hortaliças e plantas. As famílias estão constantemente expostas a uma série de riscos de saúde física, mental.

A poluição do ar, da água, do solo e a degradação ambiental, a vizinhança com diferentes comunidades, muitas delas em situação de marginalidade urbana, a densidade demográfica da cidade e a dificuldade em garantir a geração de renda nos expõem a uma situação ambiental e física muito difícil e frágil. Por outro lado, a determinação de nossa comunidade em empreender o resgate, manutenção e fortalecimento de uso e cultivo de hortaliças e plantas medicinais e condimentares nos mobiliza a elaborar o presente projeto. Com este projeto conseguimos visualizar a melhoria da situação de vulnerabilidade social dos usuários atendidos e acompanhados no CRAS Ampliado Restinga, ação de trabalho e renda, melhoria da qualidade alimentar e nutricional, rompendo com o ciclo de insegurança alimentar; fortalecendo os vínculos de solidariedade e coesão social como forma de enfrentar seus adversários na garantia e controle sobre suas terras, a reprodução peculiar do modo de vida no território. Além disso, oportunizou o cultivo de uma horta comunitária como estratégia para fomentar e resgatar as necessidades básicas das famílias com base na agricultura ecológica por um período de sete anos (ainda acontecendo) e estabeleceu um espaço de produção de mudas de hortaliças, plantas medicinais, espaço de convivência familiar, oportunizando o vínculo com o equipamento e facilitando os encaminhamentos de demandas trazidas pelos usuários.

DESAFIOS

As expectativas em relação às famílias ainda estão impregnadas de idealizações. Sendo assim, responsabiliza-se apenas a instituição familiar por qualquer comportamento que esteja fora do padrão e pelas vulnerabilidades vivenciadas. O planejamento recebeu o respaldo técnico agroecológico de agentes externos, somado ao conhecimento popular, em didática junto ao Grupo da Horta (GH), numa perspectiva participativa em atividades práticas, favorecendo a construção coletiva de conceitos e conhecimentos. Os encontros são semanais, iniciados com roda de conversa livre. Há planejamento mensal na primeira semana do mês. Nos sete anos de atividades, foram vivenciados relatos se referindo à sensação de pertencimento, bem-estar, empoderamento,



qualidade alimentar, ancestralidade, horizontalidade. A horta proporcionou plantio, colheita, abastecimento, partilha, mudas, composto, comercialização. As matérias-primas, insumos e ferramentas são adquiridos por meios próprios, doação externa ou trocas. A experiência demanda estratégia de resiliência, reeditando-se enquanto grupo diante de desafios como a variação de integrantes e do quadro de membros da equipe, pandemia da covid-19, recessão econômica, sucateamento das instituições e, atualmente, as enchentes no RS. A recente configuração do GH desenvolveu a HCU como base de suas cadeias produtivas; o sabão e o sal temperados, ambos com o uso de ervas, e o primeiro reutilizando óleo, sendo o CRAS um ponto de coleta. Há o uso como viveiro de mudas pelo grupo Manas Mil, Lideranças em Gestão de Horta Comunitária Urbana, egressas do IFRS Restinga, a partir do Programa Nacional Mulheres Mil.

INOVAÇÃO

Entre os anos de 2017 e 2024, objetivou retratar a potencialidade da comunidade, destacando seus limites e possibilidades. Foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa que se deu por meio do estudo exploratório e do mapeamento e análise das publicações acerca do trabalho social com famílias. Neste sentido, este estudo não se esgota por aqui, havendo a necessidade de aprofundamento sobre este tema que apesar de ter sido alvo de diversos estudos ainda apresenta diversas lacunas a serem preenchidas. Através dos relatos das famílias observou-se também, através do seu perfil socioeconômico, núcleos vulneráveis. Desta forma, é fundamental conceber em que medida o acompanhamento às famílias em extrema vulnerabilidade ampliam o acesso aos direitos sociais através do projeto, possibilitando a escuta grupal, a interação com os outros usuários e o empoderamento através do grupo e das atividades propostas.



5.3.8 Hortas urbanas no contexto da curricularização da extensão: uma experiência dos estudantes de gestão do agronegócio do IFSC câmpus Lages

Autores: Fernando Domingo Zinger, Marisa Santos Sanson, Luciane Costa de Oliveira, Claudir Melo da Silva, Lilian Bianchini de Lima, Eduarda Lessa de Araújo de Souza

Eixo 2: Agroecologia no abastecimento urbano e no combate à insegurança alimentar e nutricional

Local/Município: Lages/ SC

Nome da entidade ou órgão participante: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, IFSC Câmpus Lages

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência a ser relatada é o desenvolvimento de hortas urbanas com baixo custo, com foco nas famílias que tiveram impacto alimentar durante a pandemia e aumento na vulnerabilidade social em Lages, SC. As atividades foram vinculadas às disciplinas de Atividades de Extensão V e VI, do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Agronegócio, onde os estudantes desenvolveram projetos de baixo custo, sendo cada grupo responsável pelo desenvolvimento de modelos de hortas e cultivo de espécies vegetais de baixo custo, além de cartilhas com passo a passo de como instalar as hortas, plantio, adubação, tratos culturais, irrigações e colheitas, além do máximo aproveitamento dos alimentos. Durante um ano, foram plantadas na estufa agrícola as seguintes culturas: alface crespa, alface americana, alface roxa, brócolis, couve-flor, rúcula, almeirão, ervilha, cenoura, batata inglesa, batata doce, couve-de-folha, espinafre, tomate cereja e abobrinha. Foram vários momentos em que os estudantes puderam organizar e aprender a dividir os conhecimentos com crianças e famílias dos bairros próximos ao IFSC, demonstrando que com espaços pequenos e dedicação, é possível produzir uma grande diversidade de alimentos, aproveitando espaços antes negligenciados nas casas por falta de conhecimentos técnicos. Esse projeto também teve como vantagens o resgate de técnicas de cultivo de alimentos, pois grande parte das pessoas nos meios urbanos desconhece totalmente a forma de plantar sua própria comida.

DESAFIOS

Os desafios foram mostrar às pessoas que existem detalhes técnicos para produzir alimentos o ano todo, como escolher corretamente as espécies e as fontes de adubos, que devem ser seguras e não possuir contaminantes; além é claro do clima, pois em Lages, situado na Serra Catarinense, o frio é um impeditivo muito grande para cultivar alimentos frescos durante o ano todo. Porém, com o cultivo protegido e a escolha correta das variedades, isso pode ser superado.



INOVAÇÃO

A principal inovação foi demonstrar que é possível o cultivo utilizando técnicas simples e adaptadas a pessoas que desconhecem totalmente formas de cultivo de alimentos, e que podem usar adubos orgânicos caseiros e recipientes que normalmente são descartados ou viram resíduos em lixões, mas que, sendo apropriadamente utilizados, podem ser uma excelente opção para a produção de hortaliças em pequenos espaços, principalmente as orgânicas.



5.3.9 Oficina Cultivando Vínculos / Horta Madre Siembra / CRAS Continente II

Autores: Silvana Cesconetto da Silva Garcia, Alvira Bossy, Julio Maestri, Ana Carolina Dionisio, Gloria Beatriz Koch Irulegui

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Florianópolis, SC

Nome da entidade ou órgão participante: CRAS Continente II - Secretaria Municipal de Assistência Social - Prefeitura Municipal de Florianópolis

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Em abril de 2021, nasceu a Horta Mãe Madre Siembra, no espaço do Centro de Referência em Assistências Social (CRAS) Continente II, no bairro Capoeiras, em Florianópolis. Suas raízes estão nas oficinas de hortas realizadas ainda no ano de 2018, sempre numa parceria entre CRAS e a ONG Cepagro - Centro de Estudos e promoção da agricultura de grupo. O objetivo, então, era ocupar espaços ociosos do CRAS com atividades que promovessem integração entre seus/as usuários/as. O CRAS Continente II tornou-se um espaço de exercício de cidadania, de acolhimento e pertencimento após o início das

atividades de agricultura urbana, agroecologia e segurança alimentar. Inicialmente foi realizada uma sensibilização da equipe do CRAS (assistente social, psicólogo, assistente administrativo e recepcionista). Posteriormente, foram divulgados para os usuários do território os dias de atividade semanal. Após a realização da limpeza do espaço, foram iniciados os primeiros canteiros; no início houve pouca adesão, mas aos poucos o grupo foi crescendo.

O envolvimento de toda a equipe do CRAS foi fundamental para o sucesso da horta. Conversar com a equipe do serviço sobre o projeto da horta é um passo importante, principalmente para divulgar aos usuários do CRAS. A parceria com a Cepagro também foi fundamental para o planejamento e execução das atividades.

No caso do CRAS Continente II, além da articulação das técnicas, o compromisso da equipe de vigilantes com a rega e a divulgação feita pelo pessoal da recepção colaboraram para o florescimento da horta e formação do grupo.

Inicialmente destacamos a importância de:

1. sensibilização e engajamento, tanto da equipe do equipamento quanto dos usuários que participam da atividade
2. parcerias; no caso do CRAS continente II, a parceria da Cepagro é fundamental para o desenvolvimento e continuidade da oficina da horta
3. começar pequeno, iniciar com poucos canteiros e acompanhar o crescimento do grupo para expandir os canteiros
4. divulgação, através das fotos dos encontros nas redes sociais bem como a própria sensibilização dos participantes que sempre convidam outros amigos, vizinhos ou conhecidos para participarem
5. atenção e acolhimento. No primeiro contato com um novo participante realizamos uma apresentação no grande grupo e mostramos a horta e acolhemos, sempre respeitando o tempo de cada um e os interesses. Muitas vezes os participantes se identificam com os canteiros elevados, pelos vasos de suculentas e folhagens e outras vezes buscam auxiliar na limpeza e rega dos canteiros
6. diálogo e participação: o que será plantado, quais oficinas serão realizadas, os sonhos e desejos de quem participa na horta, tudo isso pode ser compartilhado nas rodas de início e encerramento de cada encontro
7. café com prosa, o café servido ao final de cada encontro na oficina Cultivando Vínculos, mantém a turma animada a participar, além de ser um momento de confraternização



Atualmente, a Horta Mãe Madre Siembra reúne semanalmente um grupo de cerca de 30 pessoas que semeiam, cultivam e colhem alimentos e vínculos comunitários. Ali são produzidas hortaliças, temperos, chás, uma roça de milho, batatas e uma agrofloresta em estágio inicial. A cada quarta-feira, são colhidos cerca de 30 a 50 pés ou maços de alimentos, que são partilhados entre as famílias. Além de melhorar sua alimentação, as famílias participantes também fortalecem os vínculos comunitários e tecem ali uma rede de apoio mútuo entre os moradores do território do CRAS, possibilitando uma integração entre quem vive ali há mais tempo e as/os migrantes, em sua maioria venezuelanas/os.

A equipe do CRAS sozinha não daria conta de realizar a oficina, pois não há recursos para realizar atividades de agricultura urbana na assistência social, tampouco materiais e equipamentos. Foi necessária a parceria com a Cepagro para iniciar e posteriormente dar continuidade. Em 2020, o Cepagro articulou um apoio da Fundação Interamericana (IAF) para a Horta do CRAS. Ao longo de 2021, a horta envolveu cerca de 30 pessoas, em sua maioria mulheres, e contou com a parceria da Casa do Migrante, ONG Círculos de Hospitalidade, Ação Social Arquidiocesana e Associação dos Imigrantes de Santa Catarina. O SESC Cacupé e a Autarquia COMCAP doam composto orgânico. A secretaria municipal de assistência social fornece os lanches através de recursos próprios e de parceria com o PAA – programa de aquisição de alimentos.

Desde 2021 a horta só cresce em números de participantes e canteiros. Atualmente a oficina acontece todas as quartas-feiras no período vespertino e ocupa todo o terreno dos fundos do CRAS, se expandindo para os canteiros de entrada. É importante destacar o cuidado dos participantes em organizar e limpar os canteiros de flores, suculentas e de folhagens que encantam a todos que chegam para buscar atendimento no CRAS.

Em 2023, foi realizada uma oficina de agrofloresta urbana, onde foram plantadas espécies nativas e frutíferas como ingá, acerola, grumixama, bacupari e butiá no terreno do CRAS Continente II. Neste ano, uma oficina sobre plantas medicinais também foi realizada, um momento marcante que trouxe à tona memórias afetivas ligadas a chás, temperos, emplastos e outros preparados, muitas vezes feitos por avós. As plantas medicinais ganharam um cantinho especial na Horta. Em 2023 também teve início a compostagem, com a implantação de uma composteira em caixa d'água (Super R), que passou a receber os resíduos orgânicos gerados no CRAS e aqueles trazidos de casa pelos/as funcionários/as e usuários/as. Foram compostados cerca de 950 kg de resíduos orgânicos, transformados em adubo na composteira do CRAS Continente II.

DESAFIOS

Os desafios são inúmeros, desde a falta de servidores e facilitadores, até a falta de mudas para o plantio nos canteiros. Conforme já relatado anteriormente, a assistência social não dispõe de materiais e equipamentos para desenvolver atividades de agricultura urbana, sendo necessário estabelecer parcerias para buscar solução e desenvolver as atividades. Inicialmente os próprios servidores



doaram pás e enxadas; posteriormente com a parceria da Cepagro, foram sendo adquiridos outros equipamentos. Outras parcerias foram necessárias para conseguir mudas, composto e cepilho para manutenção dos canteiros. Houve momentos em que a Secretaria de Assistência Social não disponibilizou os lanches (por problemas em licitação e fornecedores), sendo necessário recorrer à Cepagro, que os disponibilizou. Também são realizadas oficinas com temas de interesse dos participantes: conservas e geleias, salgados assados, alimentação saudável, frutos do mar, massas congeladas, produção de materiais de higiene e limpeza, entre outros. No final de cada mês realizamos um bazar com roupas, calçados, cama, mesa e banho, onde os participantes podem levar os itens de seu interesse. Neste mesmo dia realizamos a comemoração dos aniversariantes de cada mês, proporcionando um momento de confraternização e acolhimento.

INOVAÇÃO

Além do acesso a alimentos saudáveis, são muitos os motivos para cultivar uma horta em equipamentos públicos, como Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) e Centros de Saúde. O fortalecimento de vínculos, a valorização do espaço público e a sensibilização ambiental são benefícios que a horta comunitária, aliada a políticas públicas, proporciona à população. No âmbito das políticas públicas, uma horta comunitária fortalece serviços previstos na proteção social básica, como o Serviço de Proteção e Atenção Integral à Família (PAIF), que possui caráter continuado com a finalidade de fortalecer a função protetiva das famílias e prevenir a ruptura de seus vínculos, garantindo o direito à convivência familiar e comunitária; e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), que tem caráter preventivo e proativo, realizado em grupos. Além disso, no caso do CRAS Continente II, que atende um grande público de migrantes, a Horta Mãe Madre Siembra representa também um espaço de acolhimento, convívio e rede de apoio, especialmente para as mulheres, que frequentemente vêm-se imersas na rotina de trabalho doméstico, tendo poucas possibilidades de socialização. A horta comunitária torna-se então essa porta aberta para convívio comunitário, prática do idioma e compreensão do funcionamento das políticas públicas de Assistência Social no Brasil.



5.4 CENTRO OESTE

5.4.1 Horta comunitária do Guará

Autores: Dahiana Oliveira Ribeiro Rodrigues, Ayanni Cristine de Mesquita Pontes, Aderly Alves de Oliveira, Ana Cláudia Rocha, Carlos Henrique Bonfim, Conceição de Maria Avelino Pereira, Elza Aparecida Pereira, Nivaldo Dias Ribeiro

Eixo 3: Sustentabilidade ambiental e gestão eficiente de resíduos na agricultura urbana e periurbana

Local/Município: Brasília/Distrito Federal

Nome da entidade ou órgão participante: Instituto Arapoti.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Horta Comunitária do Guará nasceu em 2006 como uma iniciativa transformadora para revitalizar uma área ociosa de aproximadamente 2.250 m² que apresentava diversos problemas sociais e ambientais. O projeto foi motivado pela necessidade urgente de transformar os centros urbanos em ambientes sustentáveis e criar um espaço de referência em práticas que buscam a sustentabilidade da vida. A implementação inicial foi fruto de um esforço coletivo, que envolveu a mobilização de voluntários, tendo como principais articuladores a administração da RA do Guará, a comunidade local, engenheiros, profissionais diversos e clubes de serviços como Lions Clube Guará e Rotary Clube, todos unidos pelo objetivo de criar um espaço verde e produtivo para a comunidade.

O planejamento da horta foi desenvolvido seguindo um modelo estruturado de crescimento contínuo, inspirado em experiências internacionais bem-sucedidas. O projeto se fortaleceu através de uma rede de parcerias intersetoriais fundamentais para seu sucesso. A Administração Regional do Guará ofereceu apoio institucional e cedeu a área para o projeto, enquanto o Centro de Saúde local integrou a horta ao programa Farmácia Viva do GDF, permitindo o cultivo de plantas medicinais para uso terapêutico. O setor educacional se envolveu através de parcerias com escolas públicas, promovendo a educação ambiental para estudantes. O Instituto Arapoti assumiu a gestão técnica do projeto, garantindo sua execução adequada, enquanto a NOVACAP e EMATER – DF contribuíram com doações de insumos essenciais para o desenvolvimento da horta.

O crescimento da iniciativa aconteceu de forma orgânica, começando com um pequeno grupo de voluntários dedicados e expandindo-se através do engajamento comunitário consistente. Atualmente, a horta conta com uma equipe robusta de



273 voluntários e 13 líderes comunitários que se envolvem ativamente em diversas atividades, desde o cultivo até a gestão do espaço. A adesão da comunidade foi fortalecida através de encontros quinzenais para plantio e colheita, que se tornaram momentos de aprendizado e convivência. A comunicação efetiva é mantida através de grupos de WhatsApp, onde são compartilhadas informações e experiências. Os lanches comunitários se transformaram em momentos especiais de socialização e celebração das colheitas, enquanto o sistema de gestão participativa garante que todas as vozes sejam ouvidas nas decisões sobre o projeto.

O desenvolvimento do projeto seguiu uma trajetória evolutiva marcada por diferentes fases importantes. Iniciou-se em 2006 com a mobilização inicial e limpeza da área, seguida pela estruturação cuidadosa dos canteiros e implementação do sistema de irrigação. Um marco significativo foi alcançado em 2017 com a implementação do Centro de Educação Ambiental, que expandiu significativamente o alcance educacional do projeto. Posteriormente, foram desenvolvidos projetos inovadores como o “Composta Guará” e o “Plantando o Futuro”, que ampliaram ainda mais o impacto da iniciativa. Todo esse processo contou com o envolvimento ativo de diversos atores, incluindo os voluntários da comunidade, que são o coração do projeto, a equipe técnica do Instituto Arapotí, que garante a qualidade das práticas agrícolas, os profissionais de saúde do posto local, que integram o projeto às práticas de saúde comunitária, educadores ambientais responsáveis pelas atividades formativas e jovens empreendedores que encontraram na horta um espaço para desenvolver seus projetos sustentáveis.

O impacto da Horta Comunitária do Guará tem sido significativo e multidimensional ao longo de seus anos de existência. Em termos quantitativos, o projeto já produziu mais de 25 toneladas de alimentos orgânicos, distribuiu 7.235 cestas de hortaliças e recebeu mais de 10.267 visitantes. O alcance do projeto vai além da produção de alimentos, estabelecendo-se como um importante centro de educação ambiental que já realizou 55 cursos e promoveu 155 encontros comunitários. A iniciativa ganhou reconhecimento através de 62 reportagens em jornais e TVs, além de receber nove premiações distritais e nacionais, incluindo o Prêmio Atitude Cidadã do Instituto Lixo Zero Brasil e o reconhecimento como Melhor Horta Comunitária de Bairro do DF pelo Prêmio Arapotí.

A sustentabilidade financeira do projeto tem sido construída através de diferentes fontes. Em 2017, a horta recebeu um importante prêmio financeiro do Concurso de Iniciativas Sustentáveis Urbanas da Secretaria de Meio Ambiente do DF, que possibilitou a construção do Centro de Educação Ambiental. O projeto também foi premiado pelo SEBRAE no Programa Cidade Empreendedora, na categoria Empreendedorismo Jovem, com o projeto “Composta Guará”. Além disso, a iniciativa conta com doações de parceiros e o trabalho voluntário da comunidade, que tem sido fundamental para sua manutenção. Um voluntário recebe ajuda de custo para cuidar diariamente da horta, garantindo sua manutenção contínua.

A horta mantém suas atividades de forma ininterrupta desde 2006, com um crescimento consistente em número de participantes e alcance de suas ações. A continuidade é garantida através de uma gestão participativa sólida, com 13 líderes comunitários que coordenam as diferentes atividades. O projeto demonstra sua sustentabilidade através da expansão constante de iniciativas, como o desenvolvimento do “Projeto Plantando o



Futuro” em 2023, que conquistou o primeiro lugar no Distrito federal no Concurso Cidade Empreendedora. Este projeto inovou ao formar jovens de 18 a 30 anos como Horticultores Urbanos, criando perspectivas de emprego e renda.

Ao longo de sua trajetória, a horta desenvolveu estratégias inovadoras para garantir seu sucesso e expansão. Uma das principais foi a integração com o programa “Farmácia Viva” do GDF, que permitiu o cultivo de plantas medicinais para uso terapêutico pela comunidade. O projeto também implementou práticas sustentáveis como três tipos diferentes de compostagem, sistema de captação de água da chuva e o programa “ECOGRANA”, conhecido como “dinheiro do lixo”, para promoção da reciclagem. A estratégia de formação continuada através do Centro de Educação Ambiental tem sido fundamental para multiplicar conhecimentos e formar novos agentes de transformação ambiental. Recentemente, o foco no empreendedorismo jovem tem aberto novas possibilidades, respondendo à crescente demanda do mercado do Distrito Federal por profissionais qualificados em horticultura urbana.

Estas estratégias são constantemente avaliadas e ajustadas durante os encontros quinzenais, onde a comunidade participa ativamente das decisões sobre os rumos do projeto, garantindo sua relevância e efetividade contínuas. A horta se consolida assim não apenas como um espaço de produção de alimentos, mas como um verdadeiro laboratório vivo de práticas sustentáveis e transformação social.

DESAFIOS

A trajetória da Horta Comunitária do Guará foi marcada por diversos desafios que exigiram resiliência, criatividade e trabalho coletivo para serem superados. Inicialmente, o maior desafio foi transformar uma área que era foco de problemas sociais e depósito de entulhos em um espaço produtivo. A solução encontrada foi a mobilização gradual da comunidade, começando com um pequeno grupo de voluntários dedicados que, através de mutirões regulares, limpavam e prepararam o terreno, demonstrando na prática o potencial de transformação do espaço.

A questão da segurança hídrica também se apresentou como um obstáculo significativo, considerando o clima seco do Distrito Federal e o alto custo da água. Para contornar esse desafio, a equipe desenvolveu um sistema inovador de captação de água da chuva e implementou técnicas de irrigação eficiente, incluindo o uso criativo de garrafas PET para autoirrigação. Esta solução não apenas reduziu custos, mas também se transformou em uma ferramenta educativa sobre sustentabilidade.

A manutenção do engajamento comunitário foi outro desafio crucial. A estratégia adotada foi a criação de uma estrutura de gestão participativa, com 13 líderes comunitários responsáveis por diferentes aspectos do projeto. A implementação



de encontros quinzenais com lanches comunitários fortaleceu os laços entre os participantes, e a criação de grupos de comunicação via WhatsApp melhorou significativamente a coordenação das atividades.

Um desafio particularmente complexo foi a sustentabilidade financeira do projeto. A solução encontrada foi diversificar as fontes de recursos através da participação em editais e concursos, resultando em importantes premiações como o Prêmio Cidade Empreendedora do Sebrae. Além disso, o desenvolvimento do projeto “Composta Guará” e “Plantando o Futuro” não apenas gerou recursos, mas também criou oportunidades de empreendedorismo para jovens da comunidade.

Uma iniciativa particularmente bem-sucedida para garantir a sustentabilidade financeira do projeto foi a criação do Bazar da Horta Comunitária. Este evento regular tornou-se uma importante fonte de recursos, permitindo a compra de insumos essenciais como mudas, sementes e adubos, além de viabilizar melhorias contínuas no Centro de Educação Ambiental e na infraestrutura geral do espaço. O Bazar não apenas contribui financeiramente para o projeto, mas também fortalece os laços comunitários e promove a economia circular local, demonstrando como soluções criativas podem surgir do próprio engajamento da comunidade.

A necessidade de conhecimento técnico específico foi superada através da formação continuada dos voluntários. O Centro de Educação Ambiental, construído em 2017, tornou-se fundamental nesse processo, oferecendo cursos e oficinas regulares. A parceria com profissionais especializados, como engenheiros e agrônomos voluntários, também contribuiu significativamente para a qualidade técnica do projeto.

A mudança mais significativa na abordagem do projeto foi a expansão de seu escopo inicial. O que começou como uma horta comunitária evoluiu para um centro de referência em práticas sustentáveis, integrando produção de alimentos orgânicos, educação ambiental, fitoterapia e empreendedorismo social. Esta adaptação respondeu às necessidades identificadas na comunidade e ampliou significativamente o impacto social do projeto.

Os desafios climáticos típicos do cerrado foram enfrentados com a adoção de técnicas de cultivo adaptadas ao bioma e o planejamento cuidadoso dos ciclos de plantio. A valorização das espécies nativas e o desenvolvimento de três diferentes sistemas de compostagem permitiram melhorar gradualmente a qualidade do solo e a produtividade da horta.

A pandemia da covid-19 trouxe novos desafios, mas também oportunidades. A equipe reorganizou as atividades para manter o distanciamento social necessário e implementar protocolos de higiene rigorosos e intensificou a distribuição de alimentos para famílias em situação de vulnerabilidade, reforçando ainda mais o papel social do projeto.



Hoje, os desafios continuam sendo encarados como oportunidades de crescimento e inovação. A experiência acumulada e a forte coesão comunitária construída ao longo dos anos permitem que novos obstáculos sejam enfrentados de forma colaborativa e criativa, mantendo a Horta Comunitária do Guará como um exemplo vivo de transformação social e sustentabilidade urbana.

INOVAÇÃO

A Horta Comunitária do Guará destaca-se por suas abordagens inovadoras, que vão além do cultivo tradicional de alimentos. Um dos aspectos mais inovadores é a integração entre diferentes dimensões da sustentabilidade: ambiental, social e econômica. O projeto desenvolveu um modelo único de gestão participativa com 13 líderes comunitários, criando uma estrutura organizacional que garante tanto a eficiência operacional quanto o engajamento comunitário efetivo.

Uma inovação significativa foi a criação do projeto “Composta Guará”, premiado pelo Sebrae, que transformou a gestão de resíduos em oportunidade de empreendedorismo para jovens. Este projeto não apenas resolve a questão do tratamento dos resíduos orgânicos, mas também gera renda e forma novos profissionais especializados em compostagem urbana. A iniciativa estabeleceu três diferentes sistemas de compostagem, criando um laboratório vivo de práticas sustentáveis que serve de modelo para outras comunidades.

O projeto “Plantando o Futuro”, reconhecido como primeiro lugar no Distrito Federal no Concurso Cidade Empreendedora, inovou ao identificar e responder a uma demanda crescente do mercado por horticultores urbanos qualificados. A formação oferecida vai além do conhecimento técnico tradicional, incorporando elementos de empreendedorismo e gestão sustentável, criando assim oportunidades profissionais no campo da agricultura urbana.

A integração com o sistema de saúde local através do programa Farmácia Viva representa outra inovação significativa. Ao cultivar plantas medicinais que são prescritas pelos profissionais do posto de saúde, a horta estabelece uma ponte única entre agricultura urbana e saúde pública, promovendo o uso da fitoterapia como alternativa terapêutica acessível.

O Centro de Educação Ambiental da horta inovou ao desenvolver metodologias práticas de ensino que combinam teoria e experiência direta com o cultivo. As oficinas e cursos ministrados utilizam o espaço como laboratório vivo, permitindo que os participantes aprendam fazendo, o que tem se mostrado particularmente eficaz na formação de novos agentes de transformação ambiental.



Em termos de tecnologias sustentáveis, o projeto desenvolveu soluções criativas como o sistema de captação de água da chuva e técnicas de irrigação com materiais reciclados, demonstrando como a agricultura urbana pode ser adaptada às limitações de recursos nas cidades. O uso de pneus reciclados para canteiros e garrafas PET para irrigação exemplifica como materiais descartados podem ser transformados em recursos produtivos.

Para o futuro, a experiência acumulada permite traçar estratégias ambiciosas de expansão. O projeto já serviu de inspiração para outras iniciativas no Distrito Federal e tem potencial para ser replicado em diferentes contextos urbanos. A metodologia desenvolvida, que combina produção de alimentos, educação ambiental, empreendedorismo e saúde comunitária, oferece um modelo completo para o desenvolvimento da agricultura urbana e periurbana.

O impacto na qualidade de vida dos participantes é notável e multifacetado. Além do acesso a alimentos orgânicos frescos, os voluntários, especialmente idosos e aposentados, encontram na horta um espaço de socialização e propósito. A atividade física regular no cultivo, combinada com a alimentação saudável e o contato com a natureza, promove benefícios significativos para a saúde física e mental dos participantes. Muitos relatam melhoria em quadros de depressão e ansiedade após se envolverem no projeto.

A horta também inova ao criar um modelo de economia solidária através de seu Bazar, que não apenas gera recursos para a manutenção do projeto, mas também fortalece os laços comunitários e promove a conscientização sobre consumo sustentável. Esta abordagem demonstra como a agricultura urbana pode catalisar transformações sociais mais amplas, criando ciclos virtuosos de desenvolvimento local.

Essas inovações demonstram que a Horta Comunitária do Guará vai muito além de um espaço de cultivo, constituindo-se como um verdadeiro laboratório de práticas sustentáveis e transformação social. O projeto continua evoluindo e adaptando-se às necessidades da comunidade, sempre buscando novas formas de ampliar seu impacto positivo na sociedade.



5.4.2 Rede de Hortos Agroflorestais Medicinais Biodinâmicos (RHAMB) na Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES/DF)

Autores: Marcos Trajano, Ximena Moreno

Eixo 1: Fortalecimento de práticas integradas em agricultura urbana e periurbana para saúde e assistência social

Local/Município: Brasília/Distrito Federal

Nome da entidade ou órgão participante: Secretaria de Estado de Saúde do DF.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Durante a epidemia por arboviroses no Distrito Federal, que ocorreu após a estiagem e crise hídrica entre 2015 e 2017, um médico de família e comunidade na Unidade Básica de Saúde (UBS) do Lago Norte iniciou um projeto em 2018 para implantar uma agrofloresta medicinal biodinâmica na unidade de saúde a partir da mobilização comunitária e participação social. A ação justificava-se pelo fato de as epidemias por arboviroses terem importante componente ambiental e a UBS acumular diversos resíduos sólidos e bens inservíveis. Ao contexto infeccioso, somava-se o aumento dos agravos de saúde mental e as consequências da insegurança alimentar e nutricional (Insan).

O objetivo principal da iniciativa era promover saúde, educação ambiental e organização comunitária, por meio de atividades regulares de cultivo do solo na UBS com vistas a implantar um sistema agroflorestal agroecológico (SAFA), sucessional, medicinal e biodinâmico. Buscou-se utilizar insumos presentes no local para melhorar a ambiência da UBS, de um local cheio de entulhos, resíduos descartados e com o solo degradado a um local rico em biodiversidade, com solo regenerado e que presta serviços ambientais e sociais à comunidade.

Após as chuvas, houve um planejamento, seguido da interlocução com a rede socioassistencial do território, e a comunidade foi convidada a participar da implementação. Compareceram mais de 50 pessoas dispostas a cooperar com a iniciativa e todo o processo de organização e das ações para realizá-la.

Inicialmente, além da comunidade, apoiaram a iniciativa um organismo socioagrícola chamado Chácara Bindu, a administração regional do Lago Norte, o Exército e aos poucos somaram-se a Associação Amigos da Floresta e o Mutirão Agroflorestal, que apoiaram com mudas e com a mobilização de pessoas para a participação nos mutirões.

Este processo, iniciado em 2018, pode ser retratado em etapas em uma linha do tempo:

1. planejamento da iniciativa no 1º semestre/2018

2. implementação da iniciativa no 2º semestre/2018



3. divulgação institucional e visita do Secretário de Estado de Saúde do DF (SES/DF) no 1º semestre/2019
4. primeira destilação pública de óleos essenciais no SUS com Fabian Laszlo, Rommel Sauebronn e Billy Moraes; apoio parlamentar pelo mandato da deputada Erika Kokay da Câmara Federal dos Deputados e participação na Cumbre Social para a COP 25 no Chile em 2019 no 2º semestre/2019
5. publicação em Diário Oficial do DF e determinação de expansão no 1º semestre/2020
6. destruição do HAMB Lago Norte e comoção comunitária e da opinião pública no 2º semestre/2020
7. articulação com a Fiocruz Brasília para oferta de uma Especialização em Cultivo Biodinâmico de Plantas Medicinais em Agroflorestas por emenda parlamentar, replantio do HAMB Lago Norte e ampliação com mais três HAMB, totalizando quatro no DF no 1º semestre/2021
8. articulação com EMATER/DF, SEAGRI/DF e NOVACAP para implantações no 2º semestre/2021
9. manutenção dos HAMB e publicação de relatos técnicos e científicos em 2022
10. oferta de um curso de aperfeiçoamento para servidores da SESDF pelo Colaboratório de Ciência, Tecnologia, Inovação e Sociedade (CTIS) da Fiocruz Brasília e ampliação do número de HAMB no DF para 14 no 2º semestre de 2023, com constituição da Rede RHAMB, que inclui uma escola da rede pública de ensino, novas publicações e participação em eventos científicos
11. implantação de HAMB no Hospital Universitário de Brasília e apoio a projetos junto com o CTIS na cozinha solidária do MTST e nos assentamentos Canaã e Gabriela Monteiro do MST no 1º semestre/2024
12. nova oferta de aperfeiçoamento pela Fiocruz Brasília e expansão da RHAMB para 25 no DF no 2º semestre/2024

Atualmente, são 25 HAMB distribuídas em 17 regiões administrativas (RA) das sete regiões de saúde do DF: Lago Norte, Plano Piloto, Varjão, Riacho Fundo, Candangolândia, Núcleo Bandeirante, Itapoã, São Sebastião, Jardim Botânico, Planaltina, Sobradinho,



Brazlândia, Ceilândia, Samambaia, Arniqueiras, Recanto das Emas e Santa Maria – todas com atividades comunitárias e cultivo de espécies medicinais, aromáticas e condimentares, madeiras, alimentícias convencionais e não convencionais, tóxicas e nativas, promovendo educação em saúde, ambiental e nutricional e espaços sagrados, solidários, seguros, saudáveis e sustentáveis em unidades de saúde da Atenção Primária à Saúde (APS), Secundária e Terciária. Mais de 120 espécies cultivadas e 8.000 m² de área recuperadas com oferta de insumo farmacêutico ativo vegetal para a manipulação de fitoterápicos e oferta na rede SUS/DF.

É importante destacar que a experiência se fortaleceu em suas últimas edições com a cooperação técnico-científica entre a Escola de Governo da Fiocruz Brasília (EGF-BSB), sob a coordenação do CTIS e a Gerência de Práticas Integrativas em Saúde (GERPIS/SES-DF), que faz parte da Coordenação de Atenção Primária à Saúde (COAPS/SES-DF).

Para a Fiocruz Brasília, a experiência ajuda a dar materialidade a vários de seus princípios e diretrizes. No âmbito da EGF-BSB, dialoga com a proposta de ser escola-rede e escola-ação com indissociabilidade da pesquisa-formação-trabalho. Assim, é integradora e colaborativa com outras instituições públicas, a exemplo da SES-DF, ampliando seu compromisso de formar profissionais para atuar no SUS e de ser inovadora pedagógica e metodologicamente, buscando contribuir para soluções endógenas às necessidades das pessoas que vivem em territórios com situação de vulnerabilidade.

O HAMB pode ser compreendido como uma tecnologia social que nos desafia a estabelecer o compartilhamento entre o conhecimento científico, tradicional e popular, assim como o diálogo entre saberes e práticas exercidas sobre os territórios onde vem sendo implantados. Neste sentido, a formação dos profissionais de saúde vem sendo feita sob as bases de uma educação crítica e emancipatória, com base nos princípios da antroposofia, da agroecologia, dos sistemas agroflorestais, do cuidado emancipador, com apoio da educação permanente. Os cursos contaram com emendas parlamentares da deputada Erika Kokay.

Atualmente há uma demanda total de 90 (noventa) unidades de saúde solicitantes de HAMB no DF, com 25 (vinte e cinco) atendidas, e há convites para parcerias com outros estados. Há previsão de continuidade das ações para os próximos quatro anos com financiamento da SES/DF.

A Chefe da Farmácia Viva da APS em Planaltina, farmacêutica Isabele Aguiar, tem promovido colheitas em HAMB estabelecidos, como no caso do HAMB Lago Norte, com vistas à produção de insumo farmacêutico vegetal (IFAV) para a manipulação de fitoterápicos oficiais.

Do ponto de vista das estratégias de ação, é importante frisar que a comunicação que inicialmente foi feita apenas pelas pessoas passou a ser feita com apoio da Assessoria de Comunicação (ASCOM) da SES/DF, o que qualificou sobremaneira o alcance da iniciativa. A presença da Fiocruz fortaleceu e estruturou o projeto em torno da Educação



Permanente em Saúde, permitiu a formação de uma rede e promoveu avanços com a cooperação de outros institutos, como o Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas da Unicamp (LAPACIS).

Publicar informações acerca desta iniciativa é importante pois pode contribuir efetivamente para a replicação da proposta devidamente adaptada às necessidades de cada território, além de contribuir para uma abordagem inovadora no cuidado em saúde com respeito às contribuições da agroecologia e antroposofia.

A tecnologia dos Hortos Agroflorestais Biodinâmicos também foi utilizada para implantação de iniciativas no setor comercial sul de Brasília com pessoas em situação de rua (PSR).

DESAFIOS

Diversos desafios tiveram de ser superados, como a concepção convencional sobre cuidado em saúde, que à primeira vista é divergente daquelas empregadas pelas bases teóricas dos cursos de formação vinculados aos HAMB, apoiados na agroecologia e da antroposofia. A proposta exige uma ampliação na concepção de cuidado, ampliando as práticas para uma compreensão mais integrativa e emancipatória do usuário.

Desafios técnicos também são enfrentados a cada ciclo, seja na SES/DF ou nos diversos espaços institucionais de implementação da proposta. Os Hortos necessitam de trabalho qualificado, insumos, equipamentos, por vezes maquinários e espaços adequados para a implementação. Em muitos casos, nossos setores e equipamentos não possuem características mínimas para implementação, o que exige um procedimento de adaptação, melhoria e adequação do espaço, assim como aquisição de insumos e equipamentos adequados para o sucesso da ação.

Conforme os resultados foram aparecendo, o foco foi se ampliando. No início era promover saúde por meio de ações de enfrentamento das arboviroses e a produção de IFAV. Mas, ao longo do tempo, recuperar o solo extremamente degradado e reconhecer o papel do HAMB no enfrentamento da Insegurança Alimentar e Nutricional (Insan) e criar espaços sagrados, solidários, seguros, saudáveis e sustentáveis demonstraram que o fortalecimento do vínculo entre as pessoas em relações virtuosas em torno da recuperação da biodiversidade e do convívio democrático passaram a ser resultados da grande inovação que é um HAMB. O que era metodologia se transformou em objeto de pesquisa, pelo grau de desafios que apresentava a partir das possibilidades que se abriam com os resultados no processo.

Para o enfrentamento destes desafios, muitas pessoas somaram e somam esforços a fim de que a proposta avance e se consolide, quer seja participando



de planejamentos e execuções, preparando solo, plantando mudas e semeando sementes de vida e cooperação: Marcos Trajano (médico de família e comunidade), Ximena Moreno (mestre em gestão ambiental e médica veterinária), Dra. Fabiana Mongeli Peneireiro (doutora em educação e agrônoma), Dr. Nelson Filice de Barros, coordenador do LAPACIS/Unicamp, professor titular (Unicamp) e sociólogo, e os especialistas em cultivo biodinâmico de plantas medicinais em agroflorestas que se somaram à equipe após a primeira oferta educacional: A farmacêutica Taize Peruzzo e os profissionais de educação física Rafael Ferreira e Renato Rocha. Atualmente a equipe é coordenada pela Dra. Socorro Souza e Dr. Wagner Martins, ambos do CTIS/Fiocruz Brasília, e apoiada na pesquisa pela Dra. Celina Roitman e o Dr. Luiz Felipe Lacerda. Na comunidade, os senhores Alencar Klos, Mário Machado, Arthur Macauba Palmeira e as senhoras Solange Passos, Aparecida Guerra, Maria Luiza e muitos outros importantes colaboradores. Na unidade de Saúde os senhores Antonio Moreira (agente de endemias), Edilberto Zacarias - in memoriam (técnico administrativo) e Felipe Tironi (farmacêutico).

Para superar o desafio da comunicação, para além do trabalho da ASCOM/SES-DF, foram feitos três vídeos de divulgação, sendo dois documentários realizados pelo videomaker Gustavo Pozzobon (<https://videosaude.icict.fiocruz.br/filmes/o-que-a-gente-aprende-com-a-floresta/> e <https://videosaude.icict.fiocruz.br/filmes/o-sus-cresce-como-as-plantas/>) e uma participação no documentário Agrofloresta no Meio do Caminho, da diretora Lorena Figueiredo (<http://www.documentarioagrofloresta.com.br/>).

A replantação após a destruição do HAMB Lago Norte foi um dos maiores desafios enfrentados.

Desenvolver ações regulares e manter as atividades ao longo dos anos, especialmente nos períodos de seca, mesmo sob os desafios da pandemia por SARS-CoV-2 e as epidemias de arboviroses de 2023/2024, exigiram muita dedicação de todos.

INOVAÇÃO

Embora existam diversas experiências de hortas e cultivos em unidades públicas de saúde, educação e assistência social, integrar o conceito de SAFA sucessional com a antroposofia e agricultura biodinâmica como cenários de produção do cuidado tem um novo sentido ao promover o encontro entre a produção do cuidado de modo coletivo por meio da transformação dos espaços públicos e equipamentos sociais onde se processam uma tecnologia social para a saúde. A horizontalidade e autonomia são vivenciadas de modo que há um verdadeiro encontro entre gestores, trabalhadores e usuários do sistema de saúde.



Os desafios são coletivos, e as soluções buscadas precisam ter o mesmo caráter de coletividade. Articular diversos pontos de rede como escolas, UBS, unidades especializadas e hospitais em uma rede de trabalho promove saúde para as pessoas, coletividades e para as instituições participantes. Assim, a inovação é partilhada e deve ser vista como patrimônio coletivo em prol da humanidade.

A metodologia de implantação e manutenção que busca a realização do trabalho em mutirões permite que as pessoas possam contribuir com o que conhecem e aprender e encontrar de acordo com suas buscas individuais e necessidades.

Outra inovação é produzir IFAV para fitoterápicos com tecnologia social, em regime biodinâmico a partir de princípios agroecológicos, que eleva o cuidado a uma dimensão que supera a abordagem individual ao promover a ciência em diálogo com as pessoas e com a diversidade. Igualmente, desenvolver consórcios vegetais adaptados a uma metodologia de cultivo capaz de superar as intempéries, como a seca, e com recursos extremamente escassos permitiu o desenvolvimento de uma tecnologia barata, eficaz e reproduzível que ancora a busca por soluções imediatas para problemas que pioram a cada dia no bojo da crise climática, o que é legado às futuras gerações de seres incluindo os humanos.

No relato dos profissionais de saúde percebemos também a inovação em suas práticas de cuidado, ampliando sua compreensão sobre saúde a partir de uma perspectiva mais integral e envolvendo os usuários como atores centrais do processo. Ademais, retomar a possibilidade de novamente interligar os cuidados em saúde com o contato direto com a terra e o convívio sistêmico com a natureza tem sido um forte elemento de inovação em saúde de usuários e trabalhadores.

A experiência tem atuado na sensibilização das pessoas quanto aos riscos à vida, do ponto de vista ambiental, e criado oportunidades para trabalhadores e gestores do SUS vivenciarem soluções das quais todos são autores. Essa nova etapa da consolidação do ideal da reforma sanitária brasileira não pode prescindir de medidas econômicas para salvaguarda dos biomas, nem esperar outra geração para fomentar soluções de baixo custo, acessíveis e que integrem os trabalhadores, suas famílias e seus sonhos à promoção da saúde no ambiente em que vivem.

Essa é a contribuição da Rede RHAMB para a saúde, educação e agricultura urbana e periurbana agroecológica (AUPA) e para as pessoas no Brasil e no mundo.





AGRADECIMENTOS



Essas experiências reafirmam o papel central da agricultura urbana e periurbana (AUP) como estratégia transformadora no combate à insegurança alimentar, promoção da saúde pública e fortalecimento da sustentabilidade ambiental no Brasil. Ao longo de sua estrutura, foram apresentadas experiências que ilustram o impacto positivo dessas iniciativas, evidenciando como a intersetorialidade e a colaboração entre governo, sociedade civil e academia podem contribuir para políticas públicas eficazes.

A AUP vai além de ser uma resposta local à insegurança alimentar; ela se configura como uma ferramenta essencial para a construção de sistemas alimentares mais resilientes, inclusivos e sustentáveis, alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)¹⁶. Expressamos nossa profunda gratidão aos gestores, técnicos, profissionais de saúde, agricultores e representantes das comunidades que, ao compartilharem suas histórias e práticas inovadoras, enriqueceram este material com exemplos inspiradores. Esses relatos demonstram, de forma contundente, o potencial transformador da AUP na promoção de uma sociedade mais equitativa, sustentável e comprometida com o bem-estar coletivo.

Reforçamos a importância de ampliar o apoio às políticas públicas e iniciativas de base comunitária externas à AUP, investindo em infraestrutura, capacitação técnica e disseminação de boas práticas.

¹⁶ ODS: Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes são os objetivos para os quais as Nações Unidas estão contribuindo a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil.



REFERÊNCIAS



BERTOLINI, A. M.; JAIME, P. C.; GIULIO, G. M. D. O papel da agricultura urbana e periurbana na segurança alimentar global do pós-guerra à crise da covid-19: novas perspectivas em justiça alimentar, saúde global e sustentabilidade. *Saúde e Sociedade*, v. 32, n. 3, 2023.

BRASIL. Decreto nº 11.700, de 12 de setembro de 2023. Institui o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana e o Grupo de Trabalho do Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana. Brasília: Casa Civil, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11700.htm. Acesso em 11 fev. 2025.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 64, de 4 de fevereiro de 2010. Altera o art. 6º da Constituição Federal para introduzir a alimentação como direito social. Brasília: Senado Federal, 2010. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/540667>. Acesso em 11 fev. 2025.

BRASIL. Guia Alimentar para a População Brasileira. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Plano Brasil sem Fome. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/brasil-sem-fome>. Acesso em 11 fev. 2025.

BRASIL. Portaria nº 467, de 07 de fevereiro de 2018. Institui o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana. Brasília: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/portaria/portaria-no-467-de-7-de-fevereiro-de-2018-sesan>. Acesso em 11 fev. 2025

BRASIL. Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Regional, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/agricultura-urbana>. Acesso em 11 fev. 2025.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Mapa da Fome da ONU. Insegurança Alimentar Severa Cai 85% no Brasil em 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/07/mapa-da-fome-da-onu-inseguranca-alimentar-severa-cai-85-no-brasil-em-2023?form=MG0AV3>. Acesso em 11 fev. 2025.

MONTEIRO, C. A.; CANNON, G.; MOUBARAC, J.; LEVY, R. B.; LOUZADA, M. L.; JAIME, P. The UN Decade of Nutrition, the NOVA food classification and the trouble with ultra-processing. *Public Health Nutrition*, v. 21, n. 1, p. 5-17, 2018.

MONTEIRO, C. A.; LEVY, R. B.; CLARO, R. M.; CASTRO, I. R.; CANNON, G. A new classification of foods based on the extent and purpose of their processing. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 26, n. 11, p. 2039-2049, 2010.



OLIVEIRA, D. A.; ANDRADE, S. M. Agricultura urbana e periurbana: uma estratégia para a segurança alimentar e nutricional. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 59, n. 1, p. 1-21, 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). *The State of Food and Agriculture 2020*. Roma: FAO, 2020. Disponível em: <http://www.fao.org/3/cb1444en/CB1444EN.pdf>. Acesso em 11 fev. 2025.

ONU. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). *Urban and peri-urban agriculture as a solution to food insecurity*. Roma: FAO, 2023. Disponível em: www.fao.org. Acesso em 11 fev. 2025

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. OMS caracteriza covid-19 como pandemia, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em 11 fev. 2025.

SILVA, J. C.; MATOS, M. C. Pobreza e desigualdade no Brasil: uma análise das condições socioeconômicas das populações rurais. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 37, n. 2, p. 1-21, 2020.

ONU. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). **The State of Food Security and Nutrition in the World 2025**. Roma: FAO, 2025. Disponível em: <https://www.fao.org/publications/fao-flagship-publications/the-state-of-food-security-and-nutrition-in-the-world/en>. Acesso em 11 nov. 2025



UF *m* G



**MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
E ASSISTÊNCIA SOCIAL,
FAMÍLIA E COMBATE À FOME**



DO LADO DO POVO BRASILEIRO

